

# Histórias dos mares da Bahia

Cyro de Mattos

Organização, prefácio e notas



**edits**  
Editora da UESC

COLEÇÃO  
NORDESTINA

# **HISTÓRIAS DOS MARES DA BAHIA**



## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

**Reitora** Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

**Vice-Reitor** Evandro Sena Freire

**Governador do Estado da Bahia** Rui Costa

**Secretário de Educação** Walter Pinheiro



## EDITUS - EDITORA DA

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

**Diretora** Rita Virginia Alves Santos Argollo

**CONSELHO EDITORIAL** Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

Cyro de Mattos  
Organização, prefácio e notas

# **HISTÓRIAS DOS MARES DA BAHIA**

Editus - Editora da UESC

Ilhéus - Bahia

2016

©2016 Cyro de Matos

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**Impresso no Brasil. Printed in Brazil.**

**Projeto Gráfico** EDITORA DA UFPB  
**Diagramação** Alencar Júnior  
**Revisão** Roberto Santos de Carvalho  
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

H673 História dos mares da Bahia / Cyro de Mattos,  
organização, prefácio e notas. - Ilhéus, BA :  
Editus, 2016.  
210 p. – (Coleção nordestina).

ISBN 978-85-7455-416-7

1. Contos brasileiros. 2. Literatura  
brasileira. I. Mattos, Cyro de, 1939-. II. Série.

CDD 869.9301

---

**EDITUS** Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

Editora filiada à:



*Espécie côncava de orbe me aturde, é o dia.  
Deixo a vista perder-se ao fundo da baía.  
Florisvaldo Mattos*

*Nós, os meninos, gritávamos e corríamos, e  
enquanto o sol descia, os guaiamus voltavam para  
o mangue, carapaças azuis brilhando quais  
escudos de guerreiros.  
Luís Henrique*

*Foi plantada no mar  
E entre corais se levanta.  
Myriam Fraga*

# SUMÁRIO

|                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>PREFÁCIO</b><br><b>PELOS MARES DA BAHIA</b><br>POR CYRO DE MATTOS ..... | 9  |
| <b>1 O PESCADOR</b><br>ALEILTON FONSECA.....                               | 13 |
| <b>2 PRAIA</b><br>ARAMIS RIBEIRO COSTA.....                                | 25 |
| <b>3 JÁ VAI LONGE O TEMPO DAS BALEIAS</b><br>CARLOS RIBEIRO.....           | 37 |
| <b>4 SOMENTE ELE ESCUTOU A FÚRIA DO MAR</b><br>CYRO DE MATTOS.....         | 45 |
| <b>5 UM SIMPLES FAROL NO MAR</b><br>DIAS DA COSTA .....                    | 63 |
| <b>6 OS LAMPADÁRIOS DO CÉU</b><br>GLÁUCIA LEMOS.....                       | 75 |
| <b>7 OS OLHOS DO CRISTO DE PEDRA</b><br>GUIDO GUERRA.....                  | 85 |
| <b>8 QUATRO MINICONTOS</b><br>HELENA PARENTE CUNHA .....                   | 93 |

## **9 NO MAR DA BAHIA**

HÉLIO PÓLVORA ..... 103

## **10 O BOM ROBALO DE COMPADRE EDINHO**

JOÃO UBALDO RIBEIRO ..... 117

## **11 O PEIXE VERMELHO**

JORGE MEDAUAR..... 129

## **12 VENTANIA**

LUÍS GARBOGGINI QUAGLIA..... 141

## **13 TODAS AS LUZES DO MAR**

RICARDO CRUZ..... 153

## **14 NA ILHA**

RUY ESPINHEIRA FILHO ..... 173

## **15 O MAIÔ E A ROSA**

VASCONCELOS MAIA ..... 189

## **16 A NOIVA DO GOLFINHO**

XAVIER MARQUES..... 195

## **POSFÁCIO**

## **CONTOS DOS MARES DA BAHIA**

GERANA DAMULAKIS..... 209



# PREFÁCIO

## Pelos mares da Bahia

Cyro de Mattos

Desde o padre Antonio Vieira, Gregório de Mattos, Castro Alves e outros no passado, a literatura baiana vem contribuindo para que as letras brasileiras operem como forma de conhecimento do mundo e como meio eficaz de comunicação humana em sua função social. No seu amplo curso evolutivo notamos que a prosa de ficção na Bahia procede de diversas áreas na recriação da vida como expressão de uma experiência singular. Corresponde sua expressão estética à percepção individual de cada autor. Prosadores e poetas da Bahia constituem um conjunto que qualifica o estágio de total identidade e autonomia nacional da literatura brasileira.

Dotados de um discurso legítimo e moderno, prosadores e poetas apresentam em suas obras, como fatura estética e sentimento do mundo, as ligações do homem e a realidade, ora em clima dramático, ora com a poetização da vida, ora com o humor nascido de uma gente do povo e de outras camadas sociais. Comprometida com as verdades essenciais do ser humano, pulsando entre a realidade e o sonho, a literatura baiana ainda não teve a sua história escrita por um grupo de especialistas para que funcione como documento valioso revestido de valor crítico e documental, comentários lúcidos da obra na instituição do cânone. Uma história da literatura baiana condigna faz-se necessária há tempos para dar uma visão panorâmica de autores e obras no seu processo histórico, mostrar a vinculação da vida ao patrimônio espiritual de um povo, dentro de um contexto

educativo e cultural. A omissão de instituições públicas na criação e apoio à execução de um projeto dessa natureza é lamentável.

Enquanto isso não ocorre, estudos isolados fazem a avaliação crítica de cada autor e sua obra, antologias do conto e poesia elencam nomes e trabalhos representativos, que elevam a condição da criatura humana em seu estar no mundo em decorrência de um projeto literário e existencial. Às vezes, a antologia resulta de trabalho exaustivo, em que os critérios pessoais e a crença na criação literária são alimentados pela sensibilidade e conhecimento do organizador com vistas a fornecer o prazer da leitura aos outros e, a um só tempo, atenuar o condicionamento de ilha cultural da Bahia, já que apenas em alguns casos o autor tem participação editorial efetiva no eixo do Rio e São Paulo.

É visível que *Histórias dos mares da Bahia* é uma antologia temática. Reúne dezesseis autores que demonstram intimidade com o ambiente que serve de cenário para ser armada a história. Alguns narradores aqui selecionados exercem o conto nas suas formas tradicionais, outros com os elementos de composição moderna, chegando mesmo, no caso de Helena Parente Cunha, a fundir os limites da prosa e do poema.

O cenário é sempre o mesmo, o mar da Bahia, que às vezes chega a se personalizar na trama, mas sempre se prestando como o lugar onde acontece a estória, interagindo com as situações e ações dos protagonistas nos mares da vida. São histórias em que o mar entra com suas luzes e sombras para transmitir dramas, paixões, o humor e a naturalidade de gente do povo, de feições líricas intensas e projeções oníricas em que a fantasia lança-se em suas aparições inesperadas no discurso que atinge uma emoção ímpar.

O mar sempre exerceu uma poderosa atração sobre o homem, fascínio e desafio para que fosse conquistado até os pontos mais remotos. Em épocas imemoriais, quando o homem em algum lugar deste planeta colocou o búzio no ouvido, não soube o que mais encantava, se o mar que o alagava com os rumores da concha

ou o que lá fora ressoava com suas ondas rugindo como leões de jubas brancas. Mar feito de luas, ventos e marés. Mar salgado pelas lágrimas dos que deixaram tudo em Portugal para se lançar na incrível rota dos descobrimentos, nunca dantes navegada, povoada de monstros e expectativas angustiantes, doenças e solidões.

Onda sobre onda, até lá onde o céu faz uma curva, balançando-se no imenso. Mar fonte da vida, guardando tesouros e segredos no azul. Reino das águas, enormemente perigoso, que comporta passagens bem humanas nos romances de Moacyr Lopes, nosso ficcionista marinho, que compartilha com seus personagens de aventuras, amizades, amores, horas perdidas e infindas nas águas marinhas escorridas de verdes e azuis. O criador de *Maria de cada porto*, a exemplo de Herman Melville e Joseph Conrad, explora na sua ficção o mar, a mulher e o porto como símbolos de nossas travessias na vida.

Mar de Adonias Filho com seu ritmo poético de prosador dotado de um belo estilo cantante, de entonação bíblica com acento profético, mostrando em *Luanda Beira Bahia* como exerce seu poder trágico para seduzir os homens, que não conseguem fugir ao destino de seu aceno movediço, e que pelas vastidões das águas tudo trocam, pois são incapazes de permanecer na rotina do chão seguro.

Mar de Jorge Amado. Em *Mar morto*, em clima de poesia, como José de Alencar fez em *Iracema*, mas bem real, o romancista baiano, de estilo colorido, ausculta o espírito do mundo que se manifesta na cadência lírica da vida. Nesse romance cuja dinâmica é saturada de poesia, Jorge Amado expõe sentimentos e sonhos de uma gente pobre que vive no cais da Bahia.

Mar de poetas essenciais das letras brasileiras: Castro Alves e Sósigenes Costa.

Mar que é contado de maneira original e comovente nesta antologia. Como saga regional brasileira, lenda e realidade, com gente do povo e de outras camadas sociais, no fluxo e refluxo das

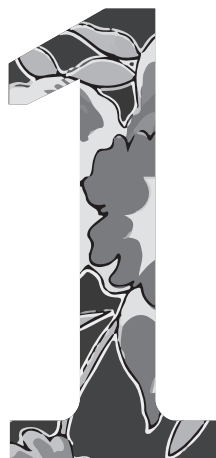
ondas dando lugar à vida com suas paixões e instintos primitivos. Mar de pungente fantasia procedente do imaginário popular. Mar por entre claridades e sombras, acima de tudo o mar da Bahia, ritmado no essencial do assunto com carne e sonho.

Espera-se que esta antologia ofereça leitura prazerosa e ao lado disso sirva de motivação para a busca de caminho maior no conhecimento da obra de cada autor aqui elencado. Uns com trajetória consolidada nas letras brasileiras, outros sem ainda romper as fronteiras estaduais, mas todos eles com um trabalho que, em nível de qualidade estética e rico conteúdo da vida, em si mesmo se sustenta. Garante assim a força e a alma da literatura baiana, sua progressão na qual se vê aqui o quanto se acha em boas mãos.

Os contistas reunidos nesta antologia são capazes de suscitar com suficiência na escrita o interesse do leitor por uma história curta.

# PESCADOR

Aleilton Fonseca



## Aleilton Fonseca

É baiano, nascido em Firmino Alves (1959) e criado em Ilhéus, e reside na cidade de Salvador. Graduado em Letras pela UFBA, fez mestrado na UFPB e Doutorado na Universidade de São Paulo. É professor titular pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde leciona Literatura Brasileira. Já publicou cerca de 25 livros, entre poesia, ensaio, conto e romance, entre os quais *Nhô Guimarães* (2006), *O pêndulo de Euclides* (2009) e *O arlequim da Pauliceia* (2012). Faz parte de várias antologias e coletâneas nacionais e internacionais de poesia, ficção e ensaios. Entre outras premiações, recebeu o Prêmio Nacional Herberto Sales 2001 – de contos, da Academia de Letras da Bahia, e o Prêmio Marcos Almir Madeira, da UBE-RJ, em 2004.

# PESCADOR

O homem me reparou de esquelha, que meditava: então; traduziu seu olhar nas pausas das frases:

— Eu me arrisco, e se o senhor não tiver sangue bom pra pescaria? Siri é um bichinho bem que sestroso.

Eu me enredei num meio-riso amarelado, ele quis respeitar esse gesto. No que repensando me levar com ele na canoa, me disse:

— Mas, vai ver nem é isso, é outra coisa, talvez. É, vamos.

Antes que ele se desentendesse consigo mesmo, pondo a questão de novo em avessos, eu procurei embarcar. O rapazinho, seu ajudante, esforçava-se para não dar risada, como que me estendia um remo curto, fosse eu seu substituto. Era mofa? Tive meus cuidados, me desequilibrava ao pôr um pé, depois outro, enquanto ele fiscalizava minha falta de destreza, com um gesto engatilhado. Agourava que eu caísse na água, por certo, o que talvez os livrasse deste narrador intruso. Ora, por que eu não conto o evento de fora, sabedor de passado, futuro e pensamentos? Tch! Tch! Intrometia-me na função, queria pescar siri, ora vejam! O homem não me pareceu vencido, intentava me arrumar umas dificuldades:

— Siri se pesca de dois, o senhor sabe remar? O rapaz aí fica, o senhor vai.

Eu fiz que não, com um gesto de cabeça, os lábios comprimidos. Ele esperou um pouco, talvez que eu desistisse. Eu teimei firme, me desviava de encará-lo. Notei que ele estava levemente contrariado. Já na canoa, se arrumando, ele cuspiu na água e acenou ao rapaz:

— Vem, Antonho! Vamos mostrar a maré ao moço.

Eu acho que compreendi o sentido dessa ironia, mas a ideia de tocar o conto para frente me impediu de desistir. Os dois se ajeitaram nos lugares certos, eu sobrava meio bobo no meio da cena. Ele foi incisivo, a seco:

— O senhor fique aí, bem certinho, no meio da canoa, pra não atrapalhar a pesca.

Respondi encolhendo-me no silêncio. Já íamos no balanço, sulcando as águas verdejosas da maré. O rapaz remava com uma leveza impressionante, um exímio!

Desde quando me tracei nos planos de pescar siri? Deu-me essa vontade de observar a pesca, ir na garupa do pescador, ou melhor, no meio da canoa para não desequilibrar a viagem. Onde vamos achar carimbo para os selos desta escrita?

Numa fotografia, tirada a esmo à beira-rio, tudo pode ser um começo, a gente agora se enovela nos fios. As histórias nos alcançam, quando nem as tomamos aos tentos. Minha imagem de costas para o rio, em pose turística na beirada de maré cheia. Lá no mais longe nem tanto, ia a figura dos canoieiros; dois, um no remo, outro no trato dos apetrechos de pesca. Só me dei conta do detalhe quando obtive a foto, o acaso revelado, nas cores das aventuras. Foi isso, um conto queria ser escrito! E eu o adotei, como um exercício de passeio, titular de tais ofícios. O próprio fotógrafo me deu as primeiras imagens: os pescadores saíam depois do almoço, a partir de um cais improvisado — um porto de canoas, sabe? — Onde? Ali por perto, próximo ao mar do Pontal. Ele me disse, eu rabisquei os primeiros pontos do enredo e me pus a imaginar.

Vamos agora nesta canoa deslizando, que a imaginação é precisa. Sentimos as borbulhas do remo na água, uma trilha que se afasta da madeira, se multiplicando em direção às margens. Os homens cuidam, cada qual seu tanto, um vai ao remo, outro manuseia as redes de apanhar siri. Diante de minha curiosidade explícita, o pescador desenrugou o semblante, me deu uma nova importância:



— Siripoia, veja, é esse aro de ferro, dele saindo essa redinha de náilon. Pode ser de cordão grosso também, mas porém não dura muito. Se afina do aro para a ponta. Examine essa aí — ele explanou, estendendo-me uma das redinhas.

— Ah, sim... Isso pega camarão também? — eu me acionei na conversa, para lhe dar corda. Ele nem se notou fisgado ao anzol da prosa, eu repescava suas frases:

— Não senhor, pois camarão é com rede baixa, ou manzuá, que pega de tudo.

Essa pesca se dava numa quase que linha reta, imaginária, sobre a maré de enchente. De ponto em ponto se deixava a siripoia — ou será siriboia, seu Houaiss? —, com um naco de carne atrelada ao fundo, era a isca. A armadilha descia ao leito, amarrada numa cordinha de juta, a ponta era presa a uma bola de isopor, para boiar à vista, no lugar marcado. O siri ali se metia para beliscar, de repente se via alçado à luz do dia, adeus maré para sempre. Esse caminho dos siris era como uma *via crucis*, com estações de 50 em 50 metros mais ou menos. Em cada estação, a canoa parava, o remador segurava a água com o remo espalmado, com toques firmes. O pescador retirava a siripoia da água, recolhia os siris para dentro de uma caixa de cipó trançado, alongada, dentro da canoa, que tinha um palmo de água, sempre renovada, para manter os bichos bem vivos. Os siris ficavam ali, ariscos, fazendo borbulhas de respiração, espantados com a súbita claridade. Mas não eram muitos. Às vezes a armadilha era erguida, estava vazia, era logo devolvida, num gesto brusco do pescador desapontado. Eu me arrisquei a abelhudar:

— Pega-se muito siri aqui?

— Antes, sim, a gente pegava. Agora não muito, já nem tá dando resultado.

O homem franziu a testa, apertou os olhos, apontou para frente, bem lá adiante:

— Tá vendo aquela mancha escura lá? Aquilo vem da fábrica que abriram na beira do rio, faz uns tempos. Jogam uns troços ruins na água... Vem diminuindo os peixes, siris, aratus, tudo.

— E vocês não reclamam?

— Ah, essa é boa. Reclamar a quem, moço? Se todos dizem que traz progresso e emprego? Não vi nenhum pobre melhorar lá, mas a fábrica tá só que cresce. Tsch!

Nesse porquê, eu me apurava a ver a tal mancha. E realmente se via mesmo uma escuridão meio escondida nas águas, mas que, pelo visto, ia num crescendo sorrateiro contra o futuro de rios e mangues. Eu notava que quando o vento soprava trazia um cheiro não de maré mesmo, alguma coisa difícil de explicar agora. O pescador parecia satisfeito de me pôr a par de sua queixa.

— Tou vendo a hora de me apartar do rio, ir virar peão da fábrica também, como uns outros lá. Isso não tá nem um tiquinho direito, não é mesmo?

Nesse instante, permaneci calado. O homem fez uma pausa, suspirou fundo, afinou a voz noutro tom mais suave:

— Euresco aqui um sonho. É pra juntar dinheiro, comprar um calão. Uma rede grande de calão, isto sim é que é pegar camarão e peixe de toda versidade. Essa pesca é no mar, uma festa muito da boa, na Praia do Marciano. Mas precisa de uns vinte homens pra puxar o calão. Ah, se o senhor visse!

— Eu já vi, aqui mesmo na praia.

Ele estacou em surpresa, me indagava de forma mais interessada.

— O senhor já morou nestas bandas?

— Sim, passei a infância aqui, morava nessa mesma rua, a beira desta maré.

— E não sabe nem entrar numa canoa?

— Perdi o pouco treino que tive. Fui obediente aos medos de casa, nunca aprendi a nadar direito, poucas vezes experimentei

uma canoa. Gastava o tempo nos livros. Estudei no grupo escolar daqui da rua.

— Quando foi isso? Eu também estudei lá, depois parei, virei pescador de siri, que desde menino já ajudava meu pai. Não enrica não, mas se vive — pelo menos se vivia! — tranquilo. Hoje, a gente vai levando.

— Eu estudei lá alguns anos. Depois a gente se mudou para a capital.

— Eu também estudei lá na mesma época — ele se deu um tempo, me encarava amiúde, logo prosseguiu:

— Rapaz, suas feições ... Você é João Paulo, não é? Me diga!

— Sou eu mesmo, e você?

— Pois eu não sou Juca, filho de seu Mateus?!

Ele se levantou, bem equilibrado, soltou a siripoia na água e se aproximou de mim. O ajudante, nessa hora, deixou o remo suspenso no ar, pingando gotas sobre o tempo. Eu quis me levantar também, mas o desequilíbrio me manteve de cócoras. Ele se abaixou, também de cócoras, me abraçou firme, com um cheiro agradável de maresia e siri fresco. O rapaz fincou o remo na água, em modos de um freio, pôs a canoa praticamente estacionada.

— Faz um tempão, rapaz! Lembra dos babas no recreio? E Dezinho, que era o Pelé da turma? E você, meu amigo, por onde andou toda essa vida?

— Por aí tudo, rapaz. Virei professor, escrevo livros.

— É, desde aqueles tempos você era enxodozado com os livros.

Ele ensaiava novas perguntas, mas era preciso se cumprir em cada estação, recolhendo a pesca. Distraído pela conversa, vez ou outra perdia um siri certo que escapulia de volta para a água. O crustáceo ia-se fundeando, movimentando as patinhas, com seu próprio sonho instintivo de viver. Já encabulado, eu via que, à parte a satisfação de Juca, estava mesmo estragando a pescaria.

Mas, eureka! O pescador ali era eu, um anzol ia atrelado a cada linha espraiada na imensa página das águas passadas.

Ora em vez, um sirizinho atracava-se à isca e se via nas mãos do pescador Juca. Ele, que no começo da pescaria atirava os bichos pequenos longe, e se maldizendo, agora os depositava mansamente sobre a água:

—Vai, siri menino! Vê se cresce e aparece — e dava uma risada, puxando-me também o sorriso de observador.

Noutra parada, a siripoia trazia em oferta um siri enorme, era uma fêmea ovada. Juca pegou-a com jeito, enganchando o polegar e o indicador, um de cada lado, atrás, no dorso do animal, enquanto as patas remavam no ar e as puãs, armadas em azul e branco, buscavam alcançar o agressor. Ele ficou sustentando-a na minha frente para eu ver bem. Estava repleta de ovas, as centenas. Eu tive o ímpeto de logo lhe ensinar uma lição ecológica sobre a situação do bicho.

Mas me precavi, observei o lance em silêncio, a fêmea esperneava e o pescador lhe alisava as ovas, meditava uma decisão. E já eu sorria, em mais verdadeiro sorriso de alegre, esse meu amigo e sua mais bela frase:

— Vá-se embora, dona siria prenha; vá parir muitos sirizinhos pra nossa maré!

Ele recitou esse verso sem mais o quê, mesmo divertido, enquanto colocava o animal de volta à água, cheio de delicadezas: O siri ovado foi sumindo água adentro, controlando-se com as duas patas em forma de remos articulados, com sua prole assegurada.

E agora Juca recolhia as siripoias, tomava conta dos siris que houvesse, ia depositando as redes dentro da canoa. Concluí que ele encerrava a pesca mais cedo. De pé, ele tomou o remo de reserva e aligeirou-se no ofício, a canoa ganhava nova velocidade. Começava a vazante, em um só quase a mais que o meio da tarde. Ele voltou-se para o ajudante, apontou para mim:

— Até que a pesca rendeu hoje, né, Antonho? O professor aqui tem sangue bom pra pescaria, ora se tem. Nasceu foi por aqui mesmo!

Essa frase mereceu mesmo as três gargalhadas que se misturaram nos ares do rio. Ufa, de minha parte, essa dupla pescaria bem sucedida! Juca continuava eufórico, como se de novo fôssemos os meninos na algazarra do pátio escolar.

— A gente tem de comemorar, rapaz! Vamos tomar uma cervejinha lá no bar de Binho. Você lembra dele, aquele sujeito abusado como quê? Agora tá um cara muito que bem apessoado, você vai ver.

E meu amigo tocava a canoa contra a jusante, celebrando o encanto de nossas surpresas. Eu principiei a ajudar com as mãos, banhando-as nas águas que eram tanto outras quanto as mesmas do tempo infante. Juca me passou o remo, que eu me lembrasse de tudo agora, as nossas primeiras incursões canoieiras, às escondidas de minha mãe.

— Se vire aí, Janjão, quem já remou não perde o traquejo — ele disse, desenterrando o meu apelido.

Foi como se os antigos calos me voltassem. Eu abracei o remo e me aprumei de pé na canoa. E remei, no correto, em busca das novas margens. Eu sabia controlar esses rumos, espalhando em respingos as letras certas no nosso palimpsesto.

Os pescadores íamos deslizando sobre o leito das lembranças. Juca cada vez mais radiante, num quanto que alegre, vinha-lhe a voz uma música que me resgatava, eu menino, lá de um mais fundo poço do adulto letrado. Ele puxou o tema, eu o acompanhei, o rapaz ajudou ritmando. Juntos cantávamos a cantiga, enquanto a canoa já buscava as franjas do porto:

Caranguejo não é peixe,  
Caranguejo peixe é  
Caranguejo só é peixe  
Na enchente da maré...

Aportamos e agora íamos, ambos carregando a caixa de siris, a água escorrendo pelas frinças. Eu, com a calça arregaçada, a camisa aberta, os suores salgados e o cheiro de mangue entranhado em meus cabelos. Sim, íamos em busca do bar de Binho, era hora de festejar. Ele ia sentar-se conosco, e os três recomporíamos os meninos que os adultos abandonamos nas redes do passado.

Eu me encontrava de pés no chão, com uma nova alegria antiga, caminhando sobre as páginas de minha própria história. Eu ia, sim, mas eu quem? Eu, o narrador, pura invenção de letras e frases. Como pode esse personagem tomar posse de mim? Pois, sim, confesso: eu me deixei fotografar à beira de um rio, por onde passava uma canoa. A foto me revelou depois. Mas eu nunca embarquei naquela canoa que navega para sempre estática no meu álbum de viagem. E nunca falei com Juca — será este o seu nome? — nem atrapelei sua pescaria. Ele era, sim, um amigo de minha infância. Eu podia estar na sua canoa, senhor do remo e irmão na partilha. No entanto, não: na mesma foto, faço pose à margem, de costas para o rio e para a canoa. Um tempo de cuja rede escapei em busca de outros sonhos.

# PRAIA

Aramis Ribeiro Costa



## Aramis Ribeiro Costa

Nasceu em 1950, Salvador (BA), cidade que é cenário permanente da sua obra de contista e romancista. Formou-se em medicina pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Diplomado em Letras Vernáculas com Inglês pelo Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador. Entre os seus livros publicados, estão *A assinatura perdida* (1996), contos, e *Contos reunidos* (2010), pela Editora da UESC, na Coleção Nordestina. É um dos principais ficcionistas da Bahia. Foi presidente da Academia de Letras da Bahia por dois mandatos.



# PRAIA

Domingo de sol. A Praia do Porto regurgitava de gente. Osório, Mafalda e as crianças procuravam um lugar entre as pessoas deitadas na areia, onde pudessem estender as toalhas. Mafalda sugeriu:

— Talvez mais perto do mar...

Osório concordou. Não gostava de ficar muito perto da água, mas que jeito? Encontraram finalmente um lugar, estenderam as toalhas na areia branca. Osório abriu a sombrinha, fincou-a firmemente na areia, Mafalda sentou-se numa toalha, tirou a saída de praia, colocou os óculos escuros. Solange, a mais velha, já mocinha, imitou-a, cuidando imediatamente de passar o bronzeador no rosto e no corpo. Rodolfo, um dos meninos, grandote, correu para o mar, ouvindo, já na corrida, a recomendação de Mafalda:

— Não vá para o fundo...

Pedrinho, o caçula da turma, quis imitá-lo, a mãe não deixou:

— Você não. Só vai para a água comigo, com seu pai ou com Solange.

O menininho fez bico de choro, mas conformou-se. Pegou um balde e uma pá, pôs-se a brincar com a areia. Osório sentou-se ao lado de Mafalda, tirou a camisa. Olhou o céu muito azul, muito limpo, a luminosidade intensa, compondo, com o Forte de São Diogo, à direita, e o Forte de Santa Maria, à esquerda, uma verdadeira paisagem de cartão-postal. Respirou forte, comentou:

— Há muito tempo não fazia um dia tão bonito.

Mafalda concordou, olhou em Rodolfo, sozinho no mar. Pediu um pouco de bronzeador a Solange, passou nas pernas,

nos braços, no rosto, pediu a Osório que lhe passasse nas costas. Rodolfo, sempre correndo, saiu do mar, pediu:

— Pai, me dá um dinheiro pra eu comprar um picolé.

Osório olhou em volta:

— Onde foi que você viu picolé, menino?

O garoto apontou:

— Ali.

— Então vá chamar.

O menino saiu em disparada. Enquanto isso, bem em frente, no pequeno espaço entre eles e o mar, cinco rapazes formavam uma roda e começavam a jogar uma bola de borracha amarela de um para o outro, ora com a cabeça, ora com o pé. Mafalda chamou a atenção de Osório:

— Não estou gostando nada deste jogo aqui junto...

Ele concordou com a cabeça, comentou:

— Devia ser proibido qualquer tipo de jogo nesta praia.

Rodolfo voltou acompanhado do vendedor de picolés.

Mafalda perguntou:

— De que é que tem?

— Umbu, coco, mangaba e abacaxi.

Solange pediu:

— Quero um de coco.

Mafalda pegou um de mangaba, Rodolfo um de umbu.

Pedrinho também quis, Mafalda lhe disse:

— Você não pode.

O garotinho fez novo bico e, já ia chorar, quando ela prometeu:

— Eu lhe dou um chocolate.

Osório pagou, o vendedor afastou-se mercando. Ficaram olhando em volta. Osório queria uma cerveja, Mafalda chocolate para o caçula. Nisso, a bola de borracha amarela caiu ao lado de Mafalda, sujando de areia o seu picolé. Ela assustou-se, exclamou:

— Diabo!

— Que foi? — perguntou Osório, que olhava a praia distraído, procurando cerveja.

— A bola sujou o meu picolé de areia.

Osório fez cara de quem não gostou, porém não disse nada. Era do tipo que dava um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair dela. Preferiu não dar importância ao incidente. Resmungando, Mafalda limpou o picolé, enquanto um negro forte pegava a bola. O jogo continuou, da mesma forma. Pedrinho, que olhava comprido para os picolés, perguntou:

— Meu chocolate?

— Vou dar — respondeu Mafalda. — Quando passar um baleiro, eu compro.

— E quando é que vai passar?

— Daqui a pouco.

Solange acabou de chupar o seu picolé de coco, resolveu molhar-se. Foi até a beira do mar, entrou até a altura dos joelhos e, com as mãos, passou água no corpo. Depois voltou à toalha, sentando-se, toda arrepiada.

— A água está fria.

Rodolfo, que havia engolido o picolé quase que de uma vez e entrava e saía da água a todo instante, buliu com ela:

— Fria nada! Tá ótima! Você é que é frouxa!

Solange ia responder, quando a bola bateu com força no braço dela.

— Ui! — exclamou a menina.

Dessa vez, quem veio foi um louro banguela, de parafina no cabelo. Pegou a bola, nem pediu desculpas e já ia voltando ao jogo, quando Osório, controlando-se para ser educado, advertiu-lhe:

— Vocês tenham um pouco mais de cuidado com essa bola... já duas vezes que ela nos incomoda.

O louro banguela respondeu, desaforado:

— A gente tá jogando, velho. Se não tá gostando, saia daí. Os incomodados que se mudem, ora!

O negro forte deu risada, uma risada bem debochada, os outros três rapazes também riram, provocando. Osório sentiu o sangue ferver-lhe nas veias. Já ia dizer alguma coisa, quando Mafalda colocou a mão sobre o seu ombro, procurando acalmá-lo.

— Calma, Osório. Deixe pra lá, não foi nada.

Solange murmurou, pegando no braço, quase chorando:

— Tá doendo.

— Mas não vamos procurar barulho por isto — continuou Mafalda. — Esfregue que passa.

— Moleques — murmurou Osório, entre os dentes.

Mafalda começou a ficar preocupada:

— É melhor a gente sair daqui, ir para outro lugar...

— Não! — decidiu Osório com firmeza, o semblante fechado. — Nada disto! Vamos ficar aqui. E se essa bola cair aqui outra vez, eu pego e não entrego.

O jogo continuava, cada vez mais animado. A bola de borracha amarela passava de um para o outro lado, arremessada ora com o pé, ora com a cabeça. Propositadamente ou não, os cinco rapazes aumentaram a movimentação, correndo mais, levantando mais areia com os chutes, passando cada vez mais perto da família de Osório. Um deles esbarrou na sombrinha, ela rodou no seu eixo, quase caiu.

Osório perdera todo o interesse pela praia e pelo mar. Já não prestava atenção senão ao jogo, a raiva aumentando dentro dele a cada instante. Passou por eles um menino vendendo cerveja em lata, Mafalda perguntou-lhe:

— Você não estava querendo?

Osório estava com a garganta seca, um dos seus maiores prazeres quando ia à praia era a cerveja em lata, geladinha, não dispensava nunca. Mas a raiva já era tão grande, o mau humor tão intenso, que ele respondeu:

— Estava. Mas já não estou mais. Perdi a vontade.

Percebendo o que se passava com o marido, Mafalda procurou distraí-lo, na esperança de fazer com que ele esquecesse o jogo, até os rapazes irem embora. Sugeriu:

— Vamos até a água?

Ele resmungou, aperreado:

— Vá você. Eu vou ficar aqui.

Ela, para dar o exemplo, chamou Solange, pegou Pedrinho, foram até o mar. Deram apenas um ou dois mergulhos. Ao verem que Osório teimava em permanecer na areia, a atenção nos jogadores, voltaram logo. Mafalda insistiu:

— A água está uma delícia... você não vai dar um mergulho?

— Não.

Nisso, a bola de borracha amarela bateu em cheio no rosto de Pedrinho, derrubando-o. O garotinho abriu o berreiro. Osório achou que já era demais. Levantou-se encolerizado, pegou a bola. O louro banguela aproximou-se, acompanhado do negro forte. Osório falou com ele:

— O senhor está vendo o que aconteceu?

O louro sorriu, com ar debochado:

— Tô vendo, bicho... é isso aí... acontece... como eu disse, os incomodados que se mudem.

Osório sentiu uma raiva enorme, teve ímpetos de arrumar a mão nele. Porém, controlou-se. Disse:

— Pois não vamos nos mudar, e eu não vou devolver a bola.

Mafalda, aflita em socorrer Pedrinho, que ainda chorava, não prestava atenção a esse diálogo. Solange fazia-lhe companhia, procurando consolar o irmãozinho caçula. Somente Rodolfo, em pé junto do pai, acompanhava com ansiedade a conversa. O negro forte meteu-se, perguntando:

— O que foi que você disse, velho?

Sem intimidar-se, Osório sustentou firme:

— Eu disse que não vou devolver a bola.

O negro forte sorriu:

— Cê tá brincando.

Osório não respondeu. Permaneceu em pé, a bola na mão, encarando corajosamente o negro e o louro. Os outros três rapazes aproximaram-se. Um deles perguntou:

— Qual é, coroa? Vai dar essa bola ou não?

Pedrinho finalmente calara a boca, consolado mais uma vez com a promessa de ganhar um chocolate. Mafalda deixou-o aos cuidados de Solange, voltou-se para o marido. Levantou-se, pediu-lhe:

— Osório, entregue logo essa bola... vamos embora daqui.

Ele respondeu seco:

— Não.

O louro banguela deu uma risadinha debochada, falou:

— Eu acho que o coroa tá querendo levar umas bolachas...

Mafalda suplicou aflita:

— Osório, pelo amor de Deus, entregue essa bola! Eu quero ir embora!

Ele respondeu definitivo:

— Não!

O louro banguela estendeu a mão para pegar a bola. Osório desviou a mão que avançava e empurrou o rapaz. Foi o bastante. O negro forte revidou com um tapa em cheio no rosto dele, tão forte que Osório rodou e caiu sentado. Mas não largou a bola. Rodolfo arregalou os olhos, espantado de ver o pai apanhando. Mafalda correu para ele, aflita:

— Osório! Vamos embora, pelo amor de Deus!

Os rapazes riam-se debochadamente. Rodolfo, aflito, ajudou Mafalda a socorrer o pai. Solange levantou-se, o coração aos pinotes. Estava pálida, assustadíssima. Pedrinho, os olhos esbugalhados, não entendia direito o que se passava. Porém, viu o pai apanhar do negro, cair na areia, e isso já foi suficiente para abrir novo berreiro.

Sem largar a bola, Osório levantou-se e, livrando-se dos braços de Mafalda e de Rodolfo, investiu contra o negro forte.

Outra bofetada estalou no seu rosto, ainda mais violenta, fazendo-o voltar à areia, agora com o lábio inferior partido.

A essa altura, já uma pequena multidão rodeava o grupo, interessada na briga. Mas ninguém, por medo dos rapazes ou lá o que fosse, tomava o partido de Osório. Pelo contrário, muitos até incentivavam a briga com assovios, piadinhas, risadas.

Mafalda estava quase chorando. Nunca, na sua vida, pensara em encontrar-se um dia numa situação daquela. Era um escândalo! Um vexame! Solange, o corpo trêmulo, morta de vergonha e de medo. Rodolfo, sem saber o que fazer, esperava a cada momento que o pai, como um mocinho de cinema, se erguesse e desse uma surra nos cinco bandidos. Pedrinho, em pânico, berrava, sem que, dessa vez, alguém lhe prestasse atenção.

Os cinco rapazes aproximaram-se. O negro perguntou:

— Vai dar a bola, bicho, ou vai querer levar uma surra na frente de todo mundo?

Mafalda, as lágrimas nos olhos, suplicou:

— Entregue, Osório, pelo amor de Deus, entregue!

Solange também pediu, quase chorando:

— Entregue, pai! Entregue!

Osório continuava sentado, agarrado à bola de borracha amarela. Arquejava. Era de constituição fraca, não tinha a menor noção de qualquer tipo de luta. Nunca brigara fisicamente com ninguém. Estava possesso, a raiva saltando-lhe dos olhos, o amor-próprio ferido mortalmente. Pior do que tudo, era sentir-se humilhado diante da mulher e dos filhos. Gostaria de matar aquele negro desgraçado, aquele louro banguela, aqueles três outros moleques, gostaria de cortar a bola em pedacinhos. No entanto, nada podia fazer. Diante da situação, viu-se obrigado a reconhecer a sua impotência. Os rapazes eram cinco e todos fortes. Se ele insistisse em ficar com a bola, tomaria uma surra, o que seria muito pior. Com um gesto brusco, atirou-a na areia. Mas o negro forte aproximou-se e disse:

— Não é assim que a gente quer não, belezinha... tem que entregar na mãozinha...

Diante da nova humilhação, Osório quis reagir ainda. Porém refletiu e, sem dizer palavra, concordou com a cabeça. Levantou-se, pegou a bola, entregou-a na mão do negro. Ele sorriu, exigiu:

— Agora peça desculpa.

Vencido, Osório baixou a cabeça:

— Está bem, desculpe.

Os rapazes sorriram satisfeitos, afastaram-se com a bola. Os espectadores da cena, sempre rindo e dizendo piadinhas, dispersaram-se. Mafalda correu para o marido:

— Vamos embora, Osório. Vamos embora.

Ele concordou, em silêncio. Nada mais tinham a fazer naquela praia. Já não havia mais sol, nem areia, nem mar, nem domingo. Tiraram a sombrinha, pegaram as toalhas, vestiram as camisas e saídas e retiraram-se acabrunhados. Parecia-lhes que a praia inteira estava olhando para eles, rindo deles. Osório sentia-se arrasado, não tinha coragem de encarar a mulher e os filhos. Mafalda e Solange, mortas de vergonha. Solange só pedia a Deus que nenhum colega, amigo ou conhecido tivesse presenciado tudo aquilo. Rodolfo, calado, a cabeça baixa, decepcionado com o pai por haver apanhado. Iam todos em silêncio, como num cortejo fúnebre, com exceção de Pedrinho. O garotinho calara do choro e, ainda com lágrimas nos olhos, cobrava a promessa:

— Cadê meu chocolate?



# JÁ VAI LONGE O TEMPO DAS BALEIAS

Carlos Ribeiro



## Carlos Ribeiro

Nascido em Salvador (BA), em 1958, é contista, romancista e ensaísta. Doutor em Letras. Autor de, entre outros, *O visitante noturno* (2000), contos, e *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga* (2001). Reconhecido como um dos mais atuantes escritores da Geração 80 na Bahia, ao lado de Aleilton Fonseca, é definido por Hélio Pólvora como um *caçador de singularidades* que “responde pela renovação da *short story* baiana”. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia.

# JÁ VAI LONGE O TEMPO DAS BALEIAS

## TRÊS HORAS

Está escuro ainda quando Pedro abre a porta da cabana. O vento fresco da beira-mar lhe salga os traços caboclos, esculpindo-lhe a rude figura de pescador. É uma madrugada distante na qual as baleias numerosas povoam os mares da costa. Os coqueiros balançam na penumbra sobre os vultos das palhoças que abrigam gente como aquela: Pedro, defronte à janela, olhando o horizonte escuro; Rosa, agachada num canto, esquentando num fogareiro de lenha a carne da baleia; Pedrinho, inquieto, olha o mar. Pensa no pai que logo mais se unirá a outros pescadores e, juntos, num barco, sumirão por entre as ondas, confundindo-se com o céu azul à procura das baleias.

Na praia, apenas Pedrinho, Rosa e os primeiros raios de sol filtrados nas palhas dos coqueiros.

## MEIO DIA

Pedro volta do mar. Ancora o barco e vê Margarida correndo ao seu encontro. Não há mais baleias, mas são numerosos, ainda, os peixes que enchem o mar, saltam nas canoas, invadem a praia.

Mais tarde, após o almoço, senta-se num tronco caído e vê seu filho, Pedrinho, brincando na praia deserta, sobre os montes de areia, ou nos numerosos arrecifes, catando pinaúnas, fisingando caramurus, pescando as guaricemas que se arrastam em cardumes no transparente azul do mar.

## TRÊS HORAS

Pedro parece preocupado com o resultado da pescaria. Lembra-se de como os peixes eram abundantes na sua infância, quando seu pai contava histórias de um tempo ainda mais distante em que havia numerosas baleias na costa. Dália se aproxima dele, atravessando a rua com duas varas de pão nos braços morenos, as ancas balançando, as coxas roliças à mostra sob a curta saia de chita. Alguém canta, ao longe, uma canção suave, com uma voz quente, doce. Dália beija-lhe a face morena, castigada pelo sol, esculpida pelos ventos salgados da madrugada. No bairro um burburinho insistente de veranistas que se atropelam nas estreitas ruas, comprando acarajés e abarás, cocadas e queijadas, conversando, rindo, pegando, bulindo, perguntando e as casas surgindo, mais e mais numerosas, como as baleias de outrora.

Ao voltar para casa, abraça Pedrinho e, sem saber porquê, chora.

## SETE HORAS

O ônibus para na praça, diante da estátua da sereia onde uma multidão se atropela entre empurrões e xingamentos, na porta do coletivo, que sem esperar vai arrastando a maré humana que se espraia nas ruas como as ondas do mar para arrebentar-se contra os arrecifes do cotidiano.

Pedro mal consegue saltar, espremendo-se, o embrulho sob os braços. Ao chegar em casa encontra Flor, que trabalha como caixa no supermercado, recentemente inaugurado no bairro. Liga a TV, esquenta o feijão, as salsichas, o arroz, coloca farinha no prato e come, em silêncio. Espera Pedrinho que saiu de manhã para limpar os vidros dos carros nas sinaleiras e ainda não voltou.

Pedro não consegue dormir.

## MEIA NOITE

Pedro dorme, finalmente, após um dia cansativo, após um dia longo que pareceu durar um século, sem mulher ou filhos, sem esperar nada do dia de amanhã.

**SOMENTE ELE  
ESCUTOU A  
FÚRIA DO MAR**

Cyro de Mattos



## Cyro de Mattos

Nasceu e reside em Itabuna, Sul da Bahia. Ficcionista, poeta e autor de literatura infantojuvenil. Tem livros pessoais publicados em Portugal (4), Itália (3), França (1) e Alemanha (1). Conto e poema nos Estados Unidos, Itália, Portugal, Espanha, Dinamarca, Rússia e França. Agraciado com o Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, 2\* Prêmio Internacional de Literatura Maestrle Marengo d'Oro, Itália, duas vezes, Menção Honrosa do Jabuti, Prêmio Literário Nacional Pen Clube do Brasil e Prêmio da União Brasileira de Escritores (Rio), nove vezes primeiro lugar. Autor de vasta obra, com destaque para *Os brabos* (1979), *O menino camêlo* (2001), *Cancioneiro do cacau* (2002) e *Os ventos gemedores* (2014).

## SOMENTE ELE ESCUTOU A FÚRIA DO MAR

Lá, naquela paisagem deserta e grande, é possível que ainda se encontre o casarão velho com a sua enorme sombra a se projetar até a praia nos dias de verão forte. Quem por acaso se depare com aquela moradia, será tomado por uma sensação de abandono, penetrante atmosfera de deserto sem esperança. Ficará diante de uma paisagem sombria, que o arrastará entre vagares do ar formado de tonalidades estranhas. Paredes com grandes rachaduras, telhado enegrecido, parte despencando, onde aves marinhas fazem os ninhos, a todo instante passam piando e guinchando rumo ao imenso das águas. É ainda possível que se encontre o velho casarão, mergulhado numa atmosfera fantasmal, os matos crescendo em torno da vegetação rala, e aquela imobilidade que ressuma da paisagem árida, quieta e cortante. Raios de sol são lâminas que pairam no ar afiadas, intensas, como se fossem enceguecer na morte feia todas as vidas que brotam da terra. Muitos coqueiros, hoje de poucos frutos, as palmeiras secas, foram plantados até os fundos de uma encosta, onde também estão espalhadas algumas árvores frondosas. Árvores que estremecem e uivam desesperadas quando o vento é de maré alta, justamente quando ondas chegam e se esbatem furiosas, e a noite expulsa dos abismos o ímpeto incontrolável de forças obscuras.

Quando ele chegou ao velho casarão, era aquela a primeira vez que os olhos se encontravam com o mar. Ficou abismado com a extensão daquele campo azul e verde, a rosna e espumar ali próximo à praia deserta, e longe, bem longe, lá onde o sol se ergue,



o céu faz uma curva, se emendando com a linha do horizonte. Existem neste mundo territórios maiores do que todas as suas fazendas reunidas com as dos vizinhos, onde o verde dos pastos também se perdia nos ganchos das serras, na cabeleira das matas, e se emendava com a linha do horizonte.

– Tudo isso são as águas do mar? Não acredito, são meus olhos iludidos! – botando a mão no queixo, encabulado e cheio de cisma, ele disse aos filhos.

E os olhos, de um azul esverdeado, cintilaram naquele momento de perplexidade, nenhuma diferença havia entre eles e o forte brilho do mar. Dias passaram, a primeira semana, a segunda, outras, tantas outras. A comida era preparada pelo velho pescador que morava numa cabana distante, cerca de meia légua da linha da praia, a seguir paralela ao verde sem fim da terra. Depois o velho pescador, cabelos finos escorridos na testa, peito largo, pernas grossas, apenas passou a trazer os mantimentos, ele mesmo preparava a comida.

Prometeram os filhos que ali estariam de oito a oito dias. O engenheiro com notícia das fazendas, o médico examinaria todos os pontos do corpo, os olhos cautelosos, penetrantes, que tantas vezes auscultaram os caminhos da doença. Doença? Embora velho, o corpo dobrando com o peso da idade, os passos mais difíceis, ele nunca tinha se sentido tão bem na vida como agora. Ele ainda não era possuidor daquela intuição para fazer os bons negócios, e que o povo tanto comentava? Pensamentos surgiam sempre com eficiente precisão voltados para o hábil momento de realizar uma boa compra. Vender ele nunca queria, o sol só brilha pra quem compra as coisas e forma aos poucos um sólido patrimônio.. E isso certamente era o que importava, de seus idos e vividos ele se tornara íntimo de uma realidade palpável, de muita sabedoria que em si mesma se impunha ante o seu mundo de verdade. A cabeça é que comanda o corpo. Um bom negócio ele sempre soube fazer melhor do que ninguém naquelas bandas, com muito cálculo, frieza

e tirocínio. Disso ele muito se orgulhava, eram umas artes pra negociar que somente a ele pertencia, tudo que havia conseguido foi a custo de sacrifício, coragem pra arriscar e acertar. Eram conversas iniciadas como se ele estivesse alheio ao mundo que lhe era oferecido, nas linhas do rosto nenhum interesse aparecia: os olhos esgazeados numa expressão doce e serena. Isso até que a vítima fosse se aproximando para o ponto desejado, se colocando dentro dos limites de uma zona conhecida, sob seu domínio pleno, chegado então era o momento para fazer uma real proposta. E, com pequenos detalhes em acerto, no preço e forma do pagamento, nova fazenda era comprada, seu mundo de terras acabava de crescer algumas léguas. Ele tinha provado nesses últimos anos que o seu raciocínio estava mais firme nos quatro cantos da cabeça. Há pouco tempo, por exemplo, ele fizera crescer o patrimônio com a compra da Fazenda Água Bendita, o que mostrava claramente as ideias circulando frescas na cabeça, o sangue buliçoso como nas veias de menino esperto. Nessa época, há uns dez anos atrás, ele estava velho como agora, a pele apergaminhada, cabelos encanecidos, passos já difíceis. Mas que aguentariam em caminhada cuidadosa vistoriar uma fazenda grande, principalmente em lombo de burro novo. Dentro de si ele dizia, ele repetia. De sua idade avançada havia certo orgulho intimamente sabido, era privilégio raro que vinha do sangue pelo lado paterno, do bisavô ao avô, e deste ao pai, todos morreram com mais de cem anos. Corpo enverga, mas a mente continua firme, eles disseram, o bisavô, o avô, o pai. Na idade avançada fizeram tantos negócios bons que até hoje muito se comenta sobre vários deles, neste mundo velho que a toda hora momentos para comprar e vender se sucedem a modo perigoso, que podem ser de pura traição.

O filho, o médico, insistira que ali, junto do mar, era o lugar indicado para o seu repouso, faria ele um descanso que muito breve terminaria, uma temporada de poucos meses, quem sabe semanas, provavelmente alguns dias. Somente recebendo o

iodo do mar, respirando aquele ar impregnado de toda a pureza selvagem, aquele vento marinho, saudável e forte, ele poderia recuperar a saúde em definitivo. Era o único caminho indicado pelo filho para que ele se visse livre daquela doença perigosa e invisível. Doença? Hum! Hã! Hum! Porqueira de tosse seca tão comum em garganta de velho, à noite se fazendo mais forte como acontecera com o pai, o astuto Boanerges. Nem por isso, com tosse, catarata, reumatismo, o pai deixara de dobrar a curva dos cem anos, ele pensava, piscando os olhinhos azuis que se apertavam para conter os dois fios de mágoa, que escorriam na boca velha. Naquele rosto coberto de uma penugem loura, cujas rugas eram marcas de uma luta renitente com o tempo, pontos aglutinados na dura passagem dos dias, alimentando-se de incrível persistência para conseguir as coisas que lhe eram mais caras no mundo: terras com madeira de lei e principalmente com muitas pastarias para o gado. O filho, o médico, mostrou-lhe todos os exames, explicou nos detalhes mínimos a situação da doença, evoluções e curvas, um caso que inspirava os mais sérios cuidados, os pulmões estavam fracos, o coração batia baixo. “Isto não, isto não, durmo em paz no sono ferrado e no outro dia acordo disposto sem sentir o mais leve incômodo no pulmão ou no peito.” O engenheiro também se aproximava com manhosas investidas quando propício era o momento: cenho fechado, olhar quieto, voz aguda, breve:

- Como vai a saúde, pai?
- Como Deus me deu, filho.
- Tem seguido os conselhos de Alfredo?
- Como?
- Os conselhos.
- Veremos, filho.
- Veja que ele é um ótimo médico, dizem até que por aqui nunca apareceu um igual.

Olhar de lado, um tanto triste, acrescentava:

– Já perdemos nossa mãe e por muito tempo, pai, queremos vê-lo vivo nesta vida.

Continuavam o jogo e sempre sabiam escolher o momento oportuno, ora apertavam o cerco, ora afrouxavam as cordas. Nunca desistiam, cada vez mais confiantes, hábeis, sorrateiros. Nunca se cansavam, nunca se esqueciam. Nas linhas graves do rosto, desfazem-se agora momentos da passagem do tempo formada com gestos insinuados, que feriam encobertos objetivos. Configuram esses momentos, nos bordados ocultos, terríveis desenhos. Trazem à tona as intenções reais dos dois filhos. Certa vez, há muitos anos passados, antes de fazerem aparecer a irritante preocupação com a sua saúde, o engenheiro fizera uma abordagem sobre a partilha dos bens deixados com a morte da mãe. Ao pai, simplesmente ele dissera que o inventário já estava concluído há anos, o senhor sabe disso. O momento para realizar a partilha não devia mais se prolongar, tal situação não ficava bem perante a lei, ante as autoridades do mundo do direito, algumas delas íntimas da família. Feita a partilha dos bens, cada qual então que fosse administrar o que lhe pertencia, para isso, portanto, que se procurasse o caminho determinado pela lei, mas com o amor que sempre os uniu, a afeição que entrelaça pai e filhos. Ele assim falou, o engenheiro, a voz tímida, cheia de respeito, confiando que as palavras tivessem eco em seus ouvidos. Ele sentiu aquela afronta como um punhal ameaçador suspenso numa mão traiçoeira, imprensando-o contra a parede. Dos pontos mais desconhecidos de seu corpo buscou força para vencer as intenções daquele filho, dobrar os movimentos do animal que à sua frente surgia de modo repentino, o maldito.

Rasgou a boca em altos berros:

– Vocês ainda acham pouco o diploma que eu botei em suas mãos? O suor gasto por meu corpo para custeá-los nos estudos, hein?

Ele percebera que sua voz atingira em cheio o alvo desejado. Viu o filho sumindo na cadeira, o rosto cobrindo-se de uma luz

pálida, aquele corpo alto e forte, como alto e forte era seu corpo, tornar-se pequeno, frágil como uma bolha de sabão. Ele então retornou de jeito manso, gestos leves como o jeito de um gato.

Disse:

– Vocês não veem, filhos, que tudo que eu fiz na vida foi pra vocês mesmos? Que patrimônio dividido é que nem corpo enfraquecido e tende a desaparecer mais cedo?

Minha ideia – ele continuou – é que o patrimônio transforme-se numa empresa, tendo à frente como presidente um de nós três, então quando isso acontecer pode chegar a minha hora, posso mesmo partir bem tranquilo desta vida. Para isso, o mais breve possível, fossem consultados os doutores com as suas leis, ele acrescentou numa voz melíflua como que pacífica e degustando a hora e a vez da vitória definitiva. Porque sabia que o filho não teria coragem para requerer a partilha do patrimônio na justiça, onde suas fortes relações, antiga presença de mando e dinheiro, faziam com que ele fosse acolhido como uma figura de grande prestígio, merecedora de muito respeito, quase sempre circulando encoberto quando precisava, num tráfego que lhe era inteiramente sem empecilhos. Sábios e oportunos foram, portanto, seus conselhos. Pois nestas bandas pai não domina o filho até o último suspiro? Foi assim no início, segue-se hoje o exemplo dos pioneiros, amanhã continuará no mesmo. Nunca mais veio à tona a partilha dos bens deixados com o falecimento da esposa, definitivamente encerrado com o silêncio dos filhos, pacíficos os gestos e vozes dos três encontraram-se novamente. Em família. Com o amor que sempre os uniu. Com a harmonia que entrelaça pai e filhos.

Aquela havia sido a primeira vez que ele escutara um filho levantar a voz em sua frente. A voz nervosa, cheia de rancor. Logo aquele filho, de poucas falas, atos comedidos, maneira de ser atenciosa com qualquer pessoa. Aquele filho tão comentado por sua espantosa competência profissional, querido bastante pela

clientela formada por gente rica e pobre. O médico ameaçou deixar a profissão, que assim não é possível, pai, como posso estar em paz com a consciência vendo todos os dias o senhor sem querer ouvir os meus conselhos? Será que o senhor está pensando que a sua saúde é de ferro? Isso não pode continuar, já está passando dos limites. Mais de uma vez disse que os remédios que eu passei pouco adiantam em casos como esse. O médico ameaçou deixar o pai e retornar à capital para exercer lá a profissão. Afinal, ele era um médico competente, fama merecida disseminada por toda a região, ele meditou naquele instante entre o espanto de ouvir aquela voz que chegou a seus ouvidos em tons aflitivos, incutindo medo. Ele, o filho, não era parte de sua alma, de seu corpo, alegria constante por ser um médico respeitável e que assim vinha pulsar no velho coração? Certas doenças no corpo do homem ficam o tempo todo às escondidas, por isso só são descobertas pelo olho de um médico competente. Por aquele tipo de médico que nasceu com muito faro e cresceu muito no saber para derrotar qualquer tipo de mazela treventa. E, por simples descuido, cuja consequência não seria nada agradável, cometeria um erro fatal, qual a caça que fareja a isca, apalpa, recua, sonda em torno e, num minuto, vacila, se precipita, não havendo mais jeito de escapar quando então se vê presa entre as paredes do alçapão.

Nos primeiros meses que passou no casarão abandonado, ele gostava de ficar no alpendre, fumando o cigarrinho de palha, vendo a tarde cair no mar, sentindo a maresia bulir nos cabelos cor de prata. “Tudo isso é o barulho das águas? Não acredito! Parece coisa de encantamento!” – ele repetia no íntimo.

Ventos gemeram ao largo, vieram noites de ruídos enlouquecidos, sussurros dos lugares mais escuros e escondidos daquela estranha moradia. Nos quartos de cima, ocasião teve em que ele escutou o arrastar de correntes pesadas no assoalho, de alguém andando com pés de chumbo, a se mover com pequenos intervalos dentro da noite fechada de negro. Ventos assoviavam

na rachadura das paredes, nas quinas do telhado, portas e janelas eram fechadas e abertas, sombras caminhavam entre objetos velhos, empoeirados, cobertos de uma camada de mofo em seu total desuso e esquecimento.

No início, os filhos cumpriram o que haviam combinado. O engenheiro colocava-o a par de tudo o que se passava nas fazendas, enquanto o médico auscultava-lhe em silêncio o corpo todo, apreensivo examinava seus olhos com a cor apagada, apresentando visíveis sinais de tristeza. De oito a oito dias, ali estavam os dois filhos. Depois, sem qualquer explicação, foram diminuindo as visitas, demoravam pouco nas últimas. Inquietos entravam no carro, o médico ligava o motor, retornavam deixando nos olhos parados aqueles braços apressados. Os braços dos dois filhos naquele aceno nervoso, distante, naquele espaço interior que era tão-somente um adeus frio e amargo. Longe, quando o carro sumia na praia deserta, nele somente calafrios dominavam o corpo todo. Então rebeldes sentimentos iam crescendo no coração ferido e solitário. No rosto indiferente às coisas em volta, no corpo vergado, na mente ainda clara. Ele se lembra de todos os lances que os filhos utilizaram no cerco para convencê-lo de que devia ficar naquele casarão junto ao mar, esquecido num deserto. De tudo ele se lembra, como nítido e preciso é o voo daquelas duas gaivotas acima da crista das ondas, que vêm se arrebentar violentas nos rochedos quando a maré está cheia.

Há meses que os filhos não aparecem. Ultimamente quando vem trazer os mantimentos, o velho pescador pouco se demora, já não permanece sequer um instante para uma conversinha boa. E ele já não vem ao alpendre fumar o cigarrinho de palha, ver a tarde cair no mar, sentir aquele espelho multifacetado se perder de verde na imensidão das águas. Noites aconteceram, muitas, ventos geraram ao largo, numa sanha incontrolável uivaram chicotadas, arremessaram-se nas paredes, janelas, portas, repetidamente. Sacudiram as tábuas do forro e do assoalho, às vezes tiraram gritos

como se fossem legiões de rostos em pânico. Ventos derrubaram palhas de coqueiro, rodopiaram nas galhas de árvores frondosas. Na noite fechada de negro, pesada, o aguaceiro despencava-se com grandes ruídos, batia no telhado com os pingos grossos como se fossem de chumbo. Baques como pedras por mil mãos jogadas tiravam sons profundos nos cômodos de cima. Percorriam artérias de um corpo solitário as fúrias invisíveis. Loucos ruídos no velho casarão, ele, um naufrago sem esperança, homem no barco com o leme quebrado, casco furado, ilha ambulante, entre dunas e nevoeiros. O tempo ali passando com a carga de grande solidão, numa verdade navegada por mares longínquos, de tristeza hostil por ondas sem enseada, qualquer abrigo. Triste ele andava, triste ele dormia, triste levantava. Como a ave rejeitada pelo bando, que infeliz se vê ao redor das próprias asas, imersa numa vida sem qualquer sentido, na medida em que os pés tropeçam nos passos, os cantos vão sumindo, os dias passando sem que algum entendimento com a natureza aconteça. Até quando, sem mais existir o voo, passa a ter só o oco sem eco alojado na solidez de um coração abandonado e emudecido.

Àquela noite, na cama com um velho colchão de palha, ele conseguiu domar os pensamentos, prendê-los com esforço na sombria passagem dos minutos. Tentou compreender o forte rumor que estrugia nos ouvidos. O lençol sujo cobria o corpo molhado de suor, os olhos parados, coando as trevas que caíam no quarto. Ele sentia, vindo da noite fria, como que o hálito de um monstro fantástico, ocultando-se para o bote fatível, medindo os espaços da noite para, no momento certo, se lançar sobre um corpo velho. Bafo anunciador de morte era trazido por aqueles ventos doidos, por uma boca tenebrosa a rugir lá fora, a espumear com mil pulmões, a ofegar e esturrar ruídos que nunca cessavam. Como arrastadas por pés de chumbo, pesadas correntes eram movidas nos quartos de cima, batifundavam as tábuas do forro. Rolavam rumores, barulhos corriam, misteriosas vozes apareciam como arrancadas



na dor de um corpo em agonia. Gritos sem fim num túnel sem luz cresciam como ritual alucinante arrebatado de medo através de ameaças confusas. *É coisa de assombração!* Houve então um grito abafado que atravessou lado a lado o coração, mugindo tormento dentro. Ouvidos infernizaram-se como se de repente num estouro de boiada, tivesse entrado neles o furor de mil cascos. Indômitos, ventos lançaram-se sobre portas e janelas, jarros, quadros com a moldura carcomida. Estalaram na madeira podre, derrubaram mesas, cadeiras, painéis. De brutalidade indescritível, estremeciam as tábuas do assoalho, quebravam vidraças, fizeram despencar uma parte do telhado. Na passagem violenta pareciam querer levantar o velho casarão e levá-lo com o seu único morador para algum lugar terrível e desconhecido. Onde se supõe estão os pastos do demônio, a comandar um sem-número de almas condenadas. Ele bem que desconfiou do tamanho daquelas águas, da ilusória serenidade a que elas de imediato quiseram conduzi-lo, puxando a cisma de seus olhos para longe, bem longe, até aquele ponto que de tão longe o céu se abaixa, toca nas vagas e se perde no infinito. “Tudo isso são as águas do mar? Não acredito, são os meus olhos iludidos!” – botando a mão no queixo, encabulado, cheio de cisma, ele dissera aos filhos.

Aqueles mesmos ventos retraem agora a fúria de sua passagem. Amortecem enfim todo o ímpeto de chicotadas repetidas. Há nas coisas uma solidão que emerge do ar imenso da noite negra. Ele se levanta com as pernas de veias inchadas, boca semiaberta no queixo barbudo, peito sobe e desce na respiração difícil. As sombras dessa noite aflita falam do voo cego dos morcegos, de cilada e açoite misturados com vozes brabas, comandadas por forças endoidecidas. Ei, noite assanhada, ele diz de si pra si, como se nesse exato momento o coração tivesse saído do lugar e se alojasse dentro dos ouvidos, e ali, pesado, continuasse os fúnebres batimentos. O suor escorre nas têmporas, molha a camisa puída, a respiração quase não saindo.

Na sala grande há um vulto que se movimenta apalpando, move-se com cuidado entre objetos quebrados e espalhados pelo chão. Ele acende o candeeiro com as mãos trêmulas, uma chama inquieta logo emerge das sombras como se fosse uma grande língua, formando nas paredes serpentes, figuras disformes no forro do teto com vários buracos por onde entram e saem os morcegos. Apanha na cozinha um facão enferrujado, ratos guincham e se atropelam em assustada correria. Uma porta abre de repente, tira um ruído seco, uma panela cai no chão, ventos regressam como que montados num galope maldito. A chama do candeeiro agita-se e tremeluz com a grande língua, que tenta a todo custo não ser engolida pelas trevas. Chuva forte escorre-se no vidro fosco das janelas. Ele deixa o candeeiro em cima do fogão, na pedra úmida aquele único ponto de luz, isolado pelas trevas que se adensam em torno, com espessas camadas de negrume tentam abafar a chama irrequieta.

Olhos piscam nervosos.

E, por uma das portas dos fundos que dá para um dos lados do quintal, ele sai nessa noite sem qualquer sinal de lua, céu enlutado com as estrelas mortiças e longínquas. Nos passos lentos, ele consegue chegar até o começo da praia, pés frios sentem a areia fofa, corpo fraco balançando com as rajadas do vento. É quando se vê em frente a um monstro enraivecido, rosnando, boiando, espumando ali na praia. O mar é um búfalo imenso lançando-se e recuando num corpo que se oculta numa caverna sem tamanho, nos abismos de movimentos sucessivamente traiçoeiros. Ele volta a caminhar nos passos que oscilam, pés que de tão leves quase não deixam sulcos na areia umedecida. *Filhos, aqueles filhos, cara de anjo, coração de serpente.* Pensamentos irascíveis surgem como talhos recém-abertos, sob o calor de sensações cortantes o coração, achatado com a sua carga que pende sem dó. Devagar ele anda, numa coragem que se inflama por cabeça, tronco e membros, passos que avançam e marcam, em sua escala de sombras, notas de martírio e desalento.

Cabelos esvoaçam ao vento, o hálito causticante da noite fere um rosto cuja expressão concentra-se num só ponto de rancor, feito nas fibras ressequidas de uma matéria insensível, de lembranças que se tornaram pontos obscuros depois de sentidas, mordidas, remoídas. As pernas com demorados arrepios, língua presa nos dentes, o peito estremecido. Como se forças possessivas, não satisfeitas ainda no cerco que fazem, quisessem continuar naquele jogo cruel que o arrasta para a morte lentamente. Devagar continua avançando, minuto a minuto o corpo é impelido numa coragem que circula com forças retiradas por ele não se sabe de onde. Procura então como atacar o ponto vulnerável do inimigo que se mostra e se esconde, a rosnar próximo com toda a fúria que traz dos abismos. Dedos enrijecidos prendem o facão velho. Em cima as estrelas na vertigem das alturas, pontos perdidos, olhos miúdos espalhados no sem fim de um rosto negro. Retendo a respiração, ele avança alguns passos mais, cauteloso como quem se aproxima de um animal feroz em cuja boca rasgam-se bramidos que não cessam, ressoam estranhos e fortes rugidos.

Quando as águas chegaram à altura dos joelhos, ele sentiu tremor intenso, sensação igual à de um peixe que súbito se faz prisioneiro numa rede. Dentro dele sangra alucinado o coração, forte tumor que se rasga sob as descargas da agonia, a esguichar grande dor por todos os poros das carnes envelhecidas. Dedos enrijecidos prendem o facão velho. *O sangue é a desgraça do corpo, o sangue do meu sangue, aqueles filhos.* Ele sabe, ele repete no íntimo, ele que é apenas uma torrente agora, irrompida pelas paredes do tímpano. Ele corta a primeira onda num golpe violento, a segunda é uma mão enorme que se arrebenta nos peitos. Mão de inúmeras garras, pegajentas, espumosas, a puxar um corpo débil para as profundas de uma boca desconhecida. Para a escuridão do abismo mais cheio de fúria, ali rosnando ensurdecido feito um bicho faminto.

Debatendo-se no cerco das águas, ele ainda tenta dar o segundo golpe, apenas teve tempo para lançar um grito terrível, que saiu como a última bala de um revólver num ímpeto indescritível para explodir certa no alvo a carga solta de toda a sua energia.

## POOOOORCOS

O entrechoque daquele grito percorreu a crista das águas, propagou-se nas vagas infindas e retornou de inconcebíveis abismos para cerrar o percurso de fúria num corpo para sempre emudecido.

De céu manso, o dia amanhece. Nuvens como grandes conchas, grandes rochas brancas, grandes cogumelos.

O mar ruge selvagem com suas jubas brancas. Bate, volta, bate. Na manhã de um sem-número de espelhos, lá onde existem rochas incrustadas de escamas milenares: ancoradouro de sonho e mistério.

Noites passam. Ele se banha nos raios da lua clara. Lâminas de prata rebrilham em enorme corpo que respira.

Incríveis bailarinas, as ondas sobem e descem, erguem-se como paredes que oscilam e se transmudam em fragor de espumas... triunfo do amor das águas na areia... assim, belas no lombo das águas, velejam.

Ele, reino de bondade e num só tempo selvagem, encantado num peixe cheio de segredos, balança-se ao imenso, vigília líquida de um tempo sem fronteiras, ritmo azul e verde de veios indormidos.

O mar é um búfalo estupidamente enorme levado nas correntes dessa manhã plena de luz.

Quem sabe onde começa? Quem sabe onde termina?

Melodia que atrai no ir e vir de eterno movimento.

Água, sal e céu.

E, como um animal selvagem expulso do próprio território, ferido na solidão de um silêncio imenso, somente ele escutou a fúria do mar.

Entre sombras e abismos.

# UM SIMPLES FAROL NO MAR

Dias da Costa



## Dias da Costa

Dias da Costa (1907-1975) nasceu em Salvador (BA). Publicou *Canção do beco* (1939) e *Mirante dos Aflitos* (1960), volumes de contos. A Editora Gumercindo Rocha Dória publicou uma edição póstuma de seus contos selecionados na antologia *Dias da Costa conta histórias do Mirante dos Aflitos* (1980). Sua narrativa objetiva exhibe quadros dramáticos da vida cotidiana na cidade. As vivências do jornalista aproximam o contista das afetividades eletivas, voltadas para uma humanidade baiana. Como em Elvira Foeppel, deixou um legado pequeno, mas valioso, merecendo estudo de avaliação crítica.

## UM SIMPLES FAROL NO MAR

O farol mandou lá de longe, numa saudação amistosa, a sua rajada vermelha de luz e se apagou em seguida. A noite estava clara, mas a lua não brilhava no céu povoado de estrelas. A cada um daqueles lampejos rubros que vinham do outro lado da baía, uma faixa púrpura deslizava fugitiva pela superfície das águas tranquilas. O silêncio da noite era apenas acariciado pelo espriar das ondas preguiçosas na areia da praia. Os grilos não cantavam na noite e, como era verão, não havia o coaxar rangente dos sapos na lagoa do fundo. Envolvido pelo silêncio, anestesiado pela paz absoluta das coisas em torno, Carlos permanecia atento e imóvel, os sentidos alertas, captando sofregamente as sensações daquele momento que jamais se repetiria em sua vida. Ouvia o marulho das ondas, sentia o cheiro do mar penetrando-lhe as narinas, recebia na face a carícia da brisa fresca, saboreava o gosto acre do cigarro que lhe pendia dos lábios, vagueava devagar os olhos pelo céu imenso, numa consulta ansiosa às estrelas que cintilavam infatigavelmente. Mas, não foi por muito tempo que pode fugir de si mesmo. Uma a uma, as recordações foram voltando traiçoeiras, roubando-o ao encantado mundo em volta, para fazê-lo reviver o passado, aquele terrível passado que lhe parecia agora como um pesadelo, ao mesmo tempo muito distante e muito próximo. Era esse passado que ainda o escravizava, estirando as garras poderosas por cima daquele mar tranquilo, para vir empolgá-lo, mesmo ali, dentro do silêncio da noite acolhedora como um berço.

Há seis meses, em vez da luz das estrelas, tinha por sobre a face macilenta (sempre que um intervalo de luz rompia o tumulto do delírio) olhos ansiosos que procuravam os seus olhos, lábios



crispados em expectativa carinhosa e angustiada. Eram Beatriz, Edmundo, Elvira ou Jaime, ou todos juntos, que via sempre, infatigáveis, debruçados sobre o seu leito. Lembrava-se da lâmpada oscilando mansamente, o quebra-luz amortecendo a claridade leitosa, deixando sombras suspeitas no teto alto, sombras que o delírio povoava de duendes estranhos. Parecia que todas as extravagâncias de sua imaginação, recalçadas anos a fio, tinham aproveitado aquelas horas de fraqueza, aquelas horas de luta entre a lucidez e a loucura, para subir-lhe, do mais fundo do ser, transbordando em visões alucinantes e desvairadas. Às vezes eram monstros desconhecidos escancarando fauces enormes, ou eram mulheres de longos braços mirrados e oscilantes, ventres desmedidos, seios enormes e peles marcadas pelas mais grotescas tatuagens. Outras, eram lugares ermos e desolados, charnecas tristes, ou abismos vertiginosos, com luzes pálidas escorrendo em granitos violáceos. Outras, ainda, eram pessoas que conhecera antes, ou fatos antigos de sua vida, projetados numa tela deformante, transformados em caricaturas ridículas e hediondas. Mesmo agora, tão longe já desse tempo, sentia um frio mau correr-lhe pela espinha, o coração acelerar o seu ritmo, às simples lembranças daqueles dias povoados de pavores. Sim, o passado estava ali, estava com ele. Lembrava-se ainda de quando regressara, do último apelo desesperado que lançara às próprias forças alquebradas, para chegar até a casa, a sua casa, que parecia fugir sempre para mais longe diante de seus passos hesitantes e trôpegos. Os dias de tortura, de fome, de inquietação e de humilhações, depois da luta febril sustentada por tanto tempo, tinham-no transformado naquela ruína, naquele feixe de nervos esfrangalhados, que se arrastava teimosamente, mobilizando as últimas migalhas de energia ainda existentes no corpo macerado. Fora com as mãos crispadas, os maxilares contraídos, os ouvidos zumbindo e um clarão rubro dançando diante dos olhos, que subira os poucos degraus finalmente alcançados e batera à porta.

Depois, foi o vazio absoluto por um tempo sem medida, até o túbulo vertiginoso do delírio sem fronteiras. Pouco a pouco os períodos de lucidez foram ficando mais longos e, afinal, sonos sem sonhos lhe permitiriam repousos de há muito esquecidos.

Quando veio a convalescença, os dias decorreram tranquilos e doces, com pequenos passeios ao sol, longas conversas sem rumo fixo e leituras espaçadas e leves. Foi então que a velha cidade, com as agulhas de seus templos apontadas para o alto, as ladeiras serpeando pelas encostas empinadas, os prédios centenários, atravessando horizontes, os recantos de praias lavadas rebrilhantes de sol, os ruídos noturnos de atabaques quebrando a calma dos sonos seguros, as vezes arrastada de gente que trazia nas veias as misturas de raças diferentes, foi então que tudo aquilo que antes já conhecia criou um encanto novo e mais profundo para sua sensibilidade afinada e renascente. Um sentimento mais forte de ternura para a gente simples que vivia ali, de compreensão para os seus erros, de piedade humana, para os sofrimentos que a castigavam purificados pela tortura. E, então, começou a compreender que era por demais sem importância tudo o quanto sofrera comparado com a soma dos sofrimentos todos daqueles que viviam à sua volta. E foi essa compreensão que lhe deu forças para obedecer ao comando que lhe veio através de Beatriz, Jaime, Edmundo e Elvira, reunidos em conselho. O momento não lhe permitia cuidar de outra coisa que não fosse restaurar o corpo destroçado pela tormenta que enfrentara. Tinha que viver pelo menos durante seis meses, longe de tudo, afastado de qualquer luta.

E há meses estava ali, familiarizando-se com o mar amigo que estava em torno da ilha, tornando-se dia a dia mais forte, pescando ao sol nos arrecifes batidos pelas vagas, fazendo longas caminhadas pela mata verde, integrando-se na natureza poderosa e protetora. Mas, nada disso era o mais importante. Agora, no momento em que tinha de decidir, é que sentia o quanto

Mariana se tornara um grilhão difícil de quebrar em sua vida. Antes, nunca esperava que a união nascida do encontro ao acaso se transformasse naquela necessidade permanente de contato mútuo, na atração cada vez mais forte, que se estava transformando na finalidade única da vida de ambos. Quando a possuía pela primeira vez, estranhando a naturalidade com que se entregava, sem exigir nada em troca e, ainda, quando essa posse se repetira, vezes sem conta, sempre encontrando-a desinteressada e amiga, acolhedora no abandono, reconfortante na ternura de todos os momentos, não supusera sequer que ela tanto viria a pesar naquele momento decisivo de seu destino.

Sob a luz das estrelas, ali, à beira do mar, bastava fechar os olhos para vê-la em todos os seus traços, os olhos verdes em contraste com a pele morena, o nariz levemente arrebitado, as orelhas pequenas e bem feitas, a boca sensual, de lábios grossos e úmidos. Seu corpo ainda não se saciara do calor de sua carne moça. Não se cansara dos seios empinados, do ventre macio, das coxas firmes e nervosas, da harmonia dos gestos flexuosos, da curva das ancas robustas, da cintura surpreendentemente delicada. Bastar-lhe-ia, naquele momento, transpor mais uma vez aquela porta e despertá-la para tê-la de novo nos braços, para ser docemente embalado pelo seu carinho, para sentir no rosto o calor de seu hálito e perceber-lhe nos olhos o convite mudo para o grande amor sem reservas. Depois, a sua voz velada dir-lhe-ia, no momento supremo, as palavras entrecortadas que tão bem conhecia e que sempre acendiam os desejos que moravam em seu corpo agora restaurado e sadio.

Mas, apesar de tudo estar como antes, alguma coisa acontecera que tornara tal retorno impossível. Seria realmente impossível? As estrelas estavam brilhando, o mar se alongava pela praia deserta e silenciosa, o farol enviava lá da Ponta da Barra, a sua luz vermelha que era uma saudação amiga. Mariana estava tranquila e feliz e a paz estava em todas as coisas em torno.

Então, por que voltar? Ficando, teria toda a vida simples e boa que lhe oferecia aquele canto ignorado do mundo. Ali teria as longas horas de preguiça, nas tardes claras, olhando as velas dos saveiros correndo de leve no mar sossegado, empurradas pelo sopro amável do nordeste fresco. Teria as noites de lua plena, com as marés grandes galgando os barrancos esboroando terra, comendo bocados da ilha, num trabalho lento e persistente de destruição. Na praia e sob a lua, haveria vozes cantando, haveria sambas, modinhas dolentes, ou crianças esganiçadas cantando rodas.

No inverno, seriam os dias pequenos, a chuva batendo nas telhas, o sueste assobiando terrível, o grande mar vazio de velas brancas se levantando em vagalhões coléricos, homens embuçados em grandes capotes de sarja azul saindo para a chuva, o cachimbo fumegando nas mandíbulas apertadas, reforçando cautelosos as amarrações frágeis dos pequenos barcos acorrentados. Nas manhãs leitosas de neblina, ficaria à janela, vendo passar os pescadores do sul da ilha, de calças arregaçadas, exibindo jarretes musculosos, trotando pela praia molhada, curvados ao peso dos cofos abarrotados de peixe fresco.

À tarde, vindo da cidade, chegaria o vapor de Itaparica. Satu sairia no seu saveiro de vela remendada para receber passageiros escassos. Os coqueiros agitariam as palmas no alto, farfalhando ao vento. Nuvens esgarçadas desenhariam animais fabulosos no campo sem limites do céu azul.

E ele, imerso naquela paz de coisas e homens, seria apenas um ser a mais, um ser infinitamente pequeno, mas infinitamente feliz, sem problemas e sem rancores, sem cóleras e sem sonhos, voltando à vida primitiva que lhe permitiria apagar as cicatrizes de sua alma conturbada e que restituiria ao seu corpo o vigor perdido.

Voltar, seria deixar tudo aquilo que estava à sua volta, seria retornar aos dias agitados e extenuantes, às noites intermináveis e povoadas de temores, à expectativa de tragédias a acontecer a qualquer instante, descobrindo uma traição em cada gesto,

suspeitando de uma armadilha perigosa em cada palavra. Retornar, seria trabalhar sem descanso, mesmo quando as forças estivessem nos últimos limites, enfrentar interesses em choque, esclarecer com paciência evangélica as mais absurdas incompreensões. Regressar, seria talvez experimentar de novo os suplícios de antes, o horror das grades irremovíveis, as macerações do corpo covarde para o sofrimento físico, os interrogatórios alucinantes, a tortura permanente em suas formas mais cruéis e desmoralizantes.

No entanto, a carta para Mariana estava no seu bolso e, agora, sem apelação, teria que decidir. O saveiro de Leonardo estava lá embaixo, na Gamboa, com o mulato no leme, esperando por ele. O apelo dos amigos, vindo da cidade, não admitia adiantamento. Sem a sua presença imediata, todo o trabalho teria sido inútil e ninguém melhor do que ele sabia quão difícil seria tudo recomeçar. Mas, afinal, que importância poderia ter o fracasso de seu trabalho? Valeria a luta o sacrifício de sua felicidade? Maquinalmente acendeu um novo cigarro e ficou aspirando de leve o fumo que não divisava na escuridão. E, de repente, vindas em tropel, umas sobre as outras, como nos passados delírios, visões se misturaram vertiginosas nos seus olhos cansados. De súbito, ele já não estava ali e uma força mais poderosa do que a sua vontade obrigou-o a rever coisas que se esforçava para não enxergar.

Homens sofriam em todos os quadrantes do mundo. A morte, nem por um só instante, deixara de pairar sobre a terra, em todos os continentes. A ganância e a cobiça criavam espaços e forjavam grilhões para as grandes massas dos desamparados. Nas fábricas de todo o mundo, operários mal pagos eram obrigados a trabalhar no fabrico dos engenhos de destruição e de terror. Braços de homens famintos se erguiam, aqui e ali, pedindo pão, paz, justiça e trabalho. Mundos hostis e inconciliáveis se enfrentavam, ameaçando os homens com a hecatombe de choques homicidas. Um sopro de loucura provinda do medo varria o mundo inquieto, sob o olhar complacente de deuses decrepitos e venais.

Então, que direito lhe assistia de recuar agora, porque era feliz, porque as coisas más que aconteciam não estavam acontecendo sob suas vistas? Como decidir, como resolver, naquele instante, sem possibilidade de adiamento?

Mas uma vez o farol vermelho, lá da ponta distante da Barra lhe enviou a sua luz poderosa que acariciava de leve a superfície parada das águas adormecidas. A paz que estava nas coisas todas não se modificou. As estrelas não deixavam de cintilar, nem as ondas mansas deixaram de lamber, preguiçosas, a areia branca da praia. Mas, mesmo sentindo que nada em torno deixara de estar como antes, soube, de repente, com uma certeza que o surpreendia, que essa paz tão cedo não poderia morar em seu coração crestado pelo vento tórrido da grande tempestade. A paz não era ainda para ele, ainda não poderia ser para ele.

As estrelas estavam brilhando, o mar estava sossegado, as vagas se espraíavam, mansas na praia sem ruídos. Dentro de casa Mariana estava dormindo, talvez sonhando. Agora não havia grilos cantando, nem o coaxar dos sapos rasgava a noite da lagoa do fundo, os coqueiros estavam aprumados e tranquilos, com as palmas rendilhadas decorando a noite quieta. A paz era absoluta sob as estrelas. Mas essa paz não era possível para ele. E isso lhe dizia o farol, lá de longe do outro lado da baía, enviando a mensagem de seu clarão vermelho que deslizava de leve para a superfície das águas paradas.

Leonardo estava lá embaixo, o saveiro pronto, o cachimbo brilhando na escuridão da noite agora sem mistérios.

Carlos olhou as estrelas, olhou o mar imóvel, olhou o colar de luzes da cidade defronte, abarcou, no último olhar, o pequeno mundo que procurava prendê-lo. Então, decidido de uma vez, esperou que o farol brilhasse de novo e novamente se apagasse. Depois se abaixou devagar, enfiou a carta para Mariana por baixo da porta, ergueu-se num repelão e estirou os braços longe para distender os músculos entorpecidos. Só então, sem

olhar para trás nem uma vez, marchou em passos medidos pela praia, procurando o saveiro pequeno de Leonardo, enquanto no céu as estrelas continuavam cintilando infatigavelmente.

# OS LAMPADÁRIOS DO CÉU

Gláucia Lemos





## Gláucia Lemos

Nascida em Salvador (BA), em 1930. Contista, romancista e autora de livros infantojuvenis. Obteve com *A metade da maçã* (1984), romance, o segundo Prêmio da Secretaria de Cultura do Recife, enquanto o romance *O riso da raposa* (1985) rendeu-lhe o Prêmio Cidade de Salvador, da Academia de Letras da Bahia. Publicou, também, *Marce*, romance, em 2014, e *Todas as águas*, contos, 2015. A escrita fluente e a imaginação que elege o real e a ilusão nas diversidades de situações projetadas garantem a boa qualidade de sua ficção. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia.

## OS LAMPADÁRIOS DO CÉU

Estava sempre a esperar por ele. Sempre estivera. Naquela tarde, mais uma vez, vestiu-se de branco. Até as sandálias. Em frente ao espelho pequeno da parede do quarto, foi retirando os grampos dos cabelos e vendo as madeixas descerem pelo rosto e pelos ombros. Como se fossem lágrimas que escorressem. Devagar. E brilhantes. Como se fossem lágrimas, não. Como se fossem porções de mel. Seus cabelos da cor do mel, como costumava dizer Filipe. Filipe gostava deles. Os cachos claros desenrolando devagar. Ele se punha a enrolá-los e desenrolá-los com os dedos, como se procurasse com o que ocupar os longos silêncios invariáveis a cada chegada. Como se a cada vez que voltasse, o primeiro beijo fosse também o primeiro de todos.

Filipe... Doce Filipe de olhos distantes, quase incompreensíveis, que tinha um oceano inteiro dentro do coração. Alma de vagabundo, não assentava ferros em lugar nenhum. Vinha e ia. Ia e vinha. Voltava e partia. Como as marés que ele tanto conhecia e amava. Como as luas que ela tanto contava esperando seus regressos.

Ele chegava sempre de repente. Inesperadamente. Lina punha-se num alvoroço. Que nem o canário da terra toda vez que a gaiola da canarinha era colocada ao lado da sua. Perversidade do tio... Trazia a companheira para excitar o bichinho e depois levá-lo a brigar nas rinhas. Lina ficava de coração partido quando os via de volta. O canarinho sangrando e o tio em um sorriso de dentes enormes e olhos sem tamanho de alegria. O bolso inchado das apostas. E ao bichinho não lhe dava nem a canarinha por consolo...

Lina ficava a pensar que os mares, os mares imensos, eram os ponteiros da gaiola entre ela e Filipe. Até quando? Até sempre. Supunha. Aquele homem não assentava ferro, mesmo...

Pedia-lhe promessas de ficar. Ele sempre respondia: “Da próxima vez.” Numa ilusão, ela até se alegrava e, no dia seguinte à partida, recomeçava a espera do regresso. Sem certeza. Sem data. Sem hora.

Na próxima vez, o mesmo primeiro beijo começando devagar, como se fosse mesmo o primeiro de todos. Os mesmos olhos mansos de Filipe envolvendo-a, como se fosse a primeira vez que a visse. Os mesmos dedos carinhosos enrolando e desenrolando os cabelos de mel. Os mesmos abraços enormes do tamanho do oceano. Poderosos como o oceano. Depois, a despedida. Desta vez você veio para ficar? Ainda não. Na próxima... As mãos presas, como se estivessem amarradas uma à outra. O choro explodindo inevitável daquele nó na garganta que não podia mais controlar. E ele se indo cabisbaixo. Triste. E logo após a despedida o recomeço da espera. Desde o primeiro momento. Como sempre. Há quanto tempo... Toda a vida, desde que se lembrava de existir. Esperava-o, tinha que esperá-lo... Estava acima de sua vontade. Tinha que ser...

Lina puxou o último grampo. Viu no espelho o cacho desenrolando e pensou nas mãos de Filipe. Grandes, sem trato. Mas carinhosas. Tem que ser desta vez. Não quero mais que se vá. Não quero. Não suporto mais tanto tempo de morte, em troca de tão poucas horas de vida...

Ele acabava de chegar. Da pracinha vira o alvoroço no cais. Seu coração, enchendo-se de alegria, enchera-se também de angústia, de receio. Ele não cumpriria a promessa, sabia que não. O receio foi crescendo a cada minuto que se aproximava do momento de vê-lo. Sabia que viria como sempre, belo nos olhos mansos e enigmáticos e no corpo grande, musculoso. No sorriso pequeno, de criança, na franja teimosa caindo sobre a testa. E forte na suavidade do carinho, no beijo e na intimidade do abraço. Forte

no domínio com que conseguia prendê-la irremediavelmente. Nunca mudara. Nunca. Fora sempre o mesmo amante docemente apaixonado. Teimosamente fugitivo.

Lina olhou o céu pela janela aberta. Havia um sol iluminando a vida. Correu do quarto, atravessando a sala e tomando a porta da rua. No oitão da casa, chegou-se ao jasmineiro que enramava até a parede dos fundos e enfiou jasmims à toa pelos cabelos. O aroma suave envolveu o rosto dela, e ela se pôs a esperar pelo homem. Demorou pouco. Logo avistou que ele se aproximava. E ele a enlaçou pela cintura enquanto entravam na casa. Então, Filipe levou-a para o quarto, como se fosse uma noiva na sua noite primeira. O vestido branco de tecido ralo, os cabelos soltos, salpicados de flores, roçando no rosto. Os olhos enormes derramando volúpia. O colo macio cheirando a jasmim. Filipe beijou-a e a pôs sobre a cama. Era um quarto pequeno e modesto. De chão de cimento e paredes caiadas, de casa de praia.

Lina ansiava pelo amor de Filipe, mas no seu coração o temor da partida, a quase certeza do descumprimento da promessa, trazia ao momento mais tristeza que amor. De repente, olhou-o nos olhos. Ah... Os olhos difíceis do doce Filipe... Desta vez você fica, não é?

O homem não esperava a cobrança tão pronta. Ergueu a cabeça. Os olhos atravessaram a janela pequena e se foram encontrar com o mar que lá fora banhava de espumas a praia deserta. E respondeu que não. Com um gesto de cabeça. Sem qualquer palavra. A mulher não insistiu. Nem chorou. Beijou-o com paixão. Depois, quase sem acreditar, viu no rosto do homem uma expressão confusa e ouviu as palavras mansas que seus lábios deixaram escapar, devagar, friamente: “E hoje vai ser também a última vez. Quando hoje me for, nunca mais vou voltar. É a última vez.” Lina nem sequer perguntou-lhe por quê. Que diferença faria? Porque a desamasse... Porque fosse morrer... Porque lançasse ferros em outro porto qualquer... Porque se cansara do seu corpo e do

seu beijo... Porque só o mar pudera conquistá-lo, porque aquele mar o levava para longe... Que diferença faria?

Demorou com os olhos ausentes, molhados de mágoa. Depois, com a fala pausada, como se agonizasse, com as mãos crispadas segurando a cabeça, começou a dizer: “Só você é minha luz. Já que você se vai, quando for nada mais quero ver. Vão descer trevas densas por toda esta terra. Eu lhe juro que vão. E tudo vai morrer...”

O homem sorriu seu sorriso pequeno, de criança. Passou a mão pela franja que descia pela testa e sorriu para ela, manso, devagar, como ele era. Poesia de mulher – pensou. Mas não falou nada.

Depois eles se amaram, com a mesma paixão. Até que a noite desceu.

Quando a primeira estrela apareceu no céu, Filipe espiou pela janela do quarto. A brisa noturna começava a trazer para dentro da casa o cheiro das flores que o jasmineiro embalava, do lado de fora. O homem olhou a mulher que dormia a seu lado. Nos cabelos revoltos, jasmims machucados. Na boca entreaberta, os lábios corados e umedecidos. Tão bonita ela era! A saudade começou a ferir no peito do homem. Mas ele ergueu o corpo e se levantou da cama. Mais uma vez, como tantas, viu a mulher despertar e se levantar também. A saudade doendo. Encompridou os olhos pelo vão da janela para o mar lá adiante. Tinha que se ir. Era inevitável. Tinha que se ir. Era mais forte que tudo.

Logo os dois saíram, de mãos dadas. Calados. Na direção da pracinha. Fazia uma noite bonita, e os olhos das flores, entrecerrados de sono, espriavam a tristeza que ia com eles. Um cachorro vadio caminhava sozinho seu vulto magérrimo. E grilos cantavam nos canteiros pejados de folhas. Só uma brisa muito leve estremecia as folhas miúdas nos galhos estendidos dos tamarindeiros. E então os dois se abraçaram novamente. Por longo tempo. Calados. E ele se foi. Devagar. Tomou a estrada comprida que levava ao cais.

E quando ele se foi, e à vista da mulher ficou somente a poeira fina que subia, como bruma, na penumbra da noite, ela se encaminhou até a igreja e foi subindo os degraus de madeira que levavam ao coro. Lentamente. Degrau a degrau. E alcançou o topo. Subiu à cadeira onde o tio se sentava aos domingos tocando o órgão para acompanhar a missa. E depois, com um esforço maior, alcançou o parapeito do vitrô. A pouca luz da rua, através dos vidros coloridos, não chegou a sufocar-lhe a visão. Ela, porém, vacilou por pouco. Logo se refez e segurou bem firme a corda do sino, que estremeceu e badalou com força algumas vezes. Lina não se incomodou. Braços erguidos, foi subindo pela corda devagar, até que alcançou o sino. Parou mais um pouco. Quase ofegava. Respirou profundo. Com a perna esticada, pisou o parapeito da vigia da torre. De um salto, colocou o outro pé. As mãos abraçando o umbral. Pôs a cabeça para fora e olhou em torno. Lá embaixo, não havia mais silêncio na noite fechada da pracinha. O povo da terra acorrera à praça ao estranho chamado do sino àquela hora da noite. E olhava, intrigado, para o alto da torre, sem nada entender.

Lina passou para cima, como se o não visse. Abraçou o cruzeiro que encimava a torre. Procurou com os olhos o vulto do homem que se fora pela estrada. E o avistou ao longe, que se ia a passos lentos, como um prolongamento da mulher que ficara. Aos olhos de Lina tudo se fez mais turvo. Quando o homem alcançou a entrada do cais, a mulher levantou o braço e, quase sem esforço, os pés apoiados na ponta dos dedos, apanhou a estrela mais próxima, de luz intensa como a de um lampadário. Soprou-a com força. A luz bruxuleou um pouco e se apagou. Depois, a segunda e a terceira. E assim foi, soprando uma a uma, todas as estrelas do céu e as apagando.

A escuridão foi nascendo, pingo a pingo. Como se na eternidade se estivesse começando a abrir o torneirão de tinta negra. Na pracinha lá embaixo, cresceu o tumulto do povo assustado olhando para o céu. Mas Lina, tranquila, dava cumprimento à sua

profecia. Até que soprou a última estrela. E a treva se fez. Densa. Definitiva.

Ainda se ouviu por um pouco o clamor do povo subindo da escuridão. Mas logo depois tudo acabou sobre a face da terra.

# OS OLHOS DO CRISTO DE PEDRA

Guido Guerra





## Guido Guerra

Guido Guerra (1943-2006) nasceu em Santaluz, nordeste baiano. Jornalista, romancista, contista e cronista. Um dos escritores mais lidos de sua geração. Publicou: *Dura realidade* (1969), contos e crônicas, *As aparições de Dr. Salu e outras histórias* (1969), novela e contos, *Percegonho Céu Azul do Sol Poente* (1976), romance, *Lili Passeata* (1978), romance, *Ela se chama Joana Felicidade* (1948), novela, *Quatro estrelas no pijama* (1989), romance, *O último salão grená* (1992), *Vicente Celestino – o hóspede da tempestade* (1994), ensaio, e *Vila Nova da Rainha Doida* (1998), contos. Para Jorge Amado, seus livros de ficção mostram que Guido Guerra é um autêntico criador de ambientes com gente e vida.

## OS OLHOS DO CRISTO DE PEDRA

Foi no Morro do Cristo, a lua cheia dançando lá em cima, belíssima! Era carnaval, segunda-feira e pra lá de meia-noite.

Ele não me conhecia nem eu a ele, mais por isto foi lindo!

– Ela exclamou: – Ele brincou com meus cabelos e me fez tranças e disse que tivera uma irmã que se parecia comigo (ou eu com ela?) e que, Deus a tenha e guarde, morreria de tifo numa noite de Natal e, a cada Natal, ela renasce em sua tristeza e, como se fosse estalar soluço, interrompeu-se, pausa curta, ele interrogativo:

– Quer minha tristeza?

Sim, respondi, ele se calou, também me calei. Era carnaval, repito, e éramos tristes e, mais que tristes, sós. Ele se amparou em mim, eu nele. Então, tomou minha mão, levou-a a seu joelho, deixando-a lá, espalmada, e mexeu nos meus cabelos, assim dizendo:

– Dedo mindinho, senhor vizinho, maior de todos, fura-bolo, cata-piolho – e, fincando o indicador na palma de minha mão, perguntou: – Cadê o bolinho que deixei aqui? e, voltando a ser criança, respondi: – Gato comeu – e, entre cócegas, fez-me rir e riu comigo. Depois, ele suspendeu a máscara até a ponta do nariz: tinha lábios grossos e pele cor de cobre e me mostrou seu sorriso de dentes alvíssimos e se fez sério em seguida e apontou para o Cristo e disse:

– Os olhos do Cristo se movem!

Então, sorri, pensei: pirou. “Não ria”, elevou a voz, primeira vez que fazia isso comigo, me doeu. “Desculpe”, murmurou.

– O Cristo é de pedra e é carne – disse.

– Não! – falei. – É um Cristo petrificado, morto.

– Veja – ele apontou para cima na direção do Cristo.

– Veja os olhos dele, de pedra e se mexem, entristecem quando se enviesam, se alegram ao natural, viu?

Ele se levantou, volveu as costas ao Cristo de pedra – pois temia que seus olhos de pedra estivessem a censurá-lo – e agachou-se novamente e suas mãos, cobertas por luvas negras, tomaram-me o rosto, ele se aproximou, senti-lhe a respiração e o bafo de cachaça e seus lábios tocaram nos meus tão de leve que parecia um beijo de sonho, tão longe e, novamente homem sem rosto, desceu a máscara. Embaraçada, quase a gaguejar, eu lhe pedi:

– Tire a máscara. Quero mexer nos seus cabelos, me ver nos seus olhos, beber seu suor.

A voz era rouca, tendo sido de falsete antes, ele falou devagar:

– Assim acaba o encanto e você não me empresta o rosto que gostaria que eu tivesse.

Então, ele me tomou ao colo e chorou cantando: era uma modinha triste, lenta, machucada e que me machucou também. Então, o vento assentou meus cabelos e ele xingou o vento e ordenou que o vento parasse de ventar e prendeu meus cabelos e, neles, fez rabo-de-cavalo e, olhando para cima, disse que a lua era o olhar de Deus e que o vento era o chicote de Deus e disse depois, quando me beijasse outra vez, que eu, virando anjo, voaria até as estrelas e rasgou a boca da máscara e me beijou e, de olhos fechados, vi estrelas e, abraçados, embolando morro abaixo, descemos à praia, em seguida ao mar, eu nos braços dele: fez que ia me jogar ao mar e, pendurando-me em seu pescoço, gritei: não!

Ele pareceu assustar-se, depois se acalmou, sorriu para mim, eu para ele. Então, pelos olhos da máscara, vi seus olhos: verdes, verdes. Eu em seus braços, as águas batendo na cintura

dele, fomos ao mar. Ele me disse que ia me dar um caldo, gritei: não! Ele sorriu e disse que ia me levar para o fundo, eu gritei: não.

Ele me beijou, me olhou de um jeito que não me olhara ainda, avançou mais dois passos, me disse que as ondas, cada vez mais fortes, estavam puxando e, nos olhos dele, não havia medo, me suspendeu e gritou: agora e já! Eu em pânico, ele sorridente.

Um avariado, pensei, doido varrido. Eu nos ares, suspense, ele ameaçava me atirar no mar: ainda! Lá no fundo, gritou, avançou mais passos, água à altura de seus ombros, gritei: pelo amor do Cristo de pedra, não! Então, ele me fez escanchar em seus ombros, me deu as mãos e disse que ia virar um cavalo ruço e que, ao dar a primeira upa, eu cairia no mar, beberia água até estuporar, e sorriu, mais que sorriso, imensa gargalhada e me levou, voltando à praia e lá, juntos, ele e eu, esparramados: ele se debruçou sobre mim e me beijou e vi estrelas em seus olhos verdes, muitos verdes. Depois, se levantou, me estendeu a mão para que eu me levantasse também e tornamos ao mar e ficamos no raso, onde dava pé, ele mergulhou primeiro, eu em seguida, ele me abraçou, apertei-o contra mim. Ele bebeu, ele bebeu cerveja e sal nos meus lábios, eu nos dele. Então, sem pedir licença, tirou minha mortalha e jogou-a na praia e meus peitos saltaram em suas mãos. Reclinando-se, beijou-os e, ajoelhando-se, tirou minha calcinha imediatamente e arremessou à praia e lá, aqui em mim também me beijou e, ato contínuo, suspendeu as vistas e me disse: salgadinha, hein?

Meu sorriso no dele ampliado, eu o fiz erguer-se, puxando-o para mim. Ele se pôs de pé. Então me ajoelhei, e, lá nele, embaixo, eu o beijei: lá, sim, lá. Ele gemeu assim, ai, gemeu mais um ai e outros e gozou em meu rosto e lavou meu rosto com seu esperma e bebeu seu esperma em meus lábios e depois da praia onde me deixou sobre a mortalha cor de abóbora: ele veio por cima, assim dormimos, ele dentro de mim, e era manhã nascida quando se despediu: me gritou, entrando no mar e me acenou adeus com a mão. Não lhe vi o rosto, ainda estava com a máscara. Mergulhou e

reapareceu adiante e nadou muito, muito, longas braçadas, depois boiou e, logo mais, retomou o nado, mergulhou de novo e sumiu no mar, atrás das pedras, longe, bem longe, muito longe e nunca mais o vi.

# QUATRO MINICONTOS

Helena Parente Cunha



## Helena Parente Cunha

Nascida na Bahia. Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, onde continua a lecionar. Títulos de Mestrado, Doutorado, Livre Docência, Pós-Doutorado. Autora de cerca de trinta livros publicados nas áreas de poesia, ficção, ensaio, teoria e crítica literária. Possui textos traduzidos e publicados em inglês, alemão, italiano, francês, holandês. Sua obra tem sido objeto de estudos universitários, teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias, apresentações em congressos no Brasil e exterior. Detentora de vários importantes prêmios literários, entre os quais o Prêmio da Academia de Letras da Bahia, Salvador, 2010, pelo conjunto de obra, Prêmio de Contos Orígenes Lessa, da União Brasileira de Escritores (Rio), com o livro *Falas e falares* (2012), e segundo lugar no Prêmio Cruz e Sousa com o romance *Mulher no espelho*, décima edição em 2013.

# QUATRO MINICONTOS

## 1 JEREMIAS NA PRAIA DE GUARAJUBA

para Cida e Marcito

Caminho pelo chão de água e algas e conchas e escamas.  
Beira móvel de ondas sobre e sob meu passo derramado de brilho solar. Barulho fresco de espumas e areia em tão cedo esta manhã de domingo,

,de repente, Jeremias. Longa a cabeça baixa, porém acima da lentidão e das marcas das patas pacatas impressas no seu passar. Os distantes olhos de Jeremias ignoram meu olhar inventado. Ternura ou compaixão,

,seu Crispim, bom-dia, e ele vem arrastando os pés dentro das alpercatas de couro cru e borracha de pneu velho, bom-dia dona. Vou tomar agora minha água de coco verde, mas você já sabe, seu Crispim, quero a polpa bem molinha,

,o brilho do sol vai do fio afiado do facão às pontas dos artelhos meus e dele. Entre uma ponta e outra do lampejo, a abertura das fibras ruivas da casca em sua densidade exposta. Ancestral é o gesto de seu Crispim ao me colocar o coco aberto na obviedade da mão. Mais antiga é minha boca anterior às minhas datas mais remotas,



,seu Crispim, por que Jeremias ficou assim agitado?

Ele é sempre tão tranquilo, você está rindo de quê, seu Crispim? Mas então, o que é que Jeremias está querendo?, finalmente eu divido a placidez da polpa do meu coco verde com Jeremias. O jegue sorri ao redor das patas inscritas na areia da praia e da trêmula polpa no fundo de minha mão em arco. No leve bater das patas pacatas, a delicadeza das intenções de Jeremias, ao me agradecer. A farta língua enternecida, na espessura do gesto repetido na curva aberta de minha mão primordial.

## 2 O VELHO DA AREIA

para Peggy Sharpe

Vocês sabem onde estou agora? As areias da praia de Guarajuba identificam meus pés começados no riso das espumas e resolvidos na caminhada molhada até a última curva junto ao coqueiro de seu Samuca,

,isso é que é vida boa, hein, velho? É verdade que você vai fazer cem anos? O dia todo aí, sentadão na areia, tomando sol e vento e vendo de olho esticado as meninas de biquíni e dona Zazá de olho em você que ela não é boba nem nada,

,ele balança a cabeça e os cabelos e a risada, tudo em ondas e ondejamentos de salitre. Da barraquinha, o cheiro do dendê se expõe e se impõe, bom dia, dona Zazá, como vai? O que é que tem de bom aí pra gente comer? Moqueca de siri mole, com muita pimenta malagueta, a senhora sabe, dona, meu velho só gosta de comida com muita pimenta, às vezes nem sobra para vender,

,hein, velho, você gosta de levar a vida numa boa, cem anos de mar, cachaça, carne de sol e dendê e então o velho Samuca se

levanta e desprende do coração a risada retumbante e se proclama e se celebra,

,ele gosta de comer feijoada com muita linguiça, maniçoba com muita carne de porco, vatapá com muito dendê e moqueca de camarão, ele gosta de tomar cerveja todos os dias, cachaça com a roda de amigos contando piada, é isso mesmo, dona, vosmecê me desculpe, mas eu gosto de comer, beber, dançar, acender a minha vela pra meu pai Xangô e dar muita risada,

,e namorar, seu Samuca?, e eu já morri, dona?, pergunte a pretinha Tonha se ela gosta do meu chamego e taí minha velha Zazá que não me deixa mentir,

,dona Zazá, o rosto escondido nas rugas satisfeitas, o olhar refugiado na manga da bata de chita, vai mexer na panela de barro a comida do seu homem.

### 3 A VENDEDORA DE COCADAS

para Evelina

A praia era mais praia na hora fina matutina, enquanto eu, eu era mais do que ontem havia sido.

Meus pés caminhavam-me na areia infundida e eu apenas inserida na paisagem móvel sob o vento e o sal e nenhuns pensamentos.

Eu ia até aquela extremidade antes da curva dos coqueiros afoitos e voltava até a sabida, mas inesperada reta repleta destes coqueiros mais amenos.

Ir e voltar ao mesmo lugar que era outro, embora o mesmo vento e o quase mesmo sal.

Eu me sento na areia, pés completos de espumas.

E como sempre, aguardo seu Crispim e o burrinho Jeremias e os dois caçuás cheios de coco verde.

Enquanto espero, quem vem? Ela. Quem. Desalinho dos cabelos grisalhos esguichados pelas bordas do lenço torto na cabeça. Quem é esta que não estava encaixada nas encenações dos meus zelos matinais? A bandeja das cocadas brilha no alumínio refletido de sol. Sorriso sem susto ante a ausência de dentes quais.

Eu compro uma cocada e pergunto e indago e não digo nem calo, apenas coisas para um pouco da presença inesperada no meu cenário de salitre azul.

É desconexa no riso limpo e cabelos encardidos.

Rugas intensas no rosto inesperadamente jovem.

Onde você mora?, você é baiana?, quem faz estas cocadas?, como é seu nome?, quantos filhos você tem?, quantos netos?

Na fala fácil, ela: neto é muito difícil de contar, dona.

Mais fácil ainda, mais uma vez, ela: entre macho, fêmea e cachorro, ela tem trinta e um filhos.

#### 4 ELE E EU INSCRITOS EM QUAL TEMPO CAJUEIRO

para mim

Sim, o cajueiro da casa da praia de minha irmã, você se lembra? E' isso mesmo, em Guarajuba.

Ele era mais irmão quando os intermináveis cabelos de parasita e cipó emaranhados nos ramos se emaranhavam nos teus cabelos, claro, eu me lembro e você se sentava descalça, em cima das raízes dele, também descalças. E as formigas? Você conseguiu domesticar as obsessivas criaturas, riscando um círculo na terra e declarando *meus amores, se vocês invadirem meu espaço e morderem meus pés, eu não me responsabilizo pelo vosso estar nestes caminhos deste mundo vosso.*

Eu me sentava e ficava, eu e ele, o cajueiro irmão, em contemplação, integrados no silêncio vegetal que nos impregnava e nos levava à pureza das origens. Ninguém passava por nós, as formigas, longe do cerco, nos olhavam cúmplices e seguiam sem ruído. Vento havia e passava cabisbaixo em meio à profusão de ramos e folhas e cipós e parasitas e cabelos nossos, sem murmúrio nem gemido.

A eternidade começava ali e acabava no muro que dava para a rua.

E agora, meus amados? Aquele garoto brincalhão, despenteado e descalço, que brincava com você com o jeito dele quieto, plantado na terra e no vento, hoje é um senhor sério, bem penteado, os ramos isentos de invasões de moradores abusados.

Um patriarca, um avô que te abraça nos braços amplos e te convida para adentrar o imprevisível recinto, a terra antiga coberta de pedras ordenadas, inaugurando o piso inesperadamente liso, onde seu Leo jardineiro pousa os vasos das tácitas orquídeas.

Longe de você, dela e delas, eu me recosto na rede segura nos braços cajueiros, fecho os olhos e me deixo absorver pelo novo silêncio, invadida pelo odor invisível da clorofila, embalada no marulhar do mar, bem ali. E permanecemos, eu e ele – o cajueiro zen, integrados neste espaço suspenso nesta hora vegetal do tempo das germinações.

A eternidade começa ali e ultrapassa o muro que dá para a rua e nos desmancha, corpo e tronco, na metamorfose das origens em predestinação além das palavras e das anteriores perguntas.

# NO MAR DA BAHIA

Hélio Pólvora



## Hélio Pólvora

Nasceu em Itabuna, no sul da Bahia, em 1928. Residiu no Rio de Janeiro durante 32 anos, em intensa atividade jornalística, como repórter, redator, crítico de cinema e literatura, cronista e tradutor. Na terra natal fundou o jornal *Cacau-Letras* e foi cofundador e editor do semanário *A Região*. Cronista e articulista semanal do jornal *A Tarde*. Fez a estreia literária em 1958, com o volume de contos *Os galos da aurora*, ao qual se seguiram 12 livros no gênero, várias coletâneas de crônicas e crítica literária. Recentemente publicou dois romances: *Inúteis Luas Obscenas* (2010) e *Don Solidon* (2011). Com *O grito da perdiz* (1983) e *O mar de Azov* (1986), volumes de contos, venceu por duas vezes o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura. Um dos principais autores do moderno conto brasileiro. Faleceu em 26 de março de 2015, em Salvador.

## NO MAR DA BAHIA

Ouviu-se um apito – menos que um apito, um breve murmúrio. O navio mexeu-se qual sombra trêmula por baixo dos guindastes perfilados. Rascantes ruídos de cordas arrastadas sobre ferros, vultos como que à espreita na amurada. Fui o último a subir. Agarrado ao corrimão, assustei-me, assim creio, com o pipocar do motor, que logo entraria em ritmo cadenciado. Olhei para trás, para a cidade que ia deixar, sem remorsos. Eu fora feliz ali? Não. Eu teria sossego em outra cidade? Não sei. É que sou ansioso, insatisfeito, carrego sempre um fardo de incertezas, que raramente costumo arriar para limpar então o suor da testa – ou a gosma da alma.

Anos atrás, deles perdi a conta, fizeram-me viajar à força. Ultimamente, exausto de estar apenas comigo, mesmo quando cercado, e de ver-me, e de apalpar-me, e querer às vezes fugir do que via, passei a sofrer do mal-estar das viagens sufocadas. Andava pelas ruas do Centro Histórico, me debruçava nas muralhas, que me pareciam amuradas, pois tinha a impressão de estar sobre o mar, além do Forte de São Marcelo, a caminho da China, do Mar de Azov ou de Marselha. Que me importava o destino? Eu ansiava por partir. Romantismos? Não creio. Culpa de uma voz inaudível que atiçava: “Não hesite, não deixe para amanhã”.

As ruas de Salvador descem todas para o mar, acabam na água oleosa do cais, onde dançam cascas de laranjas, garrafas, tábuas, latas e outras porcarias com que fazem de águas limpas lixeiras fedorentas. Por toda parte, de Água de Meninos até o ponto de embarque perto do Mercado Modelo, ondulava no mar represado a mastreação de saveiros. Mas algumas leituras me

diziam que embarcações tão leves não resistiriam a marés violentas e torpedos de submarinos nazistas.

Nos sábados e domingos eu deambulava pelas ruas à beira do cais, avistava um banco e me sentava. Adiante, uma negra dormia aos pés de uma estátua – e do seu corpo dobrado ressaltavam as pernas inchadas. Navios balouçavam, eu percebia aflito que eles roçavam os cascos no molhe. Melhor partir. Que faziam ali, ancorados? Navios foram feitos para o mar oceano. Se eu fosse um vagabundo sem compromisso, de sapatos cambaios e barba por fazer, pagaria a passagem com um turno diário de trabalho gratuito nas fornalhas – em qualquer barco, para qualquer lugar. Mas do jeito que me deixaram, enfraquecido, embora ainda válido, não aguentaria meia hora no manejo de uma pá de carvão, no ventre escaldante de um navio oceânico.

Subia uma ladeira, descia outra. Estava agora no comércio da pequena classe média. Negociantes árabes, espanhóis, portugueses, de mangas arregaçadas e olhos atentos. Eu parava num ponto de bonde, à espera de nada. Queria partir, o desejo de partir doía. Do alto-falante jorravam os compassos de *In the mood*. Bom, aquele Glenn Miller. Sentado num banco, um cego vendia bilhetes de loteria. No filme *O tesouro de Sierra Madre*, um americano na pior quebradeira, protagonizado por Humphrey Bogart, comprava um décimo de bilhete de loteria, ganhava dinheiro e ia cavoucar ouro na serra.

A música sincopada de Glenn Miller era substituída por um açúcarado bolero mexicano. Eu apalpava o bolso da camisa: o maço de cigarros deveria durar até a manhã seguinte. Descia a Ladeira do Taboão, no rumo do mar, que me parecia a certa rota da fuga. E foi assim que de repente me vi a bordo, o canhoto da passagem na mão. Atarantado, me equilibrava entre rolos de cordas.

O Elevador Lacerda destacou-se em súbita explosão branca na noite mal iluminada. O Forte ficou aos poucos para



trás, a ilha de Itaparica alongou a esguia e longa silhueta na névoa. Espreguiçadeiras foram armadas no convés. E o *Aragipe*, navio pequeno que havia saído de Aracaju em demanda dos portos do sul da Bahia, para carregar couros, cacau e piaçava, e pegar viajantes, deslizou barra a fora, quase sem rumor, como se puxado pela maré, quieto e fúgido.

Agora eu recebia no peito a força do vento molhado – um vento que me deixava nos pulmões um odor de peixe ardido. Avancei por entre amarras e ferros e barcos salva-vidas. Submarinos alemães metiam a pique barcos cargueiros no litoral da Bahia. Se um submarino invisível lançasse naquele instante o petardo, escaleres seriam baixados; pequenos que eram, não dariam para todos os passageiros; somente os mais fortes, os mais truculentos se salvariam.

Mas ainda era cedo, o *Aragipe* mal começava a trotar dentro da baía e, além disso, os nazistas não ousariam desafiar belonaves americanas em águas costeiras. Passei pelas espreguiçadeiras abertas, sentia o chão fugir-me aos pés. Os rostos dos passageiros, na proa, perdiam o contorno, eram espectros em dança maquinal de gestos. Alguém narrava uma história de naufrágio.

“O torpedo furou o navio de lado a lado.”

Contava aos pedaços, para gozar o efeito nos ouvintes. Uma pausa, um chupão no cigarro, outro avanço:

“O capitão mandou que as mulheres, donzelas ou casadas, tirassem a roupa.”

“A roupa toda?”

“Sim. Para os marinheiros passarem graxa no corpo. Elas tinham de sair espremidas pelas vigias dos camarotes.”

“E não podiam sair por cima, pelo convés?”

“Não. O navio tinha virado de banda.”

Fumavam. Perguntei a um vulto onde ficavam os camarotes.

“Os beliches, pois não? Desça a escada.”

A escada quase vertical me conduz a um ventre de cheiro quente, enjoativo. Encontro um beliche vago, deve ser o meu. Segunda classe. Ajeito o travesseiro, dobro o casaco, tiro os sapatos e fico de meias. Escolho um folheto de cordel que comprei no Pelourinho e me espicho. O beliche oscila, às vezes é uma rede violentamente agitada. Leio versos compridos que narram façanhas de Lampião. Aquele sim, tinha tutano, sangue quente. Adiantou? Mas também o que adianta não tentar? Sirva-se, homem, ponha a vergonha de lado. A vida é um prato de comida que umas vezes lhe empurram, outras vezes lhe negam – e você tem de buscar. Acho que estou mareado, por isso abandono o cordel. As letras se misturam, os versos sobem e descem conforme o ofego no peito agoniado do *Aragipe*. Mudo de posição. O navio afocinha o mar.

E a partir de então acontece o que mais tarde julgo sonho ou delírio de olhos abertos. Neste navio há sons, gemidos de cordas e sussurrar de água sulcada que não me deixam dormir. E solta está a vigia do beliche: cada vez que o *Aragipe* mete o focinho no mar, e cava uma profunda esteira por onde melhor escorregar o dorso, a roda de ferro gira nos gonzos, abre e fecha com um baque. E eu, então, quando ela se abre, vejo os vagalhões subir para malhar o costado; outros se formam adiante e crescem e rodam e espumejam, feridos pela quilha. Parece que é madrugada, um nascer de dia sem vento, quente e sufocante como o penoso arfar do *Aragipe*.

Provavelmente os submarinos nazistas, compridos e lisos como esqualos, vigiam a costa, afugentam peixes. Acho que pensei em peixes, mas eram na verdade cavalos mordidos por muitas cicatrizes. A culpa é do calor, dessas línguas de fogo que sobem do mar e envolvem o navio. Se fosse um saveiro, um desses barcos de madeira carregados de cerâmica que fendem os mares do Recôncavo, dele restariam cinzas, o destroço fumegante do mastro. Mas o *Aragipe* tem ventre de ferro, resiste à combustão que acende sobre o mar um gêiser imenso. E se o vento já não

sopra é porque morreu com aquele mesmo chiado de sal atirado sobre brasas.

Há uma guerra na Europa. No deserto africano, Mr. Churchill regula o binóculo de campanha e procura combatentes alemães. Alguém no deserto, Mr. Churchill? Aqui e agora nós navegamos, seguidos por um cardume de golfinhos. O torpedo não vem, talvez esteja a caminho, correndo à flor da água em ebulição. Teriam calculado bem o alvo? Atenção, Hans e Fritz, é preciso mandá-lo com um silvo certo antes que os grandes peixes mastiguem o mastro e engulam a proa. Prometo um mergulho rápido, uma descida direta àquelas regiões onde os camponeses fizeram uma excelente plantação de líquenes. Pois estamos na estação das chuvas, chegou a hora da colheita. Moças, onde estão os cestos? Vamos rodopiar e cantar e colher os líquenes; vamos catalogar as ostras. Se esses líquenes e algas e musgos não forem colhidos e postos a secar, perdida estará toda a safra. A Europa não pode esperar: sofre os rigores do inverno e precisa de muito líquen para torrar e beber quente antes de retornar às trincheiras.

Se eu me levantar e andar até o fim desse corredor encerado onde agora me deito (será que fiz mesmo todos esses movimentos difíceis?) de bruços, estarei quase na superfície do mar. Posso até lavar o rosto nas ondas. O que não consigo justificar é a preferência das mulheres por leves roupas de verão, porque no mar existe apenas a estação chuvosa, propícia ao crescimento e floração das algas.

Alguém fala, acha absurdo deixarem um passageiro dormir no corredor, e não há nenhum mistério nisso, que de palavras boas e más se alimentam os homens. Bem, o mar é bastante vasto para todos nós, e ao longe a terra se estira nos rumos do sul. O sol vai alto, a guerra acabou e o camponês Dmitri fuma cachimbo enquanto remove a ferrugem do arado. E nos vinhedos da França moças chegam com baldes para a colheita da uva, porém é muito

tarde: o sol secou-a. A guerra vai acabar e eu procuro um canto para me deitar. É justo, quero dormir algumas horas.

Esses dois russos sentados no convés parecem pai e filho, mas que diabo fazem aqui e por que cantam *Olhos Negros* com voz tão cava? Seus campos já fermentaram e abrem-se agora em largas feridas sob o relho do arado. Senhores, não é hora de navegar; senhores, apanhem as ferramentas, que chegou o dia de semear. Vejo que não se mexem nem interrompem a canção. Talvez ignorem que viajam num arado de lâmina afiada. Ei-lo escavando o solo e desenterrando monstros marinhos apodrecidos. Um arado é um quadrúpede. Nossas vidas dependem desse agora quadrúpede grosseiro em cujo pescoço amontoaram rolos de cordas. Que todos se apurmem e não soltem as crinas. Oxalá eu possa saltar dos estribos, são e salvo.

Tenho as mãos feridas, mas não largo as crinas da besta que avança aos pinotes, afunda a cabeça e a ergue coroada de espuma. Estamos há dois dias e duas noites nesse navegar; primeiro, quando o navio soltou-se do molhe sem ruído, de luzes apagadas, e se afastou como quem foge, quase que à deriva; depois, de proa baixa, a estalar as juntas, a curvar o espinhaço ou levantar a proa para logo baquear. Antes, na ponta dos pés, qual esquiva bailarina, acompanhou as sinuosidades da costa; agora, segue no bojo de um nevoeiro escuro que é um ventre disforme. Se um submarino lhe rasgar o ventre com um torpedo, os escaleres serão decerto arriados, os naufragos poderão alcançar terra firme e rezar a missa do desembarque e recomeçar a vida. Pois não recomeçamos tudo, dia após dia, ao acordar?

Navios torpedeados adernam antes de submergir – era o que o passageiro contava no convés. Talvez quisesse passar como sobrevivente da aventura perante os ouvintes identificados apenas pelas brasas dos cigarros que riscavam o ar quais minúsculos tições. Talvez houvesse lido a descrição no jornal – ou muito tempo atrás, antes que a guerra estalasse na Europa e se propagasse ao Pacífico,

e matasse nos fornos e campos de concentração milhões de judeus e russos, ele tivesse avistado da praia de Ilhéus o *Itacaré* bandear e afundar antes de entrar na barra. O *Itacaré* que levava para nós, meninos, o último episódio do seriado *O guarda vingador*. Ou, quem sabe, o narrador teria recolhido no bar, em conversas típicas de fim de tarde, aquelas peripécias de salvamento, marinheiros que passavam graxa no corpo nu de mulheres para que elas escapassem espremidas pelas vigias.

Com certeza o tempo correu ocultamente, porque a noite já não parece a mesma, noite primeira, primitiva, acho que me perdi durante horas em corredores com portinholas, a respirar o hálito esbraseado das caldeiras. E eis que abro os olhos, ou melhor: a vigília retorna de novo aos olhos e ali fica e ali se concentra, atenta. Uma mulher se debruça, pergunta em voz doce:

“Está melhor?”

Não sei o que responder.

“Abri um frasco de sais nas suas narinas.”

“Obrigado, dona”.

“Me chamo Margarida.”

“Prazer, senhora. Eu sou Miguel.”

“Viaja sozinho, Miguel?”

“É, sim.”

Com certeza ela já me olhou com olhar avaliador, como fazem todas as mulheres. E, no entanto, volta a olhar, a medir e pesar, por pouco não esbarro no pensamento que lhe cruza a mente.

“Agora venha se deitar um pouco”.

“Estou bem.”

“Ainda está zozzo.”

Passa a mão no meu cabelo, empalma a minha testa. Tem a mão cálida. Olho-a. Os olhos dela estão debruçados, como que entornados à borda das pálpebras. E são piedosos.

“Venha repousar.”

“E seu marido?”

“Sou moça solteira.”

“Então, por que a aliança aí no dedo?”

Recolhe a mão, em gesto rápido, quase colérico. Depois, resignada, ri com uma nota de tristeza.

“Desculpe. Eu menti.”

O *Aragipe* navega agora em águas calmas de um mar plano, quase estagnado. Devolvo a xícara de café com leite que a desconhecida tirou de uma garrafa térmica. Vou erguer-me, agradecer as bondades, olhar o mar do convés, eu e o mar então apaziguados. As mãos da mulher me apertam os joelhos, sobem à cintura, desabotoam a camisa.

“O que foi isso?”

“Isso o quê?”

“A cicatriz aqui no peito.”

“Foi de bala.”

Repuxa a calça, a cueca. E em voz de alívio:

“O bom é que continua firme.”

Nós nos olhamos como duas feras indefesas e, no entanto, propensas ao ataque. Um homem e uma mulher que se encontram e se arrimam na queda, iguais a duas pedras na encosta. Ela levanta a saia. Está pronta. Estava pronta. Neste mundo até as pedras se aconchegam, se acasalam; basta rolar, haverá sempre o desejado empecilho.

“Me dê um neném, Miguel.”

“Mas a senhora não tem filhos? Não é casada?”

“Me faça um neném, Miguel.”

Arqueja, repete:

“Eu quero um neném. Já passei do tempo de ter um.”

“E seu marido?”

Não responde.

Viramos e reviramos no catre, duas pedras macias, crespas e rijas, mornas. Pedras. Atrito e carinho.

“Estou na fase. Estou no cio”, a mulher geme.

O *Aragipe* desliza sutilmente em mar costeiro. Outro dia se eleva sobre o mar, descorado como árvores lavadas, e eu o vejo nascer com um estremecimento de alívio e náusea. O *Aragipe* aquieta-se agora sobre águas mais tranquilas do porto do sul que exporta couros, piaçava e cacau. De cima do rolo de cordas, na proa, onde afundei as mãos até deixá-las entorpecidas, recurvas e vincadas, contemplo o casario baixo de Ilhéus, derramo o olhar sobre o morro, o farol, a praia, a ilha, as jangadas de velas desdobradas. Ouço ordens de manobras para o navio fundear. A prancha é o último caminho que me resta percorrer entre o mar e a terra, entre o que passou e o que me está reservado, mas que, estranhamente, deixei de temer. Margarida passa por mim de olhos baixos. Faz questão de não me ver, as pedras se soltaram para outra vez rolar sozinhas. Assim é, decerto assim será. Um homem em terno de linho branco, chapéu de palha, se destaca no cais, avança para ela, ri. O marido porventura saudoso, porventura infértil.

Sinto falta do chão. A terra calçada de pedras negras ondula, arremete e retrocede. Até parece que ainda estou a bordo. Um negro forte, carregador, me ampara.

“Cuidado. Vomitou tudo?”

“Saiu moço, voltou estrompado”, comenta a vendedora de acarajés.

“Ele foi do bando de Lampião?”, quer saber o rapaz dos roletes de cana.

“Foi não. Acho que chefiou a jagunçada de Horácio de Mattos.”

“Bobagem. Ele andou com o Conselheiro em Canudos”, arremata a mulher dos acarajés.

“O Conselheiro viveu e morreu muito antes. Então vosmecês não sabem que o rapaz foi pracinha, voltou ferido da guerra na Itália?”, diz, com uma cusparada, o engraxate.

Adiante, Margarida entra num automóvel preto. Não olha uma só vez para trás. Estou condenado a despencar, a despencar como pedra solitária, encosta a baixo. Não sei quem ou o quê me deterá.

(Do livro *Estranhos e Assustados*, 1966; revisto pelo autor em 2012)



**O BOM ROBALO  
DE COMPADRE  
EDINHO**

João Ubaldo Ribeiro



## João Ubaldo Ribeiro

O romance *Sargento Getúlio* (1971) fez com que esse baiano de Itaparica (1941-2014) se tornasse um dos grandes ficcionistas da literatura brasileira. Começou publicando os primeiros textos nas coletâneas *Panorama do conto baiano* (1959), *Reunião* (1961) e *Histórias da Bahia* (1963). Com o romance *Viva o povo brasileiro* (1984), Prêmio Jabuti e Golfinho de Ouro, passa a ser reconhecido como um dos ficcionistas mais importantes da América Latina, com traduções em mais de dez idiomas. Cronista, contista e jornalista. Detentor do Prêmio Camões, a mais elevada láurea para autores da língua portuguesa. Membro efetivo da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Letras da Bahia.

## O BOM ROBALO DE COMPADRE EDINHO

Edinho, quando não estava mostrando os movimentos da barriga, estava jogando bola na coroa ou aprendendo o ofício de pintor ou então atocaiando o robalo. Os movimentos da barriga de Edinho é uma coisa interessantíssima. Se fosse na Bahia, já tinha até aparecido na televisão e duvido que o homem da televisão visse que não levasse para o Rio de Janeiro e tenho certeza de que, depois disso, ia aparecer gente aqui para apreciar a barriga dele, isso se ele voltasse do Rio de Janeiro. A pessoa precisa ver para compreender esses movimentos, porque ele fica parado e a barriga vai fazendo ondas mais do que uma jiboia e de vez em quando pula uns calombos, só vendo para se acreditar. Hoje em dia que ele é funcionário e só com comadre Raimunda tem dez filhos, fora o meu afilhado, falecido, não é fácil a pessoa conseguir que ele mostre os movimentos, é preciso amizade e intimidade. Mas, naquela época, ele mostrava a barriga para Itaparica inteira e cansei de ver uma roda de gente tudo pagando cerveja para Edinho, porque quando ele tomava cerveja, a barriga funcionava melhor.

No futebol, nem tantas boas lembranças. Se bem que compadre Edinho, pelo tamanho, que é assim de umas duas braças com seis ou sete arrobas, era um jogador que tinha de ser levado em conta. Edinho cansou de marcar Didi do Alto, no tempo em que ninguém marcava Didi. Inclusive, é caso sabido de vários sujeitos que entraram para marcar Didi e depois do jogo diziam que tinham entrado para marcar ele, isso para não ficarem na

desmoralização mais completa, porque Didi era perverso. Teve uma certa feita que Didi deu um banho de cuia no beque do Bahia, que nesta época concentrava aqui mas deixou por causa da radiatividade, que, quando o beque descobriu, Didi já tinha descoberto a pelota no calcanhar e repicado o banho de cuia pelo outro lado. Esse beque, disse o povo que ficou acanhadíssimo e que nunca mais quis pisar nesta ilha. Se Didi fosse paulista, ou senão mineiro, eu queria ver onde estava Pelé. Pelé não digo, mas digo muitos Carpejanes. Didi era Zizinho, propriamente. Ou possa ser Maneca do Vasco, que o irmão aliás era coletor federal aqui da ilha, mas acho que se aposentou, porque ele era surdo, era irmão de Maneca e gostava de brigar com o povo todo, ele sendo mais lacerdistas que Lacerda e não podendo ouvir Lacerda no rádio sem querer sair dando porrada nas pessoas, havendo aqui, porém, grande corrente queremista. Não sei bem, não suporto política. Mas o fato é que Edinho marcava Didi e Didi só escapava às vezes porque chutava com os dois pés e mudava da direita para a esquerda e Edinho só tem o pé esquerdo para andar e olhe lá. Mas marcava bastante e Didi cuidava das canelas, não porque quisesse ser profissional, que a mãe dele não admitia futebol, mas porque tinha esperança de poder ser carteiro, que ele acha uma bela profissão. De forma que Edinho era muito convocado para marcar Didi e não alisava, tanto assim que Didi nunca deu banho de cuia nele, antes pelo contrário seria, se Edinho soubesse dar banho de cuia. Sabia porém dar ótimas bicudas traiçoeiras, naquela bola enrolada de cordão e encharcada de água salgada com areia, umas bicudas esvoaçantes, mas cada cacetada que o arqueiro tinha de respeitar ou senão evitar, como Nego Tóia, que saía de baixo e reclamava com a defesa. Se ninguém escorar o homem, eu não fico, dizia Nego Tóia, e de fato não se pode tirar a razão dele. Embora Hamilton, irmão de Edinho, chutasse mais forte, mas esse já era ignorância, teve muitos casos de gente que foi meter a mão e nunca mais teve mão que prestasse. De qualquer maneira, não foi

para o futebol que finado Nascimento, pai de Edinho e Hamilton e clarinetista que hoje toca no céu junto com os anjos, pensou os filhos, tanto assim que os filhos ele deu nome de grandes homens americanos como Edison e Hamilton, e as mulheres ele deu nome de santas, estando aí Teresa, Lourdes e quantas mais, que não me deixam mentir. Nascimento era barbeiro, mas merecia pelo menos ser dentista, é que esta terra é muito ingrata. Se bem que hoje o povo chame Edison de Edinho e Hamilton de Papagaio, mas isto é o atraso mesmo.

Na carreira de pintar qualquer parede, toda a família se deu bem, aliás todo itaparicano é pintor. Edinho está ficando até pintor de quadros, com as paisagens que ele tira das revistas, umas coisas belas, que não se dá valor aqui porque santo de casa não faz milagre, esta é que é a verdade. E Hamilton é conhecido, que quando as brancas querem reformar a casa de veraneio e dão uns nomes para as cores que ninguém nunca ouviu falar, ele diz: eu sei, a senhora quer meio amarelo ruço. Não, seu Hamilton, mas ele nem liga. Pega duas serras grandes em Orlando, fica muitíssimo aplicado, olha as tintas e explica ao aprendiz, que é Manjuba, filho de Pititinga, neto de Xangó: misture esta com esta, jogue terepintina um suspiro, sacuda um tanto, tampe e sacoleje, passe na tauba, assopre e veja se não é escrito a com que ela diz que é amarélis rúgis ipanêmis. E é, e então Hamilton pinta a zorra toda e só recebe cumprimentos de admiração, porém pouco dinheiro, é um operário afamado. Edinho não chega nessas alturas, mas é de grande confiança e rapidez e, quando ele dizia que ia pintar, com dois, três minutos estava tudo pintado, o que tinha de ser pintado igual como nas bicudas.

Contudo, não é por ser meu compadre, entretanto desculpe eu dizer: havemos visto alguns arpoadores, muitos tarrafeiros, gente da alta perícia na pesca antes da Sudepe, que antes não tinha carteira de pescador e agora a Sudepe dá carteira de pescador a quem pagar, é um absurdo. Como se fosse pelo pagamento e não

pela naturalidade. Temos visto esses, mas Edinho nem liga para a tarefa, porque se houvesse concurso de tarrafa do Ministério da Marinha, ele já era almirante, sem nem olhar para as tainhas que ele pega parecendo um grande dançarino de bailes artísticos. No arpão, que hoje ninguém dá valor ao bom arpoador e até com eletricidade hoje em dia se pega o peixe, eu devo afirmar: não pode ser como Edinho.

A arpão de robalos, eu devo acrescentar: só meu compadre Edinho. Visto o robalo compreender que é um peixe de alta qualidade e então todas as pessoas tratam com respeito e, quando se convida para um escaldado de robalo, o convidado pensa, se é solteiro, que estão querendo casar a filha moça da casa, e se casado, que estão almejando um empréstimo financeiro. O bom robalo escaldado tem gosto de água fresca do mar e faz a pessoa que come se sentir importante e bem disposta. O robalo dá incentivo à camaradagem, dá intimidade na família e adoça o fígado. Um escaldado de robalo desinteressado ninguém pode esquecer. Tanto assim que até hoje eu gosto de dr. Joaquim Batista Neves, porque ele me chamou na copa dele, apresentou diversos robalos pequenos escaldados e me convidou, na presença de sua santa esposa dele que tinha tudo tão bem escaldado e me disse, como se eu fosse uma pessoa importante, do tipo de dr. Hermano Machado: temos aqui uns robaletes, por que não vamos neles, esses robaletes escaldados com um certo coentro, uns quiabos e completa limpeza de ingredientes? Ora, não vamos rejeitar, disse eu, e estou só vendo o dr. Batista Neves revirar os olhos de puro robalismo e dando uns arrotinhos de satisfação, que eu também dei, e é por isso que até hoje estamos grandes amigos e ele não pode me ver sem me abraçar e, quando nos abraçamos dizemos: mas os nossos robalos, hem companheiro? E ele sendo ministro do Tribunal de Contas de tudo o mais, inclusive fumando cachimbos ingleses, veja o que é o bom robalo escaldado. O robalo é um peixe de relevância.

O robalo não anda em bando e mantas, essas coisas mais de tainhas, agulhas e outros peixes da mesma laia. Esse robalo de Edinho, por exemplo, esse sempre aparecia encostado ali numa biriba da ponte, dormindo. Os meninos estavam pescando carapicu e chicharro na ponte e umas três ou quatro veranistas gordas de chapéu querendo pegar siri, quando o robalo aparecia lá, parado. Todo mundo já conhecia o robalo de Edinho, que havia anos que ele perseguia esse peixe, de forma que um menino sempre corria para a coroa para avisar, e Edinho, podendo estar fazendo o que fizesse, até mesmo tomando muitas cervejas às custas dos administradores dos movimentos da barriga, largava tudo e saía para a casa do pai, que ficava junto da barbearia, pegava o arpão e disparava para a ponte. Normalmente o robalo esperava e, enquanto Edinho não aparecia, ele não ia embora. Então juntava aquelas pessoas todas para assistir, sabendo que Edinho é grande arpoador e todo mundo desejando aprender pelo exemplo. E de fato. Se tivesse uma folha na correnteza junto das pernas de Edinho, essa folha não ia se mexer quando ele passasse, porque ele dava passadas de arpoador e marisqueiro, passadas redondas que não levantam o pé e a água não espadana. E já levava o arpão na posição, o braço para trás, o outro braço equilibrando o impulso e a cara fixa na direção do peixe. Quantas vezes eu vi isso e muitas vezes eu vi que compadre Edinho estava indo pelo meio das biribas mexendo os beiços, quer dizer, rezando para pegar o peixe, inclusive eu sei umas boas rezas, mas em certas pescarias não adianta rezar. Para se ver como Edinho arpoava bem, nunca dessas vezes, quando ele puxava o fôlego fazia uma careta enorme, mandava o arpão, e o robalo, bem no instantinho, dava uma rabanada e retirava mais do que ligeiro o arpão ferrando a areia, nunca nessas vezes ninguém vaiou ou deu risada, quando se sabe que um dos perigos do arpoador e do tarrafeiro é as vaias da assistência. Todo mundo via que tinha sido um bonito arpoamento, de forma que não tinha vaias, tinha até consolos e elogios para Edinho, mas ele não aceitava, ficava

tristíssimo e xingava o robalo todo. Muito ao contrário de quando Paparrão ou Cuiabá vão arpoar, que o povo via o arpoador quando ele erra e o peixe quando o arpoador acerta, o povo conhece essas coisas de longe. Mas, de qualquer forma, Edinho ficava azucrinado e havia dias que, se alguém falasse em robalo, ele desbastava esse alguém e a verdade é que só não pegou a alcunha de Edinho Robalo devido a que o tamanho dele causava receio nos apelidantes.

De uns tempos para lá, o robalo deu para aparecer acompanhado de uma robala e então preparava toda a coisa com muito capricho. O robalo chega na frente, olha o ambiente e então dá uns passeios no local, tudo muito arrodeadamente, com compasso e elegância. Depois que já está todo mundo pensando que ele vai passar o resto da vida girando para lá e para cá, ele se dirige ao fundo, faz umas convocações e aí a robala vai chegando, certamente dando palpites. Nisto ela está inchadíssima e muitíssima assanhada, tanto assim que sobe e desce, passa perto do robalo, dá uns arranquezinhos e para de supetão, vai e volta – uma coisa mesmo de dia de casamento. E então os dois ficam na esfregação mais agitada, até que a robala não se aguenta mais, chega no ninho e se espreme toda e o macho fica com grande nervosismo, cada rebolada que ele dá ele se derrama todo, é um espetáculo. Pois parecia de propósito. Parecia que o robalo armava essa safadagem toda já medida, porque, quando ele começava, os meninos chamavam Edinho e, quando Edinho chegava perto com o arpão, ele já tinha se despachado.

E assim passamos com esse robalo namorando todos os verões, vindo na vazante para dormir e por aí e Edinho nunca desistindo, embora muito desgostoso. Por mais que tivesse arpoado outros peixes, inclusive muitos robalos, nada satisfazia neste mundo e hoje comadre Raimunda me confessa que chegou a pensar que até os movimentos de barriga ele ia desprezar e quantas cachaças ele tomou na intenção desse robalo, quantas vezes enjeitou convites para festas onde tinha comida de peixe, quantas vezes o coração



esfriou e a cabeça estourou, quando alguém estourou, quando alguém dizia que tinha arpoado um robalo e ele receava que fosse o robalo dele. Pesadelos mesmo teve, vendo o robalo dele feito em postas na banca de Sete Ratos no mercado e todo mundo dizendo que era o robalo dele, porém outro havia arpoado. Quantas vezes deixou o jogo no meio desfalcando a zaga, quantas vezes perdeu dinheiro na sinuca de Zé de Neco, com o pensamento nesse peixe. Quantas vezes inventou que o dia era hoje e saiu antes de quatro horas para aguardar nas biribas o robalo, todavia o robalo nesses dias não vinha.

Foi por isso mesmo que a alma de compadre Edinho ia ensombreada, nesse dia em que tinha acordado pelas três e tinha passado a madrugada enfarruscado nas brumas da ponte, ouvindo os estalos da praia e os marulhos da maré e espiando sem tirar os olhos o pouso do robalo na biriba. Já dez horas, com o sol repinicando em todas as pedras e a coroa já em toda atividade, de gorés a graúças a locas de siris e suspiros de sarnambis, com uns barcos mais ou menos bordejando e a maré amarelada de tanto calor, ele andando para casa, com vergonha de tirar capote que tinha trazido para o frio, ouviu uns gritos dos meninos e, naquela hora, sendo maré enchente e não sendo dia de peixes, os meninos informaram que o robalo estava na ponte.

Quase que Edinho não volta, quase que pensa em romper as relações com aquele robalo, que ali vinha somente para lembrar que o bom arpoador é bom somente quando seu peixe não é tão bom. Mas tinha os meninos todos gritando e um abuso daquela maré amarela e um sol forçado, de maneira que Edinho de repente sentiu que um cavalo nadador brotou no peito e correu de volta para a ponte. E foi entrando de capote e de chapéu, uma coisa que parecia um fantasma de holandês, quando o holandês volta para aqui assombrar. O robalo, nesse dia, se colocou de forma que o sol às vezes rebrilhava no couro dele e parecia uma espada naval. E Edinho, sem acreditar que as abas do capote fossem deixar ele

soltar o arpão, nem chapéu deixar de empatar a transparência da água, soltou o arpão. Nessa hora, há quem jure, e Edinho também jura, que o robalo olhou o arpão, mas, em vez de rabanar e ir embora como sempre, esperou o ferrão. E assim Edinho arpoou esse robalo, e quando saiu da água, os meninos ficaram calados, somente uns dois apalpando o robalo. Eu fui com ele para casa, carregando esse robalo, que não houve comemorações. Lá chegando em casa, comadre Raimunda disse ô, é o robalo?, e ele disse é o robalo e comadre Raimunda, que conhece o homem que tem, não falou mais nada, a não ser que era boa hora que aquele robalo vinha, porque a comida estava curta, e ele disse que já sabia. Então as mulheres e os meninos comeram lá dentro e ele e eu, que sou compadre da cidade, comemos na sala aquele robalo, e não falamos enquanto comemos e muito pouco depois. Enquanto comemos, Edinho saboreou o robalo com os olhos fechados, porém chorou e eu também chorei por esse robalo, mas nem eu nem ele reconhecemos. Nunca mais Edinho pegou no arpão e sempre acha que, naquele dia, o robalo queria morrer, não se sabe se por desgosto, não se sabe se por esportividade. E, quando Edinho fala nesse robalo, diz que tinha oito quilos e meio, mas eu sei que só tinha uns três quilos, porém eu acho justo que Edinho procure elogiar o morto.

# O PEIXE VERMELHO

Jorge Medauar



## Jorge Medauar

Nascido em Uruçuca, antiga Água Preta, em 1918. Contista, poeta e jornalista. Dirigiu em São Paulo a sucursal de “O Globo”. Como contista publicou *Água Preta* (1959), *A procissão e os porcos* (1958), Prêmio Anacleto Alves, da Prefeitura Municipal de Itabuna, e *O incêndio* (1963). Conquistou o Prêmio Jabuti e o Prêmio Governo do Estado de São Paulo. Seus contos figuram em antologias brasileiras e estrangeiras. Como poeta pertence à Geração 45, já o ficcionista é incorporado pela crítica, no panorama do moderno conto brasileiro, a partir da segunda metade do século XX. Faleceu em 3 de junho de 2005, em São Paulo.

## O PEIXE VERMELHO

A bem dizer, a manhã fora perdida. Desde cedinho no mar distante, sacudindo a rede à toa. Peixe parecia que fugia. Se a mulher e os meninos não tivessem desejado carne, descansaria a manhã inteira, ou ficaria no mangue numa pesca mansa de siris. Caranguejos ou camarões. Bem sabia que a época não era das melhores. Mesmo assim, saíra com o dia ainda fechado, sem dizer à mulher que ia tentar.

A jangada balançando nas águas. De quando em quando, acertava a posição. Aguardava a calma do mar, mergulhava a rede. Esperava um bocado e vinha trazendo. Nada. Uns cações inúteis, arraias miúdas, robalinhos ridículos. A esperança era fazer peixe grande. Podia pegar um vermelho, gordo, de bom peso, ou uma traíra de três palmos. Bastaria para compensar a trabalhadeira da noite passada, no preparo da jangada, remendando, à luz do fifó, os fios pocados da rede, e costurando remendões na vela cortada de água e sal.

Saíra sem ninguém na praia. A única jangada arrastada para o mar. Um vento frio soprava de longe, entrava pela camisa, puxava a tosse. Tosse dos infernos, chega a assustar os peixes – considerou. É que o corpo ainda estava quente do café forte e da cachaça de Pernambuco.

Avançou nas ondas, mais para o fundo, a maré em boa altura. Anzol de isca não levava: só rede, facão, o jereré pequeno para os siris, na volta, na boca do mangue. Felizmente não havia chuva. Tempo firme. Mesmo no escuro da manhã, o dia parecia que ia estourar de sol aberto. A pedra da barra crescendo, à medida que avançava. O remo feito leme, que a jangada navegava em nada, levada pelo vento.

Sua primeira largada de rede, depois do pelo sinal, foi com o furo do sol nas nuvens – uma beleza de luz boiando sobre as águas, espantando os escuros da manhã. Estava próximo à pedra da Barra, lugar conhecido como de peixe muito. Pois ao retirar a rede, não via mais que umas porqueiras, uns restos de mar – peixinhos sem importância, de menino apanhar com a mão na onda miúda da praia.

Uma vergonha. Mergulhava a rede, retirava-a de novo e o trabalho maior era devolver as coisinhas ao mar.

Achou melhor acender um cigarro, descansar um pouco. Emborcou um trago de cachaça. E ficou pensando em sua teimosia, na asnice de querer satisfazer um desejo passageiro da família. Homem, nem quando a mulher andou grávida fizera isto. Mas em seguida considerou que ele também, há muito tempo, não provava um ensopado de carne verde ou um pirão de farinha d'água com jabá do sertão. Sentiu água minando na boca. Uma vontade crescendo. Parecia que o vento do mar lhe trazia um cheiro de carne, para atihar ainda mais. Ô vida de mar, ô comida de pescador! Todo o santo dia, peixe, sustento do mar. O mar era bom, graças a Deus. Lhe dava comida, roupa, e cigarro, cachaça, dinheiro para remédio. Mas um dia, um dia dava enjoo. E era preciso variar o paladar: umas verdurinhas, uma carne de caça, de bicho da terra.

Espiou o continente, enquanto descansava a rede. Quando o mar não queria, não adiantava consumição. Era melhor recolher a rede, ter paciência.

Via as primeiras jangadas deslizando na beira da praia, os saveiros, um vapor soltando fumaça, a lancha da Mercante. O movimento era de sábado, de comércio de feira. As primeiras zoadas da cidade, no dia amanhecendo, chegaram aos seus ouvidos, naquela lonjura de mar. O apito sentido do trem, mais triste que um aboio, devia ser da máquina 23. Rubens, o maquinista que conhecera em Água Preta, devia estar seguindo para Itabuna ou Pirangi. De que banda ficava Água Preta, devia estar Água Preta,

perguntou-se. Para o lado esquerdo. Estava no mar, a poucas léguas da terra de onde viera. E dizer que em sua terra, até a idade de quase homem, nunca vira o mar, sim senhor! O que eram os caprichos do destino da gente. Vir do sertão, do fundo do cacau, e hoje por cima de uma jangada, feito pescador. Era um progresso. Mais para leste – pensou – era Salvador, a grande cidade de Salvador. Um dia, teria um saveiro nas costas de Salvador. Lembrou-se que em Água Preta a pesca era uma bobagem, no riozinho magro que fazia pena. Por aqui as coisas eram fartas, a pesca abundante. Havia a feira, a semana toda para pescar e vender. Sempre fazia dinheiro, quando percorria as ruas com bons peixes.

Com o sol subindo, podia identificar os barcos, as jangadas, ver o vulto escuro da caldeira do Jequitinhonha, emborcado num naufrágio que doeu no povo. A jangada de remendo azul no meio da vela era de João das Neves. O barco da tarja vermelha por cima do casco amarelo era de Cazuzza. Pescador de beira de praia, pensou. Um contador de façanhas. Nunca tivera coragem de afundar no mar, até perder de vista os coqueiros da terra. Pescava de barco, e todo mundo estava sabendo que pesca de barco de três pessoas é pesca de principiante. Barco de remo e vela não alcança distância – emborca com o vento. Pesca de homem era jangada. Mar, vento, onda grande, temporal, nada afetava uma jangada. Mas Cazuzza vivia contando aventuras, fantasias de peixes desconhecidos, perseguição de arraias maiores que boi. Tudo patacoada. Se fazia de pescador surrado de mar, e contava suas histórias, todas tiradas de homens que na verdade sofreram os duros castigos das ondas. Por que diabo estava pensando em Cazuzza? Sim, lembrava-se que a mulher dele também falara em ensopado. Estava bem magrinha, com dois meninos fininhos feito espeto. Se conseguisse boa pesca e bom dinheiro, levaria carne para Cazuzza. No fundo, gosta dele. Um companheiro para as cachaças da terra.

O sol esquentando. Olhou para o céu. Os olhos doeram. Era preciso recomençar. Sacudiu a rede. O mar sovina, somítico. Cadê os peixes, senhor?

Levantou a rede: só miudezas sem valor. Nesses casos, o jeito era voltar, arrumar-se na boca do mangue, contentar-se com caranguejos e siris. Vela, que engordou no vento. Botou o remo feito leme, e veio conduzindo a jangada. Mas o pensamento lhe dizia que não devia abandonar o mar sem tentar de novo. O vento, agora mais fresco, entrava-lhe pela camisa, inchava nas mangas curtas e no peito. Apanhou a garrafa, tomou outro gole.

As casas da beira da praia, antes reduzidas a uma carreira de pontos escuros, agora tomavam feições. Os coqueiros crescendo. Olhou para trás. A pedra da Barra se reduzindo, como se afundando no mar. Lugar de peixes muito, pensou. Mas agora, uma miséria.

Iria embicar para as onze horas, tempo ainda de ir à feira. Mas ir como, com as mãos abanando? Isto não. Arriou de novo a vela. Mais um gole. O sol ardendo por cima. Jogou a rede. Será que devia pronunciar uma oração que nunca negara peixe? Será que seus recursos, suas forças de pescador estavam no fim? Oxente, um pescador pedir socorro, levantar os olhos para o céu, sem antes levar o corpo para suar? Aonde, meu povo...

Estava assim, quando a rede tremeu, puxada com violência. Serenou um pouco e, novamente, outro arranco. Devia ser grande, pensou. E foi puxando. Um cheiro de carne vindo do mar. A mulher de Cazua com dois filhos mais magros que gato de roça. Força na rede.

Quase rente à jangada. Um peixe vermelho. Pronto. Bastaria aquela peça para fazer sua feira, passar a semana com farinha armazenada, carne seca, um vidro de dendê, açúcar, um bocado de café. Calculou o peso: para mais de 10 ou 12 quilos.

Deitou o peixe na jangada, mediu-lhe o comprimento. Depois prendeu-lhe as guelras com arame fino. Espiou a posição do sol. Teria que voltar voando nas ondas, para chegar em tempo. Que Deus me dê bom vento de volta, pediu quase em voz alta. E num gesto içou novamente a vela. A jangada vinha de banda. Deu o último trago, sacudiu a garrafa no mar e veio assobiando. Um cheiro de carne vindo no sopro do vento.



Ainda pegou a feira fervendo. Sentou-se num canto, expôs bem à vista o peixe vermelho. Sob o sol, as escamas ainda molhadas pareciam mais encarnadas. Devia ser meio-dia, pensou. O peixe ainda pulava, de quando em quando.

Uma senhora e um menino pararam. O menino perguntou:

– Que peixe é esse, seu homem?

– Vermelho, sim senhor.

A mulher puxou o menino, dizendo-lhe:

– Pronto. Agora, vambora...

Já se viu, admirou-se. Respondera ao menino como se fosse a um homem. Mas em seguida achou que fora melhor a mulher não ter mesmo se interessado. Se perguntasse o preço, não saberia dizer. Sim, quanto cobraria pelo peixe? Peixe vermelho tinha sempre bom preço, mas aquele era grande, gordo, de peso quase incomum. E a urucubaca no mar, a trabalhadeira? Bem, numa hora dessas, com a feira quase esbagaçada, teria que reduzir o preço. As pessoas já estavam rareando. Com pouco mais, não teria mais ninguém para comprar.

Correu os olhos pela praça. Considerou que o lugar em que estava era meio oculto, desfavorável. Era melhor avançar para o meio. Levantou-se, arrastou sua pesca. Sentou-se novamente, num lugar mais exibido. Havia umas folhas de bananeira no chão. Apanhou uns retalhos, forrou o chão. Ah, o peixe teria melhor apresentação, e as folhas refrescariam.

Aproximou-se um homem, com um mocó na mão. Andou em roda, espiou o peixe. Caminhou um pouco mais para a frente, depois voltou como quem não queria nada. Abaixou-se, pediu licença para examinar as guelras. Levantou-se sem dizer nada. Depois de um momento, perguntou o preço. Deu. Com indiferença, o homem seguiu seu caminho. Teria dado um preço alto – perguntou-se. Não. O homem era desses que vinham no final da feira, com sonsice, para arrematar sobras quase de graça.

Que fosse, portanto. Um peixe fresquinho, pescado a bem dizer naquela hora, bom até para comer cru...

Reparou que agora o sol queimava a prumo. Somente os fregueses de farinha faziam movimentos nas barracas. Os de legumes, fato, frutas, coisas de estragar já não estavam na vendagem. Foi aí que se deu conta de que não havia nenhuma barraca de peixe. Apenas, para um lado, uma velha com duas feiras de caranguejos enlameados, ao lado de uma barrica pequena de camarões miúdos. A feira praticamente acabada. Se continuasse com seu peixe no chão, com aquele sol e aquele bafo quente, perderia seu esforço, toda a luta da manhã no mar. Levantou-se. Teria que empurrar sua mercadoria por qualquer preço. Mas onde, meu São Jorge, uma hora dessas?

Chegou-se à barraca do farinheiro:

– Vosmecê quer um peixe vermelho fresquinho, pescado inda há pouco?

O da farinha só fez levantar, por detrás das tábuas do balcão, uma feira de bagres, com mais de três dúzias. Andou sem dizer nada. Já havia apanhado no mar, agora comia uma dureta na terra, num dia apertado como o de sábado – a feira no fim, o comércio fechado, hora de almoço. Só os pedintes raspando sobras pelo chão.

Viu o homem do dendê arrumando seus trens para ir embora.

– Quer um peixe, freguês?

– Homem – respondeu o do dendê – hoje não como peixe nem a pulso. Não sou daqui não, sou de Água Branca. E peixe lá, meu filho, é até um enjoo: todo o dia...

Saiu andando, com seu peixe vermelho nas costas, rumo de casa. Um sol quente demais. Atravessou as ruas do comércio, de portas fechadas. Nem o gringo da loja da Pedro II, seu melhor freguês, que sempre ficava até mais tarde, andava por ali. Um deserto.

Chegou onde estava sua jangada, na ponta da praia. Botou o peixe novamente sobre os troncos, empurrou a jangada para o mar. Agora, era chegar em casa. O sol andava pelas duas horas. Com certeza, a mulher inquieta, não tendo visto a jangada de volta. Içou a vela, foi beirando a praia.

A mulher na porta. Entregou-lhe o peixe, sem dizer palavra. Entrou, apanhou a cabaça. Emborcou-a no pote, tomou um gole de água fresca. A mulher, examinando o tamanho do peixe, perguntou:

– Moqueca?

Pensou em dar explicação, dizer que chegara à feira, que o mar estava sovina, o dia sem sorte. Quis prometer carne para o dia seguinte, mas resolveu calar-se. Nunca dera explicações, para justificar os caprichos do mar. Mulher de pescador sabe que o mar é que manda. A mulher fez outra pergunta:

– Salga o resto e bota no sol?

– Não. Dê para Joana de Cazuza. Os filhos estão aí, na jangada.

# VENTANIA

Luiz Garboggini Quaglia



## Luiz Garboggini Quaglia

Filho de Feira de Santana (1934), seus contos foram publicados nos suplementos literários dos jornais “A Tarde”, “Diário de Notícias” e “Jornal da Bahia”. Foi vencedor, por vários anos, do Concurso Permanente do Jornal “A Tarde”. Integrou a Geração Revista da Bahia, ao lado de Alberto Silva, Olney São Paulo, Cyro de Mattos, Marcos Santarrita, Ricardo Cruz, Oleone Coelho Fontes e Ildásio Tavares. Pela importância que possuem na progressão da *short history* baiana, seus contos estão a merecer publicação condigna em vários volumes. Esse admirável contista dos mares da Bahia reproduz na sua ficção uma autêntica vivência marinha, impregnada de preocupação com o homem na sua eterna luta pela sobrevivência. O conto “Ventania” foi extraído do livro *Contos de Garbó* (2001).

## VENTANIA

Ao primeiro impacto da ventania, o barco sacudiu-se violentamente e inflou a vela a um ponto que todos temeram vir a romper-se como uma folha de papel.

– Valha-me, Deus! – a voz grave de Dão, o mestre de barco, que, com mais dois, ali estão e um rapazinho entre eles. Num instante, precipitaram-se para um lado, tentando anular a inclinação do barco, mas este engoliu uma porção de água do oceano.

– Por Deus, Miguel, desate a ostaga! – Dão ordena e, por sua vez, desata a escota. A vela começa a bater-se desenfreadamente. O mar torna-se violentamente branco.

Tudo aquilo era esperado. Então, o temor e o desabafo de Jorge soltam-lhe as palavras:

– Tá vendo aí, mestre, sua teimosia? Mais outra refrega e cada um convida o outro pra seu enterro.

– Cala a boca, miserável! Chame por Deus – grunhe Dão.

– Nada adianta – resmunga Miguel, tentando ainda a ostaga, por estar a corda molhada.

O menino põe-se a chorar.

– Você também? A voz aborrecida de Dão grita para o rapazinho e emenda para Miguel que usa a faca. – Corta, corta...

Recebida a faca de Jorge, um só golpe de Miguel faz a vela soltar-se, afinal. Que ventania! A grande vela, como uma bandeira desfraldada, sem cor, anuncia a derrota no começo da batalha, indo cair na água.

– Era o que se queria. Tá aí. Pronto! – recrimina Jorge.

– Ó mãe! Lamenta-se o rapazinho, firmemente seguro numa das toleteiras.

– Você, hoje, vai levar um doce salgado pra ela – diz Jorge para ele com ironia.

O rapazinho encara-o por um instante.

Jorge tinha razão. E Miguel, também. Dão, o mestre, deveria ter usado a mezena. Fora aconselhado pelos dois. Houve tempo pra troca da vela maior pela menor, desde a interrupção da pescaria, hora atrás. Nenhum deles de primeira viagem, sobretudo Dão, experimentado, cinquenta anos vividos nas águas. O rapazinho era novato, e sua mãe, animada pelos ganhos da semana finda, obrigara-o a fazer-se ao mar naquela manhã cinzenta de vento branco, contudo com tempo instável e ameaçador. Ele agora chora e se lamenta por não estar entre os companheiros vagabundeando pela praia.

Inutilmente, Miguel e Jorge contra Dão, recriminam-se: o melhor sinal para acirrar os ânimos de quem não deseja se finar no oceano.

– Vamos apanhar a vela, está afundando, Dão diz apreensivo.

– Não se apanha nada. Deixa ela aí – responde Jorge.

– Vai teimar de novo? – completa Miguel.

– Que vale um pedaço de pano?

Tinham a mezena, é verdade. Mas se Dão entendesse de apanhar a grande vela, eles lhe obedeceriam.

– Bem. Vamos por a mezena logo – reconsidera Dão.

– Olha pra frente, menino! – Dão grita ao rapazinho. – Apanha a cuia, tire água de dentro do barco.

O rapazinho, petrificado. O mar estava violento.

– Vamos, tire água!

Sem perder tempo, Miguel e Jorge içam a mezena. O barco recomeça a viagem. A grande vela, como uma mancha submersa, fica para trás e deixa uma impressão particular em cada homem.

O rapazinho não tem iniciativa. Jorge toma-lhe a cuia e se curva ao trabalho.

– É por isso que digo: quanto mais se vive, se apanha e se aprende – diz Miguel.

– Parece que o mestre não se lembra do caso de Tiborna, de Arembepe – diz ainda.

– Foi somente teimosia – Miguel continua falando: – Mais outro exemplo, seu Dão. Queira Deus, nos ajude ganhar a praia.

Dão, firme ao leme, permanece calado. Zune a ventania.

– Poucas vezes vi um mar grosso desse – fala Miguel.

– A água está fervendo – completa Jorge.

O rapazinho olha para trás, direção sul, de onde sopra o vento.

– Olha pra frente, menino! – Dão grita-lhe.

– Ele hoje vai levar um doce pra mãe dele – repete Jorge com ironia.

– Se você olhar de novo pra trás, vou tirar seu medo – Dão avisa-lhe: – Tá pensando que aqui é jogar bola na praia? Dobre uma linha aí, vou dar umas linhadas no dorso desse...

Jorge continua tirando água do barco, nunca imóvel. Curva-se de repente sobre o volume da água.

O único peixe, moribundo (reanimara-se), espadana água entre os homens.

Abre-se a vela do barco na tarde cinzenta. Enfunada, a vela continua cortando o horizonte. Abrigam-se ali os pescadores. Três homens e um rapazinho trocam, entre si, ríspidas palavras: desabafo ante a fúria dos elementos. Nenhuma ação se tornará praticável. Todos iguais no mesmo barco, enquanto durar o tempo de espera no percurso até o porto da salvação.

O peixe se reanima cada vez mais; a ventania vibra o espaço; oceano violentamente branco, o céu carregado de nuvens baixas. Um dos pescadores tenta, em vão, por-se num barandá; dois remos postos fora da embarcação sobre as ondas agitadas, temeridade para quem não deseja se perder no meio das águas. A segurança! Queira Deus o barco aguente o temporal. Sentam



e observam a mezena esticada na verga presa ao mastro fincado no banco dianteiro, num mar grosso daquele. Agora, desafiam a vela contra o céu cinza e a ventania. Bem no meio da proa que se ergue a baixo, tem ali os olhos fixos no ponto de mira: a terra era o destino de todos e o mestre o domina curvado ao leme que, a custo, mantém o rumo desejado. Tudo que cai do céu é sagrado! Pensam humanamente temerosos. Mas já não se importam mais que a ventania faça crescer ondas, cuja intensidade recrudesça, envolvendo-os no desespero, pois vivem de tirar o sustento do oceano. Nenhum medo carregam. Todavia, o rapazinho clama por Deus, chama por sua mãe, num apelo inútil. Cada qual que se safe, lute e se salve. Inquieto, o menino olha em torno de si, a mão firme numa das toleteiras, a outra gesticula e tenta aparar os golpes frios da água do oceano contra a face magra de tristes olhos inundados de terror.

Isidro avisa a Cecílio:

– Estou vendo um sinal de barco alagado.

Isidro, marinheiro do barco de Cecílio. O barco navega cinco milhas a sotavento.

– Aquilo lá, mestre, é um saveiro alagado!

Cecílio recrimina Isidro:

– Nem tudo que se vê, que se fala.

– Mas, mestre, é um saveiro alagado!

Cecílio recrimina Isidro pela segunda vez:

– Quem enxerga muito, fica cego.

O barco de Dão carregava um peixe, o olho-de-boi, que, revivido, se livra agora do barco submerso. Dão ordena que se achesse a mezena por baixo do barco da sustentação. Fazem e esperam ...

A vela do barco a sotavento passa a barravento.

Outra vela surge ao longo. Espera inútil. Anoitece. Era o barco de Secundino.

Miguel era irmão de Cecílio e estava no barco de Dão, alagado.

Cecílio era mestre de seu barco.

– Vamos tirar as tábuas – Dão ordena. As tábuas dos três bancos do barco de Dão são retiradas. Aproveitam outra tábua do lastro. Dão determina:

– Vamos cair na água. Vamos nadando.

Todos caem na água e seguem nadando munidos das tábuas.

A noite cai.

– O peixe teve sua sorte – diz Jorge.

– Ora, vai direto pra casa – fala Miguel.

Nadam, um próximo do outro. Suas vozes misturam-se com a ventania.

Miguel anima a Jorge, Jorge anima a Miguel e ambos a Dão. Os três animam o rapazinho.

Em Itapoã, pela noite.

Cecílio comenta entre companheiros:

– Nem o diabo atinou minha cabeça que Miguel estava lá.

Todos emudecem, entreolham-se ante sua estupidez.

E ninguém saiu em busca de Dão e seus companheiros.

Dão anima a Jorge, a Miguel e ao rapazinho. Suas vozes respondem dispersas. Afastados eles nadam munidos com suas tábuas. Noite. A ventania continua fustigando o oceano. Nem Dão via Miguel, nem Miguel via Jorge, nem Jorge ao rapazinho.

Pela manhã, estavam muito distantes entre si.

Pela tarde, Dão consegue aproximar-se da Pituba, mas se perde novamente. A corrente marinha leva-o de volta ao largo. A ventania fustiga-o.

De madrugada, Dão retorna à Pituba. Fraco. Uma onda maior apanha-o, leva-o para dentro de uma enseada sobre os arrecifes. Do lado de dentro, Dão consegue tomar pé e prossegue engatinhando. Chega ao chão firme da praia. Cai. Exausto, ofegante.

Sua voz se perde solitária, pedindo socorro. Ninguém. Muito tempo depois, caminha retornando para Itapoã. Em Armação, encontra-se com seu compadre Sizinho. As pessoas dali ficam alarmadas. Muitos vão em busca dos náufragos ao longo da praia. Dão não consegue comer carne assada e farinha que seu compadre Sizinho lhe dera. Prosseguindo para Itapoã, Dão encontra-se no caminho com as moças da Jaguaripe. As moças choravam de fazer dó. Pela noitinha, encontrou os familiares em torno de sua velha mãe, à porta de sua casa. Muito choro. Dão ficara muito fraco. Levou um mês de cama, passando a mingau ralo.

“Se eu vi? Vi, sim senhor, na altura da Paragem, por baixo da Paragem. Eu vi o barco de Dão depois que amainou aquela ventania. Havia lá um sinal. Uma camisa rasgada na ponta da vara. Disse então pra meu mestre: – Mestre, tem um saveiro alagado. Veja lá o sinal. Mas ele me respondia:

– Nem tudo que se vê, que se fala. Quem enxerga muito, fica cego. Compreende-se uma coisa dessas? Horrível! Já ouviram isso? Pois é o que estou dizendo. E depois, o irmão dele estava lá. E quando soube que seu irmão estava lá, gritou pra todo mundo ouvir:

– Nem o diabo atinou na cabeça dele. Deus que me perdoe. Já ouviram isso? Deus que me perdoe.

Naquele tempo, a praia era um lugar sagrado. Martim, o rapazinho, foi encontrado na praia da Pituba. Enterraram lá seu corpo. Naquele tempo, onde se morria, aí mesmo se enterrava.

A mãe de Martim, o rapazinho, curtiu demais seu silêncio, vagando pela praia.

Cecílio? O irmão de Miguel?

Quando voltou a pescar, três dias depois, não aguentou chegar no pesqueiro. Voltou no meio do caminho. Tinha visões: via seu irmão atravessando seu barco.

Passados mais três dias, voltou a pescar, agora de jangada, bem próximo da praia. Aconteceu-lhe a mesma coisa. Suas visões: via o irmão atravessando por baixo da jangada.

Três dias mais, depois da segunda visão, Cecílio saiu pela praia munido de tarrafa. Avistou um cardume de sardinhas. Sobre a pedra do Unhão, lançou a tarrafa e mergulhou atrás. Viu seu irmão malhado nela. Cecílio saiu de dentro d'água apressado, aterrorizado. Deixou o mar. Deixou o mar. Deixou mesmo.

# TODAS AS LUZES DO MAR

Ricardo Cruz



## Ricardo Cruz

Nascido em Salvador (BA), 1941. Viveu na região cacauzeira até o final da adolescência, quando então se mudou para a capital baiana. Diplomado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em 1967. Contista e romancista. Publicou, entre outros, *Benditos perversos* (1990), contos, *Todas as luzes do mar* (1998), contos, e *A vingança de Xangô* (2004), romance. Foi premiado pela Secretaria de Cultura da Bahia com o roteiro cinematográfico “Saveiros”. Participa de várias antologias do conto na Bahia. Seu conto “O Ciclo” figura na antologia “K Iug of Rio Grande”, de escritores latino-americanos publicada na Rússia, na qual estão Mário Benedetti, Rosário Castelanos, Julio Cortázar, René Marques e Cyro de Mattos.

## TODAS AS LUZES DO MAR

Que luz é aquela  
que luz é aquela  
lá no mar  
que luz é aquela  
lá no mar  
(Do cancionero  
do Recôncavo)

Quando Roque desembarcou ainda havia bastante claridade. Navegara em solitário de Itaparica até a baía de Mutá na sua pequena escuna e a fundeara mais para o largo, não muito perto da amarração de outras embarcações. Agora havia o luar e da varanda da casa ainda era possível, sem muito esforço, ver o perfil prateado de *Sedução dos Mares* exposto ao sereno da noite. Uma fina camada de orvalho teria se depositado sobre o teto da cabine, e a quilha luminescente talvez refletisse a claridade do luar esbatida pela superfície do mar calmo, logo acima da linha d'água.

– Isto aqui é quase uma baía e daria excelente marina, você não acha, rapaz? Perguntou o doutor aproximando-se dele e apontando para sua escuna, enquanto com a outra mão lhe oferecia um copo com cerveja. – Nesta casa ninguém hoje fica sem beber! – disse, sem esperar recusa.

A festa era em comemoração ao casamento do doutor. Havia se casado com Lucília e ambos resolveram convidar amigos e vizinhos para um *improviso*. Foi a novidade que lhe disseram mal ele desembarcou, o que significava que quase todas, senão todas as pessoas do vilarejo – fossem residentes, veranistas, ou

que apenas estivessem de passagem, o que não era bem seu caso, podiam se considerar convidadas para a festa improvisada, sem maiores formalidades.

Sabia-se que desde o verão passado Lucília era a companheira mais constante do doutor, e se no passado houvera especulações maliciosas quanto a isso, talvez agora as más línguas se aquietassem pelo fato de haverem se casado, de papel passado e tudo, o que aconteceu uma semana antes no Fórum de Salvador. A menos que com o casamento o doutor não desse fim ao inumerável cortejo de acompanhantes femininas dos seus fins de semana, nem sempre discretas e pacatas, com as quais, desde que se divorciou, costumava quebrar a tranquila e monótona paz familiar que reinava no vilarejo.

– Obrigado. Não duvido um dia isso aconteça – respondeu Roque, aceitando a bebida que o homem lhe oferecia. – Só acho que uma marina traria uma movimentação desnecessária para cá.

Dois violeiros e cantadores se revezavam nos acordes de seus instrumentos e cantavam velhas canções praianas, intercaladas com sambas de barravento, de batida rápida e versos curtos, repetidos e sensuais. Na sala alguns pares dançavam, outros convidados faziam coro junto aos violeiros e tamborilavam seus dedos sobre qualquer superfície que ressoasse. Havia um trincar de copos e garrafas, e a coisa ia num crescendo de palmas, gritos e risos, até chegar-se ao clímax exigido pela letra do samba, com o coro uníssono das vozes dando o elevado tom final, o que de imediato era celebrado com uma barulheira infernal.

– Meu sonho é que esse dia não demore de chegar – replicou o dono da casa, enquanto lá dentro outro samba começava. – Imagine isso aqui durante o verão cheio de escunas, lanchas, iates e veleiros ancorados na tranquilidade dessas águas... A civilização chegando até o vilarejo!

Para Roque, no entanto, o cenário sugerido pelo sonho do doutor não combinava com aquela paisagem do casario perfilando-se



numa desordem espontânea, num subir e descer ladeiras e a se estender a torto e direito em completo desalinho, para quebrar-se em esquinas e becos de ruas sem calçamento, completando o que ele considerava a mais ingênua das transgressões urbanas; para ele aquela era a verdadeira fisionomia de Mutá. A construção de uma marina por certo atrairia uma inesperada e indesejável valorização imobiliária e como consequência, modernas construções por certo surgiriam, desfigurando toda a paisagem do casario que ele admirava. Vislumbrou, entre um gole e outro da cerveja, o desaparecimento da mansa rotina de um cotidiano sem nenhuma pressa que vigorava diante da mansidão do braço-de-mar. Todo um modo de viver se alteraria por completo para aquela gente acomodada e simples, na sua maioria saveiristas, canoeiros, pescadores e marisqueiras. Não lhe parecia justo que tivessem de abrir mão justamente daquele lado da “*quase baía*”, como dissera o doutor, onde fundeavam seus saveiros e batelões, nem da vida descomplicada que levavam, para dar lugar a ancoradouros privados, o que terminaria por funcionar como uma espécie de clube para endinheirados, o que logo em seguida traria regras e proibições para o ancoradouro natural deles, dificultando o navegar de suas embarcações para o mar da Baía de Todos os Santos, de onde os pescadores retiravam seu sustento.

Mas não desejava discutir nada disso com o doutor Miro, como o homem gostava de ser chamado. Sabia que ele era um dos mais assíduos frequentadores de Mutá, quase um residente, já que raro era o final de semana em que lá não comparecia a bordo do seu iate *Travessia*, para ocupar aquele seu casarão avarandado e voltado para o mar. Tudo isso, aliado ao título de doutor e a certo poder de influenciar no modo de vida daquela gente, acabava por lhe conferir a desenvoltura de um chefe político local. No entanto, sempre lhe pareceu um sujeito simpático, de fácil conviver, e embora proclamasse que não desejava outra coisa senão desfrutar da tranquilidade do vilarejo, fugindo do fragor da cidade e da intensa

movimentação dos cartórios e do Fórum de Salvador – no qual militava e não lhe faltavam questões de porte para resolver –, não era bem ao descanso que ele parecia devotado. Mal dispensava o paletó e a gravata, reassumia o comando de *Travessia*, para longos bordejos pela sua “quase baía”, em visitação obrigatória às praias no geral ensolaradas das pequenas ilhas próximas ao vilarejo. Não era raro vê-lo em concorridíssimas pescarias para logo depois dedicar-se aos prazeres de uma boa mesa, guarnecida de peixes e mariscos, ensopados e moquecas, tudo regado a cerveja, uísque e bons vinhos, sem falar de quem era a visitante da vez que o acompanharia, após recuperar-se daqueles excessos, para sua vasta e promíscua cama. Pouco lhe sobrava tempo para a contemplação daquela sua “quase baía”, que ele sonhava em transformar numa marina, menos ainda para o recato de uma boa leitura sob a luz amena do entardecer. Como jamais, desde o divórcio, dispensasse a companhia de mulheres, ganhara justa fama de garanhão. Mas o que corria de boca em boca era que agora, já envelhecendo, temia a solidão, e que foi para escapar desse temor que resolvera casar-se com Lucília. Quanto a ela, logo soubera se fazer presença mais constante na cena de Mutá, com o mérito de ter pacificado o leito do doutor. A mulher era vinte anos mais jovem que ele, porém, a despeito da diferença de idade, não faltava quem garantisse que de fato o amava.

– Felicidades, compadre Miro, o senhor não repare ir chegando assim por derradeiro esse seu criado – disse Bento Grande, companheiro eventual de pescarias do doutor, saudando-o e desculpando-se por entender que se atrasara para a festa. – Onde encontro a comadre, para meus cumprimentos?

– Lá por dentro, compadre Bento, procure sua comadre lá por dentro. Obrigado e seja bem-vindo! Há bebidas e salgadinhos à vontade.

Roque espichou o pescoço e olhou com alguma insistência para o interior da casa. Quase esquecera-se do doutor e teve um sobressalto ao ser novamente interpelado por ele.

– Então, Roque, ouvi dizer que *Sedutora* é uma boa escuna. Como é que tem se saído com ela ao navegar por aí pela Baía e por essas cercanias de Mutá e Cações?

– Hã?... *Sedutora*? *Sedução dos Mares*, o senhor quer dizer! Tenho me saído bem, doutor Miro, muito bem. Tem boa quilha, boca não muito larga, não aderna à toa e é bem veloz para o porte dela. Do motor também não posso me queixar: desenvolve além do esperado. Resta ver como vai se comportar com o velame, ao navegar em mar aberto, o que pretendo fazer hora dessas. Aí espero que não vá me envergonhar...

Tentou disfarçar mais ainda seu embaraço do momento, estendendo-se em uns tantos detalhes técnicos do madeirame utilizado na construção do casco da escuna, a pintura recente, na descrição das comodidades da cabine... Por cima dos ombros do doutor viu que Lucília já o localizara e que o olhava com leve sorriso esboçado no olhar. Por um instante achou que a mulher hesitava. Logo, decidida, caminhou na direção dos dois homens. Mais próxima, sem que o marido a tivesse notado, abriu-se num franco sorriso.

– O que interessa é que seja veloz, aí sim, será mesmo uma gostosura navegar com ela em mar aberto – disse Roque, excedendo-se em entusiasmo e acolhendo, com mal disfarçada alegria a dádiva daquele sorriso, como um navegador acolheria a chegada de um bom vento há muito esperado.

– Pressa... Vocês, jovens de hoje em dia, só pensam na velocidade... Exigem rapidez em tudo, ninguém sabe pra quê, nem aonde querem chegar com tanta pressa. É só no que pensam... como se o mundo fosse se acabar amanhã! Não ligam a mínima para detalhes como conforto, muito menos para segurança, que parece ficar em último lugar... – disparou o doutor, abrandando em seguida o tom da voz, ao sentir-se envolvido pelos braços de Lucília.

– A bebida está quase acabando, Miro. Por que não vai até a venda de Cambimba pegar mais um engradado de cerveja? Pediu

ela, com carinho verdadeiro, e disse que os violeiros avisaram, de brincadeira, que não tocariam sem combustível.

Os três riram-se e Miro, carinhoso com a intromissão da mulher, concordou em fazer o que lhe pedia. Como sabia pedir, Lucília! Dentro da casa os convidados mantinham a animação: cantavam, dançavam, bebiam, e não perdiam oportunidade de brindar os recém-casados a cada instante.

– Aqueles dois esvaziam os copos mais depressa do que tocam e cantam – arriscou Roque, apontando na direção da dupla de violeiros.

– Em minha casa ninguém há de ficar com sede, ainda mais na festa do meu casamento – disse Miro, estreitando a mulher num abraço.

– Só não vá ficar por lá o resto da noite, ouvindo a conversa fiada de Cambimba – recomendou Lucília, livrando-se jeitosamente do abraço.

– Vou acompanhar o doutor, dona Lucília – ofereceu-se o rapaz. Prometo não deixar que fique na venda mais que o necessário.

Roque avaliou o homem quando este se pôs à sua frente, adiantando o passo para tomar seu lugar de motorista na perua estacionada na porta da casa. Não havia mais nada que fosse jovem nele; era lento, pensou, e caminhava sem elegância. Cambaleava um pouco, por conta do quanto havia bebido. Todos do lugar sabiam que ele gostava de fazer ponto no balcão da venda de Cambimba, e o motivo da recomendação da mulher era que não havia quem o arrancasse de lá antes de emborcar umas tantas doses de *erva-doce*, *quebra-facão*, *cambuí com mel*, *rompe-gibão*, *cobra-coral*, ou outra qualquer das infusões preparadas pelo dono da venda, com a boa cachaça produzida nas fazendas do Recôncavo, cujas garrafas perfilavam-se, numerosas e coloridas, nas prateleiras.

A distância até a venda era curta. Saltaram e viram que para um casal jovem muito atento e interessado, o dono contava uma

de suas muitas histórias. Como jamais admitia ser interrompido no meio de uma narrativa, os recém-chegados conformaram-se em esperar até que a concluísse, pois só então se disporia ao atendimento de quem quer que fosse. Revelando intimidade com a casa, o doutor foi logo se servindo, ele mesmo, de uma dose de *milhones*. Virou de vez a bebida, fazendo uma careta por causa do amargor da raiz boiando na infusão.

– Os tiros pipocavam de lá para cá: pum! pum! pum! Eu corria daqui, corria pr’acólá, me agachava, saltava, e assim conseguia me safar da má pontaria dos malfeitores – encenava o homem saltitando de um lado para outro de dentro do balcão refazendo toda a cena. – Minha maior preocupação era com a mulher grávida de oito meses, metida Deus sabia aonde, a ponto de parir sem nenhuma assistência entre sacas de feijão e farinha e fardos de charque, no assustado daquele tiroteio.

O homem não parava de gesticular enquanto falava: enfiando um pano de limpeza por debaixo da camisa, fingiu-se grávido e desabou sobre um saco de milho, para dar reforço a essa parte da história. Roque reparou no bronzeado da jovem, sua pele sensual, a sensualidade dela acentuada ainda mais pela flor vermelha presa ao cabelo.

– Sabe, Roque – sussurrou Miro ao pé de seu ouvido – esta é minha segunda lua de mel. A primeira foi aqui também, em Mutá. Sempre gostei daqui. Devia ter a idade desse rapaz aí, mas lhe garanto: era muito mais invejado que ele.

Roque viu o doutor servir-se de outra dose da infusão, porém não quis acompanhá-lo quando, alcançando outro copo da prateleira, Miro fez menção de enchê-lo com uma dose da bebida. Pensou em pedir uma cerveja, mas desistiu. O casal continuava hipnotizado pela história do tiroteio e acompanhava em silêncio o gestual de Cambimba ao narrá-la. Lembrou-se de Lucília e imaginou-a com uma flor vermelha presa ao cabelo.

Cambimba chegou ao ponto da história em que conseguiu alcançar a arma que havia guardado e não se lembrava onde. – Foi minha sorte achá-la, disse. Mostrou com a mímica das mãos como precisou desemperrá-la e de quando, por milagre, apesar de enferrujada, armou-a para finalmente engatilhá-la e atirar. Pulou por sobre o balcão para melhor encenar de que maneira se deu o enfrentamento com aqueles bandidos e como, a partir daí, tudo ficou mais a seu favor...

Roque achou graça no susto que o casal levou, desavisado para o salto que o homem deu sobre o balcão, indo agachar-se atrás de uma das maciças portas de pau d'arco da venda. A jovem mulher também riu, e pela primeira vez pareceu dar-se conta da presença dos dois homens. Seu companheiro, como se despertasse de uma espécie de transe, virou-se também para eles, ensaiou um mudo cumprimento com a cabeça, apertou a mulher contra o peito, e deu-lhe um cheiro nos cabelos.

Miro fez um gesto brusco que tanto poderia ser impaciência, como decorrente de um vacilo súbito das pernas, o que fez com que Roque voltasse sua atenção para ele. Teve um impulso de amparo para o homem ao seu lado, mas viu que ele conseguiu firmar-se se apoiando na borda do balcão, e que gesticulou abanando a mão livre, dispensando a ajuda que viria do rapaz.

– Penso que não vou me casar tão cedo – disse ele, abrindo-se numa confiança e olhando vagamente na direção da jovem mulher. – Quero gozar mais a vida antes de dar um passo desses. Quero viajar por aí, navegar por outros mares, conhecer países, me demorando um pouco em cada lugar. Não, doutor, não é somente a velocidade que importa. Nisso de gozar a vida não quero ter nenhuma pressa...

– Quando eu tinha sua idade também pensava assim – atalhou-o Miro, com certa aspereza na voz. – Acabei me casando mais cedo do que esperava. Depois de casado descobri essa minha natureza mulherenga. O povo daqui me tem na conta de ganhão

e em casa que tem mulher solteira não me convidam por gosto. Riu, desequilibrando-se mais uma vez, quase perdendo o ponto de apoio no balcão.

Roque o susteve dessa e avaliou o quanto Miro estaria mais embriagado naquele momento do que quando saíram para buscar cervejas, fosse por conta do que já havia bebido antes, quanto pelas doses de *milhones* que emborcara desde que chegaram ali. Não sentiu nenhum orgulho de si próprio pela razão que o levou a avaliá-lo daquela maneira.

– Pela minha idade, rapaz, posso até já estar mais prá lá do que pra cá – disse ele, buscando reequilibrar-se. O difícil era saber se naquele momento falava com seriedade ou se levado pelo álcool tornara-se subitamente sarcástico consigo mesmo. – Por isso nem sei se Lucília me é ou será fiel, apenas me aturando enquanto dure... só tem que, ao menos uma coisa, rapaz, lhe digo: enquanto estiver com ela... eu... eu... sinto...

Parecia não encontrar as palavras e Roque, embora constrangido, sentia-se na obrigação de aturá-lo, de ouvi-lo, fosse lá o que quisesse dizer-lhe.

– Às suas ordens, doutor Miro. Como vai a festança? Como então botou mulher nova na vida, hein, seu bode velho! - disse Cambimba, tendo dado sua narrativa ao casal por encerrada e vindo finalmente atendê-los, excedendo-se nas saudações, como era do seu feitio. – O quê o senhor manda? Ah, um engradado de cerveja? Arrumo sim... e bem geladinhas!

– É isso aí, seu Cambimba. Bode velho precisa mesmo é de capim novo! Como bom cristão não quero e nem devo escapar da regra. Aliás, você também não casou com mulher nova? Então, somos dois bodes velhos sem-vergonhas – devolveu Miro e os dois caíram na risada, fazendo rir a todos.

– Taí... casei, sim, e até hoje não me arrependi! Tem coisa melhor na vida que mulher nova pra fazer a gente remoçar? É como botar sangue novo pra correr mais depressa nas veias da gente.

Nisso, eu é que sou doutor! – gabou-se o dono da venda, batendo no peito sem parar de rir. Em seguida, demonstrando agilidade para um homem de sua idade, pulou para o lado de dentro do balcão e foi apanhar as cervejas no *freezer*.

O casal anunciou sua retirada e deu boa-noite. Roque acompanhou com o olhar discreto o ondulante andar da jovem e todos ouviram quando ela, apontando na direção do mar, perguntou ao companheiro:

– Olha, amor, lá, no mar... que luz é aquela? Lá, lá no mar, veja!

Roque também olhou na direção em que a jovem apontava. Julgou que talvez o que ela via fosse a luz balançante de algum mastro de veleiro, ou o reflexo na água das luzes de uma daquelas pequenas ilhas próximas. Quis ouvir a resposta do companheiro da jovem, que a abraçava e beijava com ardor, mas o que ouviu foi a voz de bêbado de Miro quase colada ao seu ouvido:

– Este daqui, Cambimba, pelo visto vai ter que mudar de planos e tratar de arranjar companheira bem mais cedo do que pensa. Viu como grudou o olho na garota com a flor no cabelo? Acho que faltou pouco pra não acontecer novo tiroteio na sua venda – disse e gargalharam os dois homens.

– Moçada aprumada, seu doutor, essa de hoje em dia. Vale até a pena correr o risco – respondeu Cambimba, mostrando novamente os dentes e apresentando as cervejas já arrumadas no engradado. – Graças a Deus têm muito mais liberdade que nós no nosso tempo, e são bem mais despachados...

– Têm mais... eu sei o que é... é-é muita safadeza o que têm, isso sim! Eu, em toda minha vida, sempre respeitei mulher alheia... – ia-se exaltando o doutor, num quase destempero. Roque e Cambimba entreolharam-se e preferiram deixar o que entenderam como desabafo por conta das múltiplas doses de *milhomes* emborcadas, e não o contradisseram.

– Já temos nossa cerveja, acho melhor voltarmos agora. Dei minha palavra a Lu... a dona Lucília... que... de que não



demoraríamos – gaguejou o rapaz e, sem esperar resposta, foi erguendo o engradado, decidido a carregá-lo sem ajuda do outro até a *perua* estacionada na porta da venda.

Fora, com um turbilhão de pensamentos na cabeça, Roque fixou-se na pergunta que a jovem fizera instantes atrás ao companheiro, e olhou na direção do mar.

– Procurando que *luz é aquela*, Roque? Perguntou Miro cambaleando logo atrás dele. – Por aqui dizem que só os apaixonados a veem: a luz dos apaixonados: “*que luz é aquela, que luz é aquela, lá no mar, que luz é aquela...*” – cantarolou. – A invisível luz dos apaixonados! Ah, fodam-se os apaixonados... Jovens!... Pensam que o amor existe somente para eles... Pensam que o mundo foi feito só para eles!...

Roque quis dizer algo para desviar o outro daquela conversa perigosa, mas nada lhe ocorreu. Só lhe ocorria pensar na flor no cabelo daquela jovem e no olhar incendiado de Lucília voltado para ele, e ficou pensando nela. Adiantou-se e acomodaram-se na *perua*. Viu Miro atrapalhado, a apalpar-se todo procurando pelas chaves.

– Porra! – vociferou, irritado, ao descobrir que sequer retirara as chaves do painel. O carro soluçou na partida, porque ele não o desengrenou antes de virar o motor.

Chegariam logo à casa, e graças a Deus não haveria nenhum trânsito até lá, pensou Roque, com certo alívio, ao mesmo tempo em que uma conhecida impaciência tomava conta dele.

– Uma mulher nova na vida de um homem mais velho, seu Roque – tornou Miro balançando demasiado a cabeça –, é como um veleiro: o navegante só tem de levá-lo no jeito, com todo carinho do mundo, mas precisa ter prontidão e firmeza no leme; toda a ciência é fazê-lo navegar livre e por conta própria, sem deixar que perceba que faz apenas a vontade do dono...

Roque navegava em outros pensamentos. Em algum lugar daquele braço-de-mar oscilava, por conta da maré baixa e do vento,

*Sedução dos Mares.* Perturbado no seu pensar pelas manobras bruscas e desnecessárias do homem bêbado ao volante, controlou-se para não arrebatá-lo de vez e assumir ele próprio o controle do veículo.

– Os jovens, Roque... todos os jovens do mundo são todos... são todos parecidos com você, entendeu... Não sabem nada, pensam que sabem e só fazem merda... en-entendeu... entendeu... só o que não sabem... Tartamudeou Miro, sem acrescentar mais nada fosse lá o que queria concluir, naquele instante se dando conta que haviam chegado. Desligou o motor e puxou a trava de mão, com flagrante pantomima nos gestos, sem deixar de olhar para o rapaz ao lado. Ele viu que o homem teve dificuldades para abrir a porta, mas esperou que ele conseguisse abri-la e saltasse primeiro. Depois então saltou e carregou o engradado para dentro da casa.

De pé na varanda, Lucília demonstrava apreensão e impaciência. De dentro da casa reverberavam sons diversos, vozes, gargalhadas, acordes isolados que um dos violeiros produzia no seu instrumento. O mais velho dos dois músicos adiantou-se para ajudar Roque com o engradado das cervejas tão logo o rapaz transpôs a varanda, mas não notou o olhar dele para Lucília.

– São as últimas cervejas da festa. Depois destas, acabou-se, gente! - avisou a mulher, e viu que o marido balançava a cabeça, concordando com ela.

– Olha aqui, pessoal: a venda de Cambimba já deve ter fechado! Se alguém quiser beber mais vai ter que bater na porta dele. Os *noivos* vão querer ficar sozinhos por direito! Avisou por sua vez o violeiro que se adiantara para ajudar Roque com o engradado. Logo que algumas cervejas foram abertas e distribuídas, recomeçou a música.

Roque viu quando Miro, chegando-se por detrás abraçou e apalpou a mulher de forma desajeitada, quase agressiva. Ela o repreendeu assumindo um semblante zangado e olhou fugazmente para o rapaz, desculpando-se talvez pelo gesto vulgar do marido.

De novo aquela centelha no olhar. Para não embarçá-la, ou disfarçar o próprio embaraço, dirigiu-se ele para a cozinha. Pegou uma garrafa de cerveja e encheu seu copo com a bebida até vê-la transbordar. Voltou então para a sala, misturando-se aos poucos convidados que ainda se dispunham a bater palmas e a cantar. Viu que algumas pessoas despediam-se da dona da casa. Admirou seu corpo esguio e esbelto. Emoldurada pela soleira da porta, a transparência proposital de seu vestido contra a luz que vinha da rua inquietou-o.

Miro aproximou-se dos violeiros e fez coro com eles, tentando entoar uma modinha praiana. Estava completamente embriagado, sua voz soava destoante, todo ele oscilava e era visível que só com muito esforço conseguia manter os olhos abertos. Mesmo assim parecia empenhado em não entregar os pontos, fosse contra o que fosse que estivesse lutando.

Roque atravessou a sala e foi para a varanda. Lucília aproximou-se dele empunhando uma garrafa de cerveja e completou seu copo até a borda. Ele manteve a mão estendida e sentiu o roçar da pele dourada do braço dela demorar-se no contato contra sua mão estendida.

De onde estava Miro pôde ver dois vultos conhecidos conversando na varanda. Não podia ouvir a conversa, tampouco podia ver os olhares incendiados que trocavam. Confundiu-se com a própria percepção, julgando que a cena vista por ele fosse talvez a recordação de outra cena, vivenciada por ele mesmo, naquela mesma varanda com alguma mulher cujo nome sequer podia ou queria lembrar-se. Deixou-se levar por breve devaneio povoado de ancas, coxas, olhares e seios, numa sequência que se diluía cada vez mais, enquanto a imagem inicial que provocou o devaneio se desfocava, perdendo-se por entre os esforços da memória e a tentativa de manter-se em vigília.

Roque disse a Lucília que a maré estaria mais baixa antes do amanhecer. Mais baixa do que estaria naquele momento, e que por

isso fundeara *Sedução dos Mares* o mais próximo possível da praia, com a quilha quase a roçar levemente a areia do fundo do mar.

A lua já descambava no horizonte, revelando uma paisagem de contornos, sombras e silhuetas agitadas pelo vento leve da madrugada que se anunciava. De dentro da casa um zunzum informava que a cerveja acabara-se de vez, e um dos violeiros ainda insistia dedilhando no violão uma canção *saideira*. Quanto ao outro, alguém informava que já sumira pelos fundos da casa, carregando com ele Mariinha de Pirajuía, marisqueira mais formosa das redondezas, cozinheira ocasional nas festas e temporadas de veraneio na casa do doutor Miro, arrebanhada de última hora pelo músico para um passeio lá pelas dunas que contornavam o manguezal.

– O que Mariinha deve estar mariscando a essa altura eu não comeria por dinheiro nenhum do mundo – foi a última coisa que disse o doutor na comemoração da sua festa de casamento, antes de desabar de vez no sofá da sala para logo entrar em sono profundo.

Ao ver os últimos convidados se despedirem de Lucília, Roque aproveitou o momento para despedir-se também, levando consigo o violeiro que ficara por derradeiro a fazer o mesmo, e que a seu pedido ainda fez vibrar uma vez mais o violão cantando ambos uma canção romântica. De novo despediram-se e juntos deixaram a casa. Adiante se separaram e o rapaz rumou para a escuna.

Apoiando-se na amurada, com a água abaixo da cintura e sem fazer grande esforço, içou-se para bordo, pisando na dureza fria do convés. Acendeu o lampião a gás no grau mínimo, destrancou a portinhola de acesso à cabine e foi recostar-se no beliche, deixando-se envolver pelo conforto que o silêncio e a solidão lhe proporcionavam.

Despertou com um choque-choque suave e repetido percutindo no casco de *Sedução dos Mares*. Em seguida ouviu

um baque surdo no lado de fora da cabine. Recompôs-se ligeiro e subiu ao convés. Teve o cuidado de apagar o lampião para que a claridade, por mínima que fosse, não os denunciasse a algum pescador madrugadeiro, e apressou-se em ajudar Lucília a equilibrar-se a bordo.

Abraçaram-se e beijaram-se com ardor sob a luz faiscante das estrelas, sem ligar ao perigo de serem vistos. Sob o mesmo vestido transparente que momentos antes tanto o inquietou, percebeu que a mulher estava inteiramente nua. Tomou-a nos braços e deslizou com ela direto para o beliche.

A manhã não tardaria a despontar quando Lucília desembarcou, arrepiando-se inteira no contato com a frieza da água nivelando-se quase à altura dos seios. Não havia mais o luar. Depois de tê-la ajudado a descer, Roque acompanhou-a com o olhar, vendo-a movimentar-se na água e ir-se afastando, lentamente, até tornar-se um vago e silencioso vulto branco ao longe. Ainda viu o rastro fosforescente do fogo-fátuo que a fricção dos seus pés produzia no caminhar pela coroa lodosa desnudada pela vazante da maré.

Voltou para o conforto da cabine somente quando a mulher desapareceu por completo de sua visão, sumindo por entre o coqueiral que se fechava atrás dela e além da estreita faixa da praia. Refez de memória seus passos, calculando todo o percurso e entendeu que havia já tempo de sobra para ter entrado em casa. Não quis pensar em Miro, nem nas manobras silenciosas que Lucília faria ao entrar em casa, nos cuidados que teria ao transpor cômodos, não esbarrar nos móveis, pisando devagar até chegar à cama. Certamente iria banhar-se antes... Acomodou-se ele por sua vez entre os lençóis do beliche, e aspirando o perfume que a mulher deixou nos travesseiros, rememorou cada instante daqueles momentos com ela, desejando-a novamente, quase tocado por uma delirante impaciência para tê-la de volta. Olhou através da escotilha um minuto antes de adormecer, para logo submergir

num sono cheio de sobressaltos ante a impressão de que, através dela, a cabine inteira explodiria pela súbita invasão de todas as luzes do mar.

# NA ILHA

Ruy Espinheira Filho



## Ruy Espinheira Filho

Nasceu em Salvador (BA), em 1942, mas passou a infância em Poções e a adolescência em Jequié. Contista, romancista, cronista, poeta, ensaísta, autor de livros infantojuvenis e jornalista. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Como poeta, recebeu, entre outros, o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa, da Fundação Cultural de Santa Catarina, o Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores (Rio), o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Jabuti - 2º lugar, da Câmara Brasileira do Livro. Figura como poeta em inúmeras antologias, no Brasil e no exterior. Com vasta obra poética, é considerado pela crítica como uma das elevadas vozes líricas da poesia contemporânea brasileira.



# NA ILHA

## 1.

Levanto-me antes dos outros e saio para uma volta. Ainda é muito cedo e eu sou a única pessoa acordada na aldeia. Ou pelo menos a única que circula entre as casinhas e choupanas de portas cerradas.

O céu está coberto por grandes nuvens cor de chumbo, que é também a cor do mar. Durante a noite armou-se uma tempestade, relâmpagos ziguezaguearam em volta da ilha, seguidos pelo rolar longínquo dos trovões, mas tudo não foi além de uma chuvinha breve no fim da madrugada. Os escombros da tempestade, deflagrada não muito distante, espalharam-se no céu da ilha: as grandes nuvens cor de chumbo, através das quais podemos apenas entrever um vago amarelo que anuncia o nascer do sol.

Caminho na direção da praia. Meus passos espantam umas cinco ou seis rolinhas fogo-pagô, que voam para buscar abrigo nos galhos de uma amendoeira. Chego à beira da praia e sinto-me observado. Olho em torno: ninguém visível. Num exame mais atento, porém, descubro, a curta distância, um grauçá, que me fita da entrada do seu buraco. Um, não: dois. Olham-me com seus olhos estranhos, certamente – devido ao instinto e às lições do seu relacionamento com os homens – repletos de desconfiança. Avanço mais um passo e eles se põem em fuga: um desaparece no buraco e o outro, naquela esquisita maneira de se mover de lado, dispara em busca do mar.

Saio andando ao longo da praia – e logo encontro mais gente desperta: um menino e uma menina. Sorrio para eles e

vou até onde estão alguns coqueiros caídos. O mar cavou a terra sob suas raízes, derrubando-os. Dois são vítimas recentes, pois suas folhas ainda estão verdes, e outros se encontram seriamente ameaçados. Muitos e muitos coqueiros já morreram assim. Mas o coqueiral é como o mar: recomeça sempre.

Faço meia-volta e vejo que o menino e a menina, com ar gaiato, caminham de mãos cruzadas nas costas para me imitar. São crianças pobres, filhas de pescadores da aldeia. Sobre uma jangada deitada na areia, um rapaz musculoso conserta uma rede de pesca. Uma mulher surge de vassoura em punho e põe-se a varrer a porta da casa. A aldeia está despertando. Acho que já é hora de voltar e acordar o pessoal para o café. Olho disfarçadamente e vejo que as crianças continuam a caminhar com as mãos para trás, observando-me gozadoramente. Bom, ao menos nisto elas podem me imitar sem susto...

## 2.

Esvaziados os pratos, onde há pouco fumegava uma apimentada moqueca de lagosta, sentamo-nos sob a amendoeira e olhamos o mar. Ao longe, na linha do horizonte, com seus edifícios brancos, a cidade se assemelha a um cemitério. Perto de nós, à sombra dos coqueiros, um pescador cuida da rede, enquanto os filhos e a mulher descansam à sua volta. Galinhas ciscam por toda parte. Os cachorros, sabiamente, cochilam.

As pessoas da ilha têm a sabedoria dos seus cães: passam a maior parte do tempo descansando. O pescador sai em busca do peixe, volta – e não faz mais nada durante o resto do dia. Quando muito, como o que estava ali, consertam os seus instrumentos de pesca.

Assegurado o alimento do dia para a família, às vezes também algum dinheiro com a venda de peixes na vila próxima, o pescador descansa como um guerreiro vitorioso. Aos olhos

dos homens da cidade, adeptos ferrenhos do paletó e gravata, do *full time* e do enfarte, os pescadores podem parecer indivíduos preguiçosos e imprevidentes – pois trabalham apenas durante parte do dia (mesmo assim a depender do tempo) e nem pensam em fazer uma reserva, uma poupança para o futuro. No entanto, creio, eles estão com a razão. Sabem que a vida é aqui e agora. O futuro? Ora, o futuro a Deus pertence. Ou a Yemanjá, que está sempre levando homens curtidos pelo sol para o seu leito de noiva nunca saciada...

### 3.

Ontem à tarde, sob a amendoeira, vi um pescador embalando o filho pequeno. Os outros pais, os que vivem na cidade grande, não podem estar em casa senão à noite. E, quando chegam – uns viajando em coletivos superlotados, outros em luxuosos carros particulares, mas todos igualmente cansados e nervosos –, têm ainda a correspondência a por em dia, a novela de TV a assistir, as queixas domésticas a escutar, os jornais a ler...

– E as crianças?

– Dormindo.

O pai da cidade grande ouve a resposta e não pensa mais nos filhos, preocupado com as oscilações da Bolsa. Mas o pescador embala seu filho, sob a amendoeira, à tarde, junto ao mar.

### 4.

De súbito recebo um tapa no rosto: foi uma folha da amendoeira, arrancada pelo vento. A cidade desapareceu, como se tragada pelas ondas. Que são cada vez maiores e mais fortes, sopradas pelo Nordeste violento. Chega uma jangada de vela suja e rota. Com a ajuda de três meninos, o jangadeiro põe rolos de madeira sob a embarcação, empurrando-a praia acima. O vento

sopra com ímpeto crescente – e começa a fazer frio. Ah, o vento! Por várias vezes tentou arrancar-me das mãos o papel em que rabisco estas notas. Ou muito me engano – ou estamos diante de uma autêntica vocação de crítico literário...

## 5.

Sei que alguns amigos gostariam de nos visitar, mas não têm o endereço. Na verdade, é muito fácil encontrar a nossa casa. Ela se limita a Leste pelo mar, a Oeste pelo pôr do sol, ao Sul pelo coqueiral e ao Norte (elevando-se um pouco a vista) pela Lua Nova. Podem vir, amigos, e façam de conta que a casa é de vocês...

## 6.

Ester nos traz alguns ingás e fica proseando na janela.

– Hoje eu comi lixa no almoço – diz ela, batendo na barriga com ar satisfeito.

Por volta das sete da manhã, passeando na praia, eu e minha mulher avistamos um grande peixe estendido na areia. Aproximamo-nos: era um animal marrom, de pequenos olhos cinza-azulados e aparência geral de tubarão. Ainda estava vivo e não mostrava sinal de ferimento.

– É um tubarão? – perguntei ao velho de chapéu de palha que, sentado numa jangada, olhava fixamente o peixe.

– Lixa – respondeu ele.

– Lixa deve ser nome de alguma espécie de tubarão, cação ou coisa semelhante, não?

– É lixa – respondeu simplesmente o velho.

Desisti. Mais tarde fiz a mesma pergunta a uma mulher. Respondeu-me que lixa era diferente de tubarão e cação, pois não comia gente.

Mas, pelo que diz Ester, gente come lixa. E ela continua a conversar animadamente junto à janela. É o que se costuma chamar de doida mansa. Os doidos mansos são um povo especial e formam uma humanidade pacata e inocente. Muito dificilmente reagem às provocações e agressões das chamadas pessoas normais. Deles deveria ser a direção do mundo, mas as pessoas normais, em maior número, acabaram tomando conta de tudo – e o resultado é isso que vocês estão vendo...

Ester, cujo verdadeiro nome é Estela, fugiu de Santo Amaro (onde era casada no civil, como repete insistentemente) em companhia de *My Friend*, que na verdade se chama Homero, para Valença. Lá – conta ela –, *My Friend* a espancou (“tirou sangue da minha testa”) e a mãe dele botou os dois na cadeia. Soltos, viveram juntos durante oito anos e se separaram.

– Há seis anos que a gente não mistura os nossos corpos, não é? – pergunta ela.

– Há seis anos – confirma solenemente *My Friend*, que tem este apelido porque é assim que costuma chamar tanto os outros quanto a si mesmo.

– A gente não pode mais viver juntos – prossegue Ester – porque a ingratidão tira a afeição. Ele me fez muito mal, mas eu não gosto de ver ninguém maltratando ele. Isso eu não quero.

*My Friend* ouviu calado a ex-companheira. Interrompe apenas para consertar a letra de uma canção que Ester tenta cantar. Ele conhece algumas palavras de inglês e castelhano e andou ensinando um pouco a ela. Ester, porém, confunde tudo: pensa que Mary quer dizer mulher (*woman! woman!* – exclama *My Friend*) e entoia estropiadamente um bolero em incrível castelhano que ela chama de *ingrêis*.

Sim, Ester é muito confusa, tonta, mas os ingás que oferta, possuem, oculto em sua doçura, um sabor de infância.

## 7.

Minha pirataria é humilde – e consigo apenas tomar de assalto um velho barco que jaz abandonado na areia. As ondas da maré-cheia quebram a menos de três metros de onde estou – e sua espuma quase toca as raízes da amendoeira. A cidade tornou-se uma sombra vaga na linha do horizonte. O vento sopra forte, resmungando no coqueiral. Na praia, além de mim e de minha mulher, somente Sofia – que cochila com a cabeça descansada num tronco roliço de madeira. Sofia é o nome que resolvemos dar à cadelinha preta e marrom que tem a esquisita – e certamente incômoda – mania de ficar de pé nas patas traseiras e cair de costas, pouco importando que o local seja macio ou duro. Ela e Ponciano, um cachorrão de cara malandra, são nossos companheiros habituais. Ponciano gosta do mar, é nadador tranquilo, mas Sofia só raras vezes (quando Ponciano está nadando) se arrisca a deixar o seco. Mesmo assim volta logo na corrida, fugindo das ondas.

Há ainda outra cadelinha que se juntou à nossa valorosa tripulação. Magra, doente, manca, feia, suja, faminta, sempre acompanhada por uma nuvem de mosquitos, é uma tristíssima figura. Nós a temos alimentado diariamente, porém ainda não juntou forças o bastante para nos acompanhar nos passeios ao longo da praia. Só pudemos encontrar-lhe um nome adequado: Tereza Batista Cansada de Guerra.

Um saveiro passa bem próximo à praia. Passa veloz no vento que enfuna sua vela triangular. O homem do leme (há dois na embarcação) nos acena fraternalmente. Acenamos em resposta – e parece que a tarde fica um pouco mais azul.

## 8.

Teremos lua cheia no fim da semana. Amigos certamente virão da cidade e aqui haverá muita gente falando alto, rindo – e

sem dúvida emborcando uma cachacinha maneira. Por enquanto, porém, sob a crescente prenhez da lua, a noite é calma na ilha. Depois do jantar à luz de velas e fifós, sentamo-nos sob as estrelas e ficamos a ouvir o mar. Ou nos distraímos com uma conversinha leve, sem rumo. Ou pensando tudo e nada, enquanto fitamos o brilho longínquo da cidade com seus faróis, edifícios, anúncios luminosos, vitrines, automóveis.

– Lá está o Farol da Barra – diz alguém.

– Olhem o Elevador Lacerda!

Ester pensa que o edifício mais alto é o Elevador Lacerda.

– É o Elevador, sim – teima ela. – E conheço a Bahia!

Inútil discutir com Ester, que em seguida (depois de “estudar a maré”, como costuma dizer) anuncia que amanhã já poderá pescar mariscos para nos vender.

– Quanto é o litro, Ester?

– Cinquenta centavos.

– Pois eu lhe darei um cruzeiro.

Ela fica espantada, sem acreditar no que eu disse.

– Pode confiar, Ester. Vou lhe pagar um cruzeiro por litro.

Vendo que estou falando sério, ela se entusiasma e promete milhões de mariscos. Acho que vou acabar tendo de lhe pedir abatimento...

## 9.

A lua de todos os astrônomos se originou há milhões de anos – mas a nossa, em rubro, nasce agora do mar. E de repente incontáveis estrelas desaparecem, ofuscadas pelo brilho da lua cheia. Que se reflete nas águas, para maior glória de Janaína. E, subindo lentamente, encanta o coqueiral, que se inclina e murmura ao sopro do vento sul. Aos poucos, enquanto se eleva, ela vai trocando o rubro pelo dourado e, finalmente, o dourado pela

prata. E nós, sentados numa jangada que descansa na areia, ficamos encantados como o coqueiral.

Adoçamos ainda mais o avanço da noite com ingás colhidos à tarde. Uma sensação de paz e acolhimento nasce das luzes distantes da cidade. Nós conhecemos bem a cidade e sabemos que ela não é pacífica nem acolhedora. A distância nos mente. No entanto, é bom ver a cidade luzindo além das águas.

A noite. O homem da cidade não a conhece. O que ele chama de noite é uma falsificação. Ao fim da tarde, num gesto automático, ele passa a mão no interruptor e acende outro dia. Mas é preciso conhecer a noite, a verdadeira – como a daqui, por exemplo, que, à semelhança da dos versos de Lorca, se tornou íntima como uma pequena praça. Onde todos, sem exceção, têm lugar ao luar.

## 10.

Já em casa, chamam-me para “ver uma coisa”. Vou e vejo: um filhote de sabiá, que Ester segura com as duas mãos.

– Meu compadre me deu agorinha mesmo – diz ela, erguendo o passarinho diante do rosto. – A questão é que eu não tenho gaiola para criar. Acho que vou amarrar ele pelo pé.

– Se você fizer isso – digo –, ele vai morrer logo.

Lembro que o que não falta na ilha é gato com fome.

– Mas eu preciso amarrar, porque não tenho gaiola.

– Nesse caso, solte-o.

Ela me fita com espanto. Diz que não pode soltar porque foi um presente do compadre.

– Se ele lhe deu, é seu – argumentei. – Se é seu, você pode fazer com ele o que quiser. Eu acho que você deve soltá-lo.

– Mas é filhote, vai morrer...

– É filhote, mas já bastante grandinho para voar. Experimente.



– Não – teima Ester. – Se eu soltar ele morre.

Como não consigo convencê-la, tento conseguir a liberdade do passarinho de outro modo:

– Quer vender o sabiá?

– Vender? Bem... – hesita Ester. – Vender eu não vendo, pois foi meu compadre que me deu. Mas, se o senhor quiser, eu dou pro senhor.

– Eu quero, sim, mas para soltar.

Ester não concorda com isso. Apanha sua lata d'água e volta para casa.

– Vou amarrar ele – grita, já de longe.

Me aborreço por não ter conseguido libertar o passarinho. Vou para o meu canto de trabalho (um tamborete improvisado e uma velha cadeira funcionando como escrivaninha), mas logo ouço novamente a voz de Ester – que diz ter soltado o sabiá. Está bem satisfeita com a decisão tomada. Como eu estou satisfeito. Como Deus – se é que Ele existe e tem tempo para prestar atenção a esses pequeninos episódios da vida – deve estar satisfeito.

## 11.

A menina que nos fornece água (dez centavos por lata) sorri durante o tempo todo. Como se isso fosse possível.

## 12.

A maré-cheia avança além da praia. Não estamos muito perto da arrebentação, mas recebemos salpicos frios a cada onda que se quebra. Intratável é a maré-cheia de março, mas o pescador lança a jangada ao mar. E não sobe na embarcação: vai atrás, segurando-a com o braço esquerdo e nadando com o direito.

– Acho que vai buscar a canoa – digo eu.

Porque, a certa distância, há uma grande canoa, apoitada, dançando nas ondas. E lá vai o pescador, a nado, empurrando a jangada. Castiga-o o mar violento, mas ele prossegue. É um rapaz de pele escura e músculos salientes. Sim, dirige-se à canoa. Mais algumas braçadas e ele chega ao destino. Encosta a jangada à canoa e, apoiando-se numa e noutra, ergue-se acima das águas. Não, não vai trazer a canoa: apenas apanha uma cesta que havia em seu interior e passa para a jangada. Agora vem sobre a embarcação, manejando o remo. A meio caminho, porém, novamente na água. Com a mão direita segura a jangada – e com a esquerda suspende a cesta acima da cabeça, para que não se molhe. Quando dá pé, ele sustenta sua carga com ambas as mãos e sai rapidamente do mar. Posta a cesta a salvo, retorna para pegar a jangada – que, sob golpe mais forte e espumeggiante, se eleva e cai emborcada na praia. Em meio às ondas que se quebram, o pescador consegue desvirá-la e, com a ajuda de alguns garotos, arrasta-a para fora do alcance do mar. Depois pega a cesta e se afasta assobiando.

Por incrível que pareça, não uma canção de Caymmi.

### 13.

O pessoal compra um quilo de carne de tartaruga. O gosto lembra o da carne de boi, mas fico apenas no pedacinho que peguei para provar. Tenho uma simpatia especial pela tartaruga, esse grande e pacífico animal antediluviano. E, para acabar de tornar-me absolutamente incapaz de comer-lhe a carne, já li e ouvi relatos de sua morte – do seu assassinato – que me impressionaram bastante.

Todas as fibras do corpo da tartaruga lutam com desespero contra a morte. Amigos meus viram um coração de tartaruga arrancado, atirado na areia da praia, continuar pulsando por vários minutos. Quando parava, alguém o tocava com o pé – e ele começava a pulsar. A vida está profundamente entranhada na tartaruga. Pelo que sei, mais do que em qualquer outro animal.

A natureza deu à tartaruga resistência multiplicada, para que ela pudesse sobreviver em meio a tantos perigos. Entre os quais, evidentemente, ainda não se contavam a rede e a faca do pescador.

#### 14.

Sáímos às sete e meia da manhã – e o relógio marcava uma da tarde quando regressamos. Foi uma longa caminhada – e nela se perdeu um dos nossos cães: a pobre Tereza Batista Cansada de Guerra, que se desgarrou quando paramos num armazém para comprar manteiga. Uma caminhada puxada pela praia não é coisa agradável para os cachorros. Pelo menos os da ilha não apreciam muito esse gênero de esporte. Logo procuram uma sombra qualquer para descansar, pois o sol daqui é forte pra cachorro.

A caminhada foi uma das mais compridas que já dei numa só metade de dia – coisa que afirmo com a maior segurança, pois é o que me repetem o tempo todo os meus pés maltratados e as minhas exaustas e doloridas pernas. Mas valeu a pena a caminhada. Que, aliás, tirante o triste desaparecimento de Tereza, não foi tão penosa assim, pois tomamos quatro banhos de mar durante a excursão e ficamos conhecendo outras praias e outros panoramas, sem falar nas frutas que colhemos, na garrafa de uísque escocês que encontramos – vazia, infelizmente – e na formidável puxada de rede à qual, embasbacados, tivemos o privilégio de assistir.

Ora, já vi diversas puxadas de rede. Como a da manhã de hoje, porém, nenhuma. Os pescadores, cada qual com o seu chapéu de palha na cabeça, estenderam a grande rede no mar límpido e tranquilo e, lentamente, começaram a puxá-la. Nós, que já íamos a alguma distância, resolvemos voltar para apreciar o espetáculo. Nossos cachorros adiantaram-se e, depois de farejarem a corda da rede, os pescadores, algumas ondas e a brisa, voltaram para o nosso lado com um inconfundível ar de aprovação nos focinhos.

Ficamos olhando. Os minutos passavam, os pescadores puxavam a rede e a nossa curiosidade aumentava. De repente, quando a rede já estava próxima, vimos um peixe de bom tamanho saltar fora do trançado assassino (que é o que deve ser aquilo na opinião dos peixes e de outros habitantes das águas) e ganhar o mar livre. A rede continuava a vir, visivelmente pesada. Momentos depois ela foi finalmente puxada para a praia – carregadíssima de... algas!

Um dia é o da pesca, o outro do pescador – disse alguém.  
E seguimos nosso caminho.

## 15.

Estou aqui escrevendo o relato de nossas emocionantes aventuras, quando minha mulher vem comunicar que Tereza Batista voltou e está deitada debaixo da pia da cozinha.

Alegro-me com a volta de Tereza. Quando chegamos à ilha, ela mal conseguia latir. De fraqueza. De fome. E, além disso, tinha um enorme carrapato encravado na cabeça. Mal conseguia latir – e agora, já livre do carrapato, caminha quilômetros sob este sol. Vamos pedir às pessoas daqui que continuem a cuidar dela depois que regressarmos à cidade.

Por falar nisto, voltaremos dentro de dois dias. Portanto, chega de escrever. A ordem é aproveitar ao máximo o azul que ainda nos resta.

# O MAIÔ E A ROSA

Vasconcelos Maia



## Vasconcelos Maia

Nascido em Santa Inês (1923), faleceu em Salvador (1988). Fundador da revista literária “Cadernos da Bahia”. Seus contos foram publicados em italiano, francês, alemão, búlgaro, russo e japonês. Publicou, entre outros, *Fora da vida* (1946), *Contos da Bahia* (1951), *O cavalo e a rosa* (1955), *O leque de Oxum* (1961) e *Cação de areia* (1986). Contista dos caminhos urbanos e marítimos da Bahia. Cultivou o conto tradicional e o moderno em que o autor mais sugere do que conta, ausculta a alma humana e projeta na mente do leitor a fantasia, resultante da síntese de uma situação dramática ou lírica, representativa da vida.

## O MAIÔ E A ROSA

No maiô vermelho seu corpo de bronze incendiava-se de reflexos dourados. As ondas corriam sobre o mar, espocavam nas rochas, desfaziam-se em espumas. O tronco sinuoso, as coxas fortes, as ancas largas, os seios ofegantes, ela caiu à sombra do guarda-sol colorido. Como uma gata lasciva enxugava na areia o corpo molhado. A onda rebentou sobre seu sexo, gaivotas pairavam no espaço, o cheiro de salitre magoando o ar.

No quarto, a imagem ressurgia dentro da rosa rubra colhida num copo d'água. A chuva continuava a cair enervante como anúncio de rádio. Mas a imagem estava ao sol e no maiô vermelho o seu corpo roçava-se na areia. Suas narinas palpitavam da carreira e as listras azuis, verdes e amarelas do guarda sol aberto riscavam seu corpo de bronze. Era um delírio de cores banhando-a, o cheiro de salitre empinando-lhe os seios, a boca entreaberta ao gosto de salitre...

O trovão pipocou sobre todas as igrejas fazendo retinir os vidros da janela. Antes, porém, um relâmpago iluminara o quarto. E seu corpo no maiô vermelho ficou projetado na parede, os cabelos revoltos emoldurando-lhe o rosto palpitante. O soneto ainda sem chave de ouro, a Bíblia aberta no Cântico dos Cânticos. Mas a rosa vivia dentro do copo d'água.

Os sinos de todas as igrejas começaram a tocar e a cidade de todos os santos entoava aleluias dentro da chuva. Mas o sol dourava a praia. O vento soprava quente arrepiando as cristas das ondas e a epiderme bronzada. Como uma gata lasciva ela esfolava a carne na areia. Os olhos eram escuros e profundos como violetas úmidas. No espaço, as gaivotas pairando, o ar carregado de salitre, o mar ofegando sobre as rochas.

Novos clarões encheram o quarto de relâmpago e os trovões retiniram no céu cinzento. Mas na praia o céu dardejava sobre o guarda – sol, colorido, banhando o corpo bronzeado de listras azuis, verdes, amarelas. O soneto ainda sem chave de ouro, a Bíblia abandonada no Cântico dos Cânticos. A dança dos sete véus irrompeu entre as quatro paredes quietas. Mas na praia, Stravinsky levantara dos rochedos escumejantes toda a grandiosidade da Sagração da Primavera.

Como uma gata ela enxugava o corpo sinuoso na areia. O vento forte arrepiava sua epiderme de bronze. Sua carne, listrada de reflexos amarelos, azuis e verdes, tinha o gosto de oceano. A boca semiaberta, os olhos semifechados, os cabelos negros cintilantes de areia.

No quarto, o soneto morto antes do fecho de ouro; a rosa rubra palpitando dentro do copo d'água.

Pelas escadarias do céu outra cadeia de trovões rolou sacudindo vidros. Os sinos de todas as igrejas da cidade de todos os pecados entoavam aleluias frenéticas. Lá fora, a chuva constante. Mas na areia, sob o guarda-sol aberto, o corpo de maiô vermelho. O choque das ondas estourando elevou-se como o final de uma sinfonia. O espaço continuava azul, nenhuma nuvem tapou o sol. Mas o corpo bronzeado emergiu na sombra, mergulhou na escuridão.

Sob os aguaceiros a voz dos sinos cantava aleluias desesperadas. A chuva jorrava enervante como anúncio de rádio. A Bíblia caída no chão, o soneto morto para sempre. Mas a rosa estava colhida no copo d'água.

Na areia, esquecido, o maiô vermelho.



# A NOIVA DO GOLFINHO

Xavier Marques



## Xavier Marques

Baiano de Itaparica (1861-1942), publicou, entre outros, *Jana e Joel* (1899), novela, *A boa madrasta* (1919), romance, e *A cidade encantada* (1919), contos. Considerado o fundador do regionalismo baiano. Sua prosa com feição parnasiana retrata tradições, costumes, paisagens e tipos humanos da Bahia. Alguns de seus contos e novelas recriam com encanto a vida de pescadores e praieiros dos mares da Bahia.

## A NOIVA DO GOLFINHO

“Havia uma linda tinharensê chamada Marina, que era também a mais singular de todas as criaturas...”

Viveu em Tinharé, nas águas alterosas do sul.

Essa ilha é formada por um alto morro sempre afligido dos ventos fortes que correm da banda do leste.

Quando os temporais conflagram o oceano, a grande ruga de terra parece muito mais longínqua e inabitável; as suas palmeiras de longos caules vergam e rangem como as cordagens dos navios em tormenta. E se os ares abonam, fujam as nuvens, brilhe o sol ou paire sereno o luar, fica sempre nas costas o eterno alarido das marés, sob os gritos das procelárias que futuram novas insurreições marinhas, naufrágios, lutas e agonias de marinheiros.

Foi ali, mas em tempo já muito antigo, quando a roca de Tinharé não dardejava ainda a torre nem o lume do farol, que viveu e morreu aquela cuja história de amor tanto comovia as raparigas de sua condição.

Talvez ainda a conte alguma velha avó, como as de outrora, sob o puxado das casas de palha, lá no cimo do morro, à hora em que num horizonte imenso, cavado e tão profundo que alucina os olhos e a alma, começam a murchar os jardins de violetas e os rosais do crepúsculo.

Era a essa hora que costumava transitar pelas praias o espetro amoroso da infeliz que esteve para noivar com o mais esquisito, o mais misterioso de todos os noivos.

Depois vinham as sombras da noite envolvendo as bordas da ilha, onde se punha a roncar o terrível gargantão, comedor de pescadores e marinheiros; nos casais do morro conchegavam-se

os vizinhos, unidos pelos mesmos sonhos e terrores que desciam com as trevas: e as velhas avós, acabando de narrar o idílio trágico da malfadada, deixavam errar mais um mistério sobre as rochas ermas de Tinharé.

## II

Eis o que elas contavam.

Havia uma linda tinharensense chamada Marina, que era também a mais singular de todas as criaturas da ilha. Sua morada era antes o campo e as praias do que o palhote, onde participava do sustento de um casal de velhos. Daquela cor de leite coalhado não havia senão ela no lugar. Era delgada como um palmito e leve como uma pena: leve de corpo e de juízo. Os olhos tinha-os um nada sombrios, tirando o azul, e os cabelos, tão sutis e asseados como os fios de uma teia de aranha.

Nisso, como em tudo mais, ela se punha fora do vulgar, semelhante a uma ave estrangeira vinda pelo céu, num dia de tempestade, para espantar as aves ribeirinhas de Tinharé, que a desconhecera sempre, sempre até a morte. De comum com as outras apenas tinha o falar, isto é, as palavras com que dizia as mil extravagâncias que lhe acudiam à mente.

Que tivesse pai ou mãe ou parente qualquer, nunca ninguém o soube. Nas ilhas aparecem às vezes desses entes solitários como elas mesmas. A gente, contudo, mal se satisfazia com esta razão, e por muito tempo não se cogitou de outra coisa.

– Donde veio Marina?... De algum navio naufragado nos bancos do coral? De algum barco onde acaso viajava a mulher que se arrependera de a ter dado à luz? Teria sido entregue às ondas dentro de uma barquinha, ou de uma condessa, como aquele inocente que passava na correnteza do rio e foi salvo por uma princesa?...

Depois ninguém mais indagou da origem de Marina. O gênio caprichoso, as excentricidades, as louquices dela fizeram esquecer esse enigma. Em vez de perguntarem de que parte e como viera à ilha, perguntavam todos com pasmo quem havia formado naquele corpo franzino de criança um coração tão poderoso para resistir e tão soberbo para desejar.

Oh! não, nunca se vira em gente humilde um desejo tão alto, nem tão pouca resignação ao seu destino. Se bem a entendiam, ela queria colher à mão os astros, como se apanha os malmequeres no vargado. Ambiciosa e cobiçada nenhuma o foi jamais como a linda criatura. Mas pobres daqueles que se enamoravam de Marina: ela não lhes dava mais esperança do que os vagalumes dão luz. Se um instante os escutava, dias e semanas fugia até de vê-los. Procuravam-na, espreitavam-na e lá iam encontrá-la nas dunas da costa ou na crista de um rochedo, sozinha e pensativa, como que à espera de embarcação ou de alguém que lhe houvesse prometido entrevista.

Andava cega pelas ondas ou por alguma visão que só a ela aparecia por cima das águas.

– Quem será?

E os tinharenses moços a rogar, a implorar-lhe piedade. Porque eles sofriam, coitados! Sofriam constante o duríssimo desprezo, que é a maior pena de amor. Se eram bons, faziam-se melhores, a fim de merecê-la. Trabalhavam dias inteiros no mato a cortar piaçaba, pelejavam na pesca e marinhagem com borrascas e calmarias. Como eram tidos por famosos indolentes, puniam-se com aturadas labutações; que assim é que eles catavam a confiança das raparigas que apeteciam ter por amantes. E todas elas amaram, deram marinheiros ao mar e cultivadores às vargens. Só a caprichosa Marina se recusava à lei da tribo, querendo, pelos modos, imitar a figueira que negou um fruto a Nosso Senhor.

– E' uma ovelha brigada com o rebanho...

Assim diziam as outras, não menos escandalizadas pelo contraste da sua vida, sempre ao revés dos gostos, dos sentimentos, do pensar e das maneiras comuns. Quando todos riam, ela se mostrava amuada e triste. Se um temporal sobrevinha, atordoando o morro com os estrépitos das vagas, toda a gente se recolhia silenciosa; mas agora é que era possível ver Marina aos saltos, cantando, rebentando de alegria. Sua voz acrescentava às cantigas mais sabidas umas toadas, uns retornelos de paixão e melancolia estranhas.

– Quem te ensinou essa toada, Marina?

– Foi o mar – respondia.

No meio do canto, repentinamente, calava-se, lançava suspiros à – toa e muitas vezes acabava enxugando os olhos com a teia esparsa dos cabelos.

Assim vivia a desditosa num ansiar sem repouso, abrasada por uma sede sem aplacamento. Vela que transluzisse no horizonte fazia-a cismar com uma estrela que corresse no céu. Barco que aproasse à ilha, esperava-o a pé quedo, no porto, com o coração em frêmitos. Sumia-se a vela; do barco desciam os costumados, os vulgares tinharenses. Marina voltava, ora triste, morta de tristeza, ora agastada, mais intratável que um bicho. Criam muitos que ela amava, que curtia uma grande paixão de homem desconhecido. A dificuldade estava em explicar-se onde vira esse homem, que ninguém nem por sombra o encontrara naquele monte de terra, cujos habitantes, sem excluir os próprios animais, andavam pisando os mesmos sítios e caminhos.

Um dia, enfim, depois de violenta marulhada, achando-se ela no topo de uma escarpa, de frente para o oceano, alguém se aproximou e pode ouvir-lhe a súplica inaudita que dirigia às ondas ainda ressentidas da tempestade.

– Mar, ó mar dos golfinhos encantados e das sereias feiticeiras, que é do meu amado marinheiro, aquele que me prometeste e por quem anseio mais que as tuas ondas? Traze o

meu noivo, ó mar querido, que já não tenho suspiros no peito para lhe mandar!...

Desde então, sempre que Marina desaparecia da chã do morro, era certo estar pousada em algum seixal da costa, a falar com o oceano essa língua que só assentava na loucura ou nos lábios cabalísticos de alguma bruxa. Quando subia, era mais muda que as pedras: os olhos semicerrados, fugidos com horror deste mundo, como que os vazara para não ver os pobres colhedores de piaçava que andaram a ferir os pulsos nas palmeiras de espinho e agora desafojavam o peito em cantigas dolentes, capazes de comover os penhascos.

Enquanto eles padeciam, a visionária sonhava. Passava dias longos dentro do seu sonho, donde só se desprendia aos primeiros uivos do temporal.

Ei-la de novo a folgar, a cantar e a dançar.

Isso fez compreender aos tinharenses que o marinheiro prometido devia chegar, como as aves da procela, num grande ruge-ruge de ventania e chuvas. A certeza desse amor agourento e quase fantástico teve-a a gente do morro na manhã em que Marina, acordando de bom humor, contou às vizinhas:

– Sonhei que um navio tinha ferrado na costa da ilha. Era todo branco e brilhava como um navio de prata. As velas alvejavam como as roupas do coradouro ao luar. Na proa trazia duas figuras, que eram dois golfinhos de ouro, com as caldas retorcidas voltadas para o céu. Veio de bordo um moço corado e lindo, que parecia mais um príncipe do que um marinheiro, e subindo a este morro, chegou-se a mim e disse: - “Bela menina, há muito tempo que te procuro, saltando de ilha em ilha, de praia em praia, trazido pelas ondas e pelos ventos que me levavam teus suspiros e queixumes. Sabes quem sou eu? Sou o príncipe dos marinheiros. Aqui estou e venho buscar-te ... prepara-te e segue-me, se é do teu agrado”.

E Marina, crente e feliz, pos-se a girar como o fuso nas mãos da fiandeira.

Entretanto foram correndo as semanas e o marinheiro não chegava, nem com tormenta nem com bonança, em navio de prata ou barco de madeira. Pelas praias e grotas a ambiciosa criatura a penar, a gemer e a exclamar:

– Ó mar dos golfinhos encantados e das sereias feiticeiras, que é do meu amado marinheiro, aquele que me prometeste e por quem anseio mais que as tuas ondas?...

### III

Um dia, tendo descido a escarpa do morro, logo às primeiras claridades da manhã, Marina afastou-se até sumir-se, do tamanho de um pássaro, nas areias espessas do litoral. Havia passado um rebojo; aves pesadas sulcavam o céu, baixando às vezes até molhar as penas na espumarada do oceano.

As rochas marinhas, os morretes de pedra verdejavam de camadas de limo que as marés de água-viva tinham criado, na conjunção da lua.

A tinharensense demorou-se horas esquecidas, mas quando apareceu não cabia em si de contente. Nas faces de leite coalhado fulgiam-lhe uma luz de nácar puríssimo, o cabelo esvoaçava, os olhos dilatados e mais azuis ardiam em febre de alegria. E ela chilrava como uma andorinha a fazer verão.

– Que viste hoje, Marina?

– Vi o meu amado.

Vira-o de fato. Depois de tanto suspirar, de tanto ansiar, de tanto gemer, o mar lhe mandara o prometido e desejado amante. Não viera em nave de prata nem esquife de madeira: ela o encontrara de súbito, encostado a um morrete verdejante, ao pé da escarpa que se abria em grutas habitadas por aves marinhas. Belo, feiticeiro, fresco e palpitante como um peixe n'água, tinha o ar de quem dizia: “Pensavas que eu não vinha, amor? Pois aqui estou”. Era fielmente aquele que ela trazia retratado na mente, –



marinheiro e jovem, de cabelos ruivos como as barbas da lagosta, o rosto vermelho da lustrosa cor dos salmonetes, os olhos amorosos esverdeados, profundos como os abismos onde flutuavam as querenas de seus navios de sonho. Sua voz (ele falou-lhe) era um murmúrio doce e brando, só comparável ao rumor dos mimosos búzios que ela gostava de escutar; seu sorriso (ele sorriu-lhe) deixando-a fascinada como o brilho de escamas dos alvíssimos dentes...

E agora, todas as manhãs, partia Marina do puxado da casa e lá ia esconder-se com a sua felicidade nas grutas mais silenciosas, longe, entre as eriçadas fragas da costa. Passava quase os dias inteiros nesses retiros, em colóquios misteriosos com o noivo, de quem contava maravilhas, o lindo noivo que a enchia de promessas, de carícias e lisonjas, mas que a ninguém aparecia e a quem todos viam somente pelos olhos da encantada criatura.

– Que ele era esquivo, confirmava Marina, mas havia de vir, havia de mostrar-se, e então julgariam o tesouro que as vagas lhe trouxeram.

Supunham-no algum náufrago ou mareante fugido de bordo. Pelos traços que ela dava, seria estrangeiro, vindo por altos mares, dos países desconhecidos e tão remotos que parecem lendas.

Muita moça do morro invejou a estrela da gloriosa tinharensense. Como ela, desejavam ser loucas para ter sonhos de que assim despertassem. Os moços aquietaram-se e perdoaram-lhe o orgulho e os desdêns, porque ela, enfim, já amava. Os velhos rogavam ao céu pela paz daquele coração que tanta piedade merecia.

Todos os dias estava o noivo para subir ao casalejo; e cada dia se malograva a expectativa dos tinharenses.

Decorreram tempos. Ninguém viu, de longe sequer, o marinheiro de Marina. As raparigas e os homens baldaram passos e tocaias; nunca atinaram nem com a gruta onde se refugiavam os felizes amantes.

Já no espírito da gente nascia a suspeita de algum encantamento ou bruxaria, quando de repente se soube que Marina pedira ao casal de velhos um canto da casa de palha para morar com o adventício que viria a desposá-la.

Ela por sua vez fazia aprestos de noivado, dizendo e jurando:  
– Está para breve...

De tábuas de pau-louro mandou construir um leito sobre quatro toros. De macias flores de macela encheu uma colcha, que estendeu nas tábuas. A mulher que cosia rendas teceu-lhe fronhas para os travesseiros. Marina carregou a areia mais branca da praia e cessou-a numa urupema sobre o chão da camarinha, onde passou a queimar folhas aromáticas de alecrim.

Nada mais faltava para as núpcias, a não ser quem lhes deitasse a benção.

Num domingo pela manhã foi anunciada a vinda do marinho.

Companheiras, ajudem-me a enramar esta casa para que se torne digna de receber o meu amado.

Vieram do mato braçadas de folhagem fresca, ainda gotejante de orvalho, ramos de murungu que pareciam cobertos de borboletas vermelhas, cachos alvos de ingazeiro, lírios convas e regaços cheios de flores amarelas de S. João.

As moças, amigas de folgar, pregavam palmitos e canas aos portais da casa, e com os cipós floridos das trepadeiras fizeram festonadas, que pendiam das vergas do palhote. O terreiro alastrou-se de conchas e juncou-se de folhas de pitanga. A casa dos velhos parecia um bosque sagrado, todo em flor, para as núpcias de uma ninfa.

Vieram os bons cantores com as violas. Todas as suas mágoas se finaram, por não haver mais coração que disputar. Dentro de poucas horas iam conhecer o ente privilegiado que cativara e possuía o coração arisco da tinharensa.

Assim que o sol abrandou e no céu do morro, azul da cor do seu mar, começaram a desdobrar-se as nuvens róseas e douradas

da tarde, Marina, com os cabelos ornados de junquinhos, saiu a correr pelo trilho escarpado, ao encontro do marinheiro que a esperava ao pé das rochas.

Lá se demorou mais de uma longa hora. Mas com surpresa dos convivas voltou sozinha.

– Teu noivo, Marina?...

Ele aí vem, ele aí vem... Soem as violas, para que haja prazer em volta do meu amado.

As violas soltaram rasgados vivos e estridentes. Pararam. Repetiram as tocatas. E o marinheiro não chegava.

– Ele aí vem... Dancem, companheiras, para que sejam de primor as boas-vindas do meu amado.

As moças rodaram como fusos. Cantaram. Sapatearam. E o marinheiro não subia.

– Ele aí vem... Ora, esperem.

Marina tornou a descer, mais rápido que uma andorinha no ar, com o cabelo espalhado a derramar os junquinhos de que se havia engrinaldado para as núpcias.

Desceu e sumiu-se...

Nisto as sombras caíram pesadamente, enrolando-se ao longo da praia. As nuvens do crepúsculo, de róseas fizeram-se roxas, de roxas tornaram-se pretas.

Uma vasta mancha negra fechou num capuz o horizonte do morro, e um vento irado, esmigalhando vagas e vagas contra as penhas da costa, ganhou o cimo, passou esmagando as copas das árvores, que se punham a urrar, enquanto os caules das palmeiras gemiam.

Marina não voltava.

Homens e raparigas recolheram-se ao palhote, surpreendidos por essas trevas repentinas e por essa tormenta assombrosa, em que o oceano bramia pela boca de milhões de feras assanhadas, que em feras se haviam transformado as ondas.

Marina continuava ausente!

Palmas e ramagens eram arrancadas do terreiro e destruídas, como se lhes tocassem as mãos de iracundos demônios. A casa como que girava num vértice; as próprias criaturas tinham medo de ser arrebatadas pelas refregas. Apelos, protestos furiosos articulavam-se no alarido da tempestade. O vento silvava maldições, o mar levantava clamores de vingança. Parecia que todos os gênios marinhos, peixes encantados, sereias, feiticeiras raivosas, acudiam das suas glaucas moradas para impedir a união dos amantes ...

Nem Marina, nem o marinheiro!

Só então se fez a luz sobre o mistério daquele amor desnatural...

– Pai do céu, que horror!

E ao espírito da gente surgiu, mas só então, no seu feitio verdadeiro, aquele que sob as formas enganadoras de homem tinha vindo iludir a ambição da triste e malfadada.

Noivado, se o houve, foi no seio do abismo, no leito frio do mar, donde nunca mais voltou a noiva do golfinho.

# POSFÁCIO

## CONTOS dos Mares da Bahia

Gerana Damulakis

Histórias dos Mares da Bahia é uma antologia específica e, como tal, seu organizador optou por planejá-la segundo uma circunstância comum: o cenário, ou seja, os mares da Bahia. As antologias literárias específicas não pretendem cobrir a produção literária visando abarcar um todo, porém miram determinado aspecto que reflita um interesse especial. É importante a organização de uma antologia de contos que guarde um ponto comum e essencial, presente em todos os textos. Mais interesse surge se pensarmos na extensão da costa baiana, pois o nosso é o estado brasileiro com o maior litoral, haja vista seu impressionante número, cerca de 900 km, que indica 12,4% do litoral brasileiro.

Diante dos números, fica óbvio que a arte baiana tem o mar como presença praticamente obrigatória. Mas isto não é verdade quando se trata da arte literária. O mar não está como cenário constante na maioria dos textos, quer se pense nos romances, quer a leitura se fixe nos contos. Talvez se faça mais cantado na poesia. É certo que na obra de Jorge Amado encontramos tanto o mar, quanto as plantações de cacau, como cenários recorrentes de seus romances, que são os romances da Bahia, como o próprio escritor os denominou. E Adonias Filho lançou seu personagem rumo ao mar, para se entregar à vida do mar, abandonando tudo o mais, em Luanda Beira Bahia. No gênero conto temos alguns exemplos, tais como “O Arpoador” e “A noiva do golfinho”, de Xavier Marques, como marcos importantes. De Vasconcelos Maia,

com seu conhecimento sobre o mar, dono de saveiro que era, temos os contos “Cação de areia”, “Tempestade” e “Um saveiro tem mais valia”. Mas, reparando bem, os escritores baianos preferem ver o mar da praia, ou no cais, em terra firme olhando o mar, só que, nesta altura, levantar tal questão não tem muita importância. De forma que o organizador Cyro de Mattos traz contos pinçados das obras de cada autor presente em Histórias dos mares da Bahia.

Sendo vários autores e, claro, vários estilos, a versatilidade que o livro apresenta pode ser entendida como exemplos da sabedoria que o mar deixou em cada autor, o que cada um arrebanhou ao longo de suas vidas e de seus contatos com a vastidão do Atlântico. O mais relevante nesta antologia são fatos reais: o fato primeiro de juntar os textos, depois o de registrar tais textos mediante a publicação, a exposição dos autores e, por fim, mostrar e chegar aos leitores mais uma produção que enriquece a literatura baiana. A roda da engrenagem avança mais um dente.

(Salvador, olhando para o mar da Baía de Todos os Santos)



Mar de poetas essenciais das letras brasileiras: Castro Alves e Sosígenes Costa. Mar que é contado de maneira original e comovente nesta antologia. Como saga regional brasileira, lenda e realidade, com gente do povo e de outras camadas sociais, no fluxo e refluxo das ondas dando lugar à vida com suas paixões e instintos primitivos. Mar de pungente fantasia procedente do imaginário popular. Mar por entre claridades e sombras, acima de tudo o mar da Bahia, ritmado no essencial do assunto com carne e sonho.

Espera-se que esta antologia ofereça leitura prazerosa e ao lado disso sirva de motivação para a busca de caminho maior no conhecimento da obra de cada autor aqui elencado. Uns com trajetória consolidada nas letras brasileiras, outros sem ainda romper as fronteiras estaduais, mas todos eles com um trabalho que, em nível de qualidade estética e rico conteúdo da vida, em si mesmo se sustenta. Garante assim a força e a alma da literatura baiana, sua progressão na qual se vê aqui o quanto se acha em boas mãos. Os contistas reunidos nesta antologia são capazes de suscitar com suficiência na escrita o interesse do leitor por uma história curta.

ISBN 978-85-7455-416-7



9 788574 554167